

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
INSTITUTO DE LETRAS – IL  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD

GLOSSÁRIO DE LEITURAS DE “*DIE AUFGABE DES ÜBERSETZERS*”  
DE WALTER BENJAMIN: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A  
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DA TRADUÇÃO

CLARISSA PRADO MARINI



Brasília  
Março / 2015



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB**  
**INSTITUTO DE LETRAS – IL**  
**DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD**

**GLOSSÁRIO DE LEITURAS DE “*DIE AUFGABE DES ÜBERSETZERS*”**  
**DE WALTER BENJAMIN: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A**  
**HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DA TRADUÇÃO**

**CLARISSA PRADO MARINI**

**Brasília**  
**Março / 2015**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
INSTITUTO DE LETRAS – IL  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD

GLOSSÁRIO DE LEITURAS DE “*DIE AUFGABE DES ÜBERSETZERS*”  
DE WALTER BENJAMIN: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A  
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DA TRADUÇÃO

CLARISSA PRADO MARINI

ORIENTADORA: PROFA DRA ALICE MARIA DE ARAÚJO FERREIRA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Brasília  
Março / 2015

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA E CATALOGAÇÃO

MARINI, Clarissa Prado. **Glossário de leituras de “Die Aufgabe des Übersetzers” de Walter Benjamin**: uma contribuição para a História Contemporânea da Tradução. Brasília: Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2015, 157f. Dissertação de mestrado em Estudos da Tradução.

Documento formal, autorizando reprodução desta dissertação de mestrado para empréstimo, exclusivamente para fins acadêmicos, foi passado pelo autor à Universidade de Brasília e acha-se arquivado na Secretaria do Programa. O autor reserva para si os outros direitos autorais, de publicação. Nenhuma parte desta dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do autor. Citações são estimuladas, desde que citada a fonte.

### FICHA CATALOGRÁFICA

MARINI, Clarissa Prado.

Glossário de leituras de “Die Aufgabe des Übersetzers” de Walter Benjamin: uma contribuição para a História Contemporânea da Tradução / Clarissa Prado Marini; orientador Profa. Dra. Alice Maria de Araújo Ferreira. - Brasília, 2015.

157f.

Dissertação (Mestrado - Pós-Graduação em Estudos da Tradução POSTRAD) Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) - Instituto de Letras (IL) - - Universidade de Brasília (UnB), 2015.

1. Tradução. 2. Terminologia. 3. Teoria da Tradução. 4. História da Tradução. 5. Terminografia. I. Ferreira, Alice Maria de Araújo, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
INSTITUTO DE LETRAS – IL  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD

**GLOSSÁRIO DE LEITURAS DE “*DIE AUFGABE DES ÜBERSETZERS*”  
DE WALTER BENJAMIN: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A  
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DA TRADUÇÃO**

CLARISSA PRADO MARINI

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO SUBMETIDA AO PROGRAMA  
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO, COMO  
PARTE DOS REQUISITOS NECESSÁRIOS À OBTENÇÃO DO  
GRAU DE MESTRE EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO.

BANCA EXAMINADORA

---

Professora Doutora Alice Maria de Araújo Ferreira (POSTRAD/UnB) (Orientadora)

---

Professora Doutora Germana Henriques Pereira de Sousa (POSTRAD/UnB) (Examinadora interna)

---

Professora Doutora Alessandra Paola Caramori (UFBA) (Examinadora Externa)

---

Professora Doutora Sabine Gorovitz (POSTRAD/UnB) (Suplente)

À minha mãe, Jussara,  
ao meu pai, Miguel  
e ao meu amor, André.

## AGRADECIMENTOS

Às forças que me levantaram quando eu pensava não haver mais forças.

Agradeço à minha família, que é minha maior torcida. À minha mãe, Jussara Pereira Prado, por me mostrar o que é ser forte para assumir as empreitadas que estão destinadas a nós e por me dar todo o seu amor, carinho e compreensão. Ao meu pai, Miguel Ângelo Marini, por ser o espelho do sucesso acadêmico e pessoal que quero poder alcançar e por me conceder tudo o que preciso para que isso se torne realidade, e pela sua dedicação, preocupação e aconselhamento. À minha irmã, Cecília Prado Marini, por me fazer aprender a compartilhar. Ao meu amor e companheiro de vida, André Luiz da Rocha Ferreira, por me compreender, me fazer acreditar e por fazer a caminhada ser mais leve. Agradeço também aos meus avós, padrinhos, tios e primos da Família Prado e da Família Marini que sempre torceram pelo meu sucesso com todo o coração.

À minha orientadora e iniciadora na pesquisa, Alice Maria de Araújo Ferreira. Obrigada por acreditar em mim desde o primeiro ano de iniciação científica. Obrigada por me acompanhar, ensinar e encorajar para caminhos futuros na caminhada acadêmica. As conquistas até aqui não teriam sido as mesmas não fosse a sua participação.

À professora Germana Henriques Pereira de Sousa por aceitar fazer parte da banca de avaliação e pelos valiosos comentários na banca de Relatório de Pesquisa. Obrigada pelos conselhos sobre a pesquisa e sobre a vida acadêmica, pelos ensinamentos desde as disciplinas cursadas na graduação e pelas oportunidades. Obrigada também pelo carinho de sempre.

À professora Alessandra Caramori por gentilmente aceitar fazer parte da banca de avaliação.

Aos professores do POSTRAD que contribuíram na trajetória do mestrado.

Agradeço imensamente à professora Inês Oseki-Dépré pelo agradável encontro e disponibilidade de trocas tão importantes para este trabalho.

Ao querido amigo Rodrigo D'Ávila por ser meu grande companheiro de graduação e também de mestrado. A Mariângela Andrade pela sincera amizade e incentivo desde a nossa primeira disciplina na graduação. À amiga Patrícia Rodrigues Costa conquistada no mestrado, obrigada por compartilhar tanto. A Jakeline Nunes e demais amigos desde a graduação pelos bons momentos de aprendizado juntos. A Cláudia Almeida pelo incentivo sempre tão

carinhoso. Aos demais amigos e colegas de mestrado sempre dispostos a trocar experiências e apoiar uns aos outros. À equipe Belas Infiéis pela oportunidade.

Agradeço a todos os amigos que sempre torceram por mim e ajudaram como puderam. Em especial às amigas de uma vida inteira Luana Tzatcheva e Valentine Nunes pelo amor e apoio incondicionais. A Nathalia Braga e Alhandra Teixeira por me acompanharem desde tão cedo. À querida Amanda Lima pela admiração mútua e pelas palavras sempre incentivadoras. A Adriana Fois pelo carinho de sempre e a Gabriel Borges pela torcida festeira. A Eduardo Neto, Bárbara Yalle e Évila Gomes pela compreensão e amizade. À querida Maria da Graça Andrade pelas ajudas iluminadas quando foi preciso.

À amiga Christiane Tegethoff pela imprescindível ajuda com a língua alemã. Obrigada pelas aulas, pelo material, pelas respostas e por sempre esclarecer minhas dúvidas tão solicitamente.

À minha tia e colega de mestrado Sátia Marini pela preciosa ajuda com a revisão final do trabalho e a tradução do resumo para o inglês.

À amiga Désirée Miguel pelo material disponibilizado, pela revisão da tradução do resumo para o francês, pelas oportunidades e pela amizade.

Aos novos colegas que pude conquistar na experiência com a docência, em especial a Fernanda Alencar sempre tão compreensiva e prestativa.

Àqueles que, graças à minha falha de memória, não foram mencionados aqui, mas fizeram parte da minha caminhada até aqui e contribuíram para o êxito deste trabalho.

Agradeço enfim à Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Ensino Superior (CAPES) pelo indispensável suporte para a realização deste trabalho.

firmo o pé e começo  
na mão seu espelho  
sob sua guia  
o caminhar  
de doces e ervas

Ângela Figo

## SUMÁRIO

Dedicatória	V
Agradecimentos	VI
Índice de Figuras	XI
Índice de Tabelas	XII
Resumo	XIII
Résumé	XIV
Abstract	XV
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO 1 – A OBRA E AS LINHAS TEÓRICAS</b>	<b>6</b>
1. A autora Inês Oseki-Dépré	7
2. A obra “ <i>De Walter Benjamin à nos jours... (Essais de traductologie)</i> ”	9
3. Organização e temas da obra	10
4. Primeira Parte – Walter Benjamin e suas influências: Entre hermenêutica e poética	12
4.1. Walter Benjamin e “ <i>Die Aufgabe des Übersetzers</i> ”	13
4.2. Antoine Berman e a tradutologia	16
4.3. A prática literalista na França: de Mallarmé a Klossowski	19
4.4. Henri Meschonnic e a poética do traduzir	22
4.5. Haroldo de Campos e a prática transcriadora	27
5. Para uma história contemporânea da tradução	31
<b>CAPÍTULO 2 – TERMINOLOGIA</b>	<b>35</b>
6. Terminologia: fundamentos, teorias e conceitos	36
6.1. Linguagem de especialidade e Terminologia	38
6.2. A unidade terminológica: o termo	42
7. Terminologia e Epistemologia	43
7.1. Relação termo-conceito	43
7.2. Discurso científico, discurso teórico: Sistema de conceitos	45
<b>CAPÍTULO 3 – VARIANTES TRADUTIVAS</b>	<b>48</b>
8. A variação linguística e a variação terminológica	49
9. A variante tradutiva	51
10. As traduções em português e francês de “ <i>Die Aufgabe des Übersetzers</i> ”	52
11. Metodologia de análise	55
11.1. <i>Aufgabe (des Übersetzers)</i>	58
11.2. <i>reine Sprache</i>	61
11.3. <i>Wandel/wandeln/Wandlung(en)</i>	76
11.4. <i>Form</i>	83
11.5. <i>Wörtlichkeit</i>	84
12. Tendências conclusivas da análise	85

<b>CAPÍTULO 4 – PROJETO TERMINOGRÁFICO DO GLOSSÁRIO</b> _____	87
13. Elaboração do glossário	89
13.1. Macroestrutura	91
13.2. Microestrutura	93
13.2.1. Considerações sobre definição e tradução	93
13.2.2. Fichamento e levantamento das informações e acepções	95
13.2.3. Concepções e tipos de definição	98
13.2.4. Modelo de Microestrutura para nosso glossário	102
13.3. Sistema de remissivas	104
<b>CAPÍTULO 5 – O GLOSSÁRIO</b> _____	107
Apresentação	108
Guia de Leitura	111
Abreviaturas	112
Glossário	113
Referências Bibliográficas do Glossário	127
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> _____	129
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> _____	134
<b>ANEXO</b> _____	139

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Esquema de filiações teóricas a partir do que expõe Oseki-Dépré. ....	34
Figura 2. Esquema comparativo: signo linguístico vs. termo. ....	42
Figura 3. Verbetes “ <i>reine Sprache</i> ” .....	103
Figura 4. Verbetes "forma" .....	103
Figura 5. Verbetes "entre-línguas / <i>entre-les-langues</i> " .....	104
Figura 6. Verbetes dicionário alemão Langenscheidt. ....	139
Figura 7. Verbetes dicionário alemão Langenscheidt. ....	140
Figura 8. Verbetes dicionário alemão Langenscheidt. ....	141
Figura 9. Verbetes dicionário alemão Langenscheidt. ....	141
Figura 10. Verbetes dicionário alemão Langenscheidt. ....	141
Figura 11. Verbetes dicionário alemão Langenscheidt. ....	141

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Variantes tradutivas em português e francês dos termos de Walter Benjamin.....	57
Tabela 2. Variantes tradutivas de reine Sprache na tradução de Fernando Camacho (1979). .....	64
Tabela 3. Variantes tradutivas de reine Sprache na tradução de Karlheinz Barck e outros (1994).....	66
Tabela 4. Variantes tradutivas de reine Sprache na tradução de Susana Kampff Lages (2001). .....	67
Tabela 5. Variantes tradutivas de reine Sprache na tradução de João Barrento (2008). .....	68
Tabela 6. Variantes tradutivas de reine Sprache na tradução de Susana Kampff Lages (2010). .....	70
Tabela 7. Variantes tradutivas de reine Sprache na tradução de Susana Kampff Lages (2011). .....	72
Tabela 8. Variantes tradutivas de reine Sprache na tradução de Maurice de Gandillac (2000).....	73
Tabela 9. Variantes tradutivas de reine Sprache na tradução de Laurent Lamy et Alexis Nouss (1997). .....	74
Tabela 10. Variantes tradutivas de Wandel/wandeln/Wandlung(en) na tradução de Fernando Camacho (1979).....	77
Tabela 11. Variantes tradutivas de Wandel/wandeln/Wandlung(en) na tradução de Karlheinz Barck e outros (1994). .....	78
Tabela 12. Variantes tradutivas de Wandel/wandeln/Wandlung(en) na tradução de Susana Kampff Lages (2001).....	79
Tabela 13. Variantes tradutivas de Wandel/wandeln/Wandlung(en) na tradução de João Barrento (2008). .....	79
Tabela 14. Variantes tradutivas de Wandel/wandeln/Wandlung(en) na tradução de Susana Kampff Lages (2010).....	80
Tabela 15. Variantes tradutivas de Wandel/wandeln/Wandlung(en) na tradução de Susana Kampff Lages (2011).....	80
Tabela 16. Variantes tradutivas de Wandel/wandeln/Wandlung(en) na tradução de Maurice de Gandillac (2010).....	82
Tabela 17. Variantes tradutivas de Wandel/wandeln/Wandlung(en) na tradução de Laurent Lamy e Alexis Nouss (1997).....	82
Tabela 18. Os grupos de termos que compõem a macroestrutura do glossário.....	93
Tabela 19. Ficha terminológica reine Sprache. ....	96
Tabela 20. Ficha terminológica littéralité.....	97

## RESUMO

O presente trabalho pretende apresentar uma proposta de Glossário Crítico da Tradução elaborado a partir da primeira parte do livro “*De Walter Benjamin à nos jours... (Essais de traductologie)*” (2007) de Inês Oseki-Dépré desta forma aproximando as áreas da História (da Teoria) da Tradução, a Terminologia (e Terminografia) e a Epistemologia (dos Estudos da Tradução/Tradutologia). A partir das relações teóricas, estabelecidas pela autora, entre Walter Benjamin e seus três “herdeiros” Antoine Berman, Henri Meschonnic e Haroldo de Campos, o trabalho busca restituir (e contribuir para) essa história contemporânea da tradução, traçando o percurso dos termos de Benjamin apresentados em seu texto “*Die Aufgabe des Übersetzers*” até seus desdobramentos conceituais em seus herdeiros. Para cumprir o objetivo principal de elaboração de um glossário crítico, foram selecionados cinco termos fundamentais de Benjamin e verificadas suas definições a partir do discurso benjaminiano. Foram também analisadas as traduções destes termos em diferentes traduções publicadas em português e em francês, que aqui chamamos de variantes tradutivas, e discutidas as consequências das escolhas tradutivas feitas pelos tradutores. Selecionamos também alguns termos dos três teóricos filiados a Benjamin que caracterizam desdobramentos das interpretações destes autores sobre o texto benjaminiano. Assim, pensamos a elaboração de um modelo de macroestrutura (conjunto de termos), microestrutura (o verbete em si) e o sistema de remissivas do glossário, de forma que as três dimensões do glossário dessem conta dos aspectos histórico e crítico da nossa análise e consequente elaboração dos verbetes dos termos. Também discutimos a importância do estudo dos termos pertencentes ao discurso de uma área de conhecimento para se compreender a própria área e sua história num âmbito epistemológico. Este trabalho se insere assim não só na área terminológica/terminográfica, mas também busca contribuir para uma história contemporânea e crítica da tradução. Nossa proposta é por meio da história dos termos da Teoria da Tradução, contribuir para a História da Tradução e de sua Epistemologia.

**Palavras-chave:** História da Tradução; Teoria da Tradução; Terminologia crítica; Glossário; Walter Benjamin; Inês Oseki-Dépré.

## RÉSUMÉ

Ce travail se propose de penser l'élaboration d'un Glossaire Critique de Traduction à partir de la première partie de l'ouvrage « *De Walter Benjamin à nos jours... (Essais de traductologie)* » (2007) d'Inês Oseki-Dépré. Cet objectif établit un rapprochement entre les domaines de l'Histoire (de la Théorie) de la Traduction, de la Terminologie (et la Terminographie) et de l'Épistémologie. À partir des rapports théoriques, établis par l'auteure, entre Walter Benjamin et ses trois « héritiers » Antoine Berman, Henri Meschonnic et Haroldo de Campos, ce travail vise à restituer (et contribuer à) cette histoire contemporaine de la traduction, en dessinant le parcours des termes de Benjamin présentés dans son texte "*Die Aufgabe des Übersetzers*" jusqu'aux prolongements conceptuels chez ses héritiers. Pour accomplir l'objectif principal d'élaboration d'un glossaire critique, cinq termes fondamentaux de Benjamin ont été sélectionnés et leurs définitions ont été vérifiées à partir du discours benjaminien. On a aussi analysé les traductions des termes choisis dans de différentes traductions publiées en portugais et en français, que nous avons nommés ici les variantes traductives. Par ailleurs, nous discutons les conséquences des choix traductifs faits par les traducteurs. Nous avons sélectionné aussi des termes des trois théoriciens affiliés à Benjamin caractérisant des prolongements des interprétations de ces auteurs sur le texte benjaminien. Ainsi, nous proposons un modèle de macrostructure (l'ensemble des termes), de microstructure (l'article terminographique) et d'un système de renvoi, afin de permettre aux trois dimensions du glossaire de contempler les aspects historique et critique de notre analyse. Nous discutons également l'importance de l'étude des termes appartenant au discours d'un domaine de savoir afin de comprendre le domaine et son histoire, dans un cadre épistémologique. Ce travail s'inscrit ainsi dans le domaine de la terminologie/terminographie et cherche à contribuer à une histoire contemporaine et critique de la traduction. Notre propos est : à partir de l'histoire des termes de la Théorie de la Traduction, contribuer à l'Histoire de la Traduction et de son épistémologie.

**Mots-clés:** Histoire de la Traduction; Théorie de la Traduction; Terminologie critique; Glossaire; Walter Benjamin; Inês Oseki-Dépré.

## ABSTRACT

This paper aims at presenting a proposal for a Critical Glossary of Translation based on the first part of the book "De Walter Benjamin à nos jours ... (Essais de traductologie)" (2007) by Inês Oseki-Dépré, thus bringing together the areas of History of Translation (Theory), Terminology (and Terminography) and Epistemology (of Translation Studies/Translatology). Based on the theoretical relationships, established by the author, between Walter Benjamin and his three followers, Antoine Berman, Henri Meschonnic and Haroldo de Campos, this work intends to bring back (and contribute to) this contemporary history of translation, tracing the route of Benjamin's terms observed in his text "Die Aufgabe des Übersetzers" up to the conceptual developments of such terms by his followers. To fulfill the main objective of developing a critical glossary, five Benjaminian key terms were selected and their meanings checked within Benjamin's discourse. We also analyzed the translations of these terms in different translations published in Portuguese and French, here called translation variants, and discussed the consequences of the translation choices the translators made. We have selected some terms of the three theoreticians associated to Benjamin, which represent the developments of their interpretations on the Benjaminian text. Therefore, we developed a model for the macrostructure (list of terms), the microstructure (the entry) and the cross references system of the glossary, so that the three dimensions of the glossary could account for the historical and critical aspects of our analysis and subsequent development of the entries. We also discussed the importance of studying the terms belonging to the discourse of an area of knowledge in order to understand the area itself and its history in an epistemological context. This work not only refers to the terminology/terminography area, but also contributes to the contemporary and critical history of translation. Thus, we intend to contribute to the history of translation and its epistemology using the history of the terms of Translation Theory.

**Keywords:** Translation History; Translation Theory; Critical terminology; Glossary; Walter Benjamin; Inês Oseki-Dépré.

# INTRODUÇÃO

*Denominar, isto é, criar um conceito, é, ao mesmo tempo, a primeira e última operação de uma ciência.*

Benveniste

A prática de tradução é algo inerente à comunicação e intercâmbio entre comunidades linguísticas diferentes. A teorização sobre a prática de tradução começa a ser registrada na Antiguidade pelos romanos, a exemplo dos textos de Horácio e Cícero. Apesar da longa data de prática e teoria da tradução, apenas recentemente, no século XX, os Estudos da Tradução e/ou a Tradutologia se tornaram uma disciplina acadêmica.

Um início de instituição da tradução como disciplina acadêmica se dá com a criação de cursos inaugurais de tradução, como em 1936, em Heidelberg, Alemanha, segundo Harris (1997, p. 100), no mesmo ano pela universidade de Ottawa, Canadá, como relata Costa (2013, p. 18) e, logo depois, em 1941, em Genebra, Suíça, outro curso é criado em 1942 por Montreal (DELISLE, 1987, p. 15), onde é fundado um instituto de tradução mais tarde anexado à universidade. É sensível a influência das mudanças geopolíticas ocorridas antes, durante e após a Segunda Guerra Mundial no que diz respeito ao ensino de tradução.

No período pós-guerra, três programas são fundados em diferentes cidades da Alemanha, nos anos de 1945, 47 e 48 (HARRIS, 1997, p. 98, 99, 101), em Georgetown, EUA, (PYM, 1997, p. 15) em 1949, e em Paris em 1957, como descrito por Costa (2013, p. 18), para citar alguns dos cursos de tradução pioneiros. Outros vários cursos foram criados em toda a Europa e América do Norte neste contexto. Nas décadas seguintes os cursos começam a serem fundados em outras partes da América, no leste europeu, na Ásia e Oceania além de vários países da África e alguns do Oriente Médio (PYM, 1997).

Já no Brasil, o primeiro curso universitário de tradução se estabeleceu em 1968, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio, seguido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, em 1973 (COSTA, 2013, p. 18, 19). O próximo curso foi fundado em 1978 na Universidade Estadual de São Paulo, UNESP e, em 1979, foi a vez da Universidade de Brasília, UnB, a segunda universidade federal a fundar um curso de graduação em tradução dentro do Instituto de Letras. Hoje as universidades federais de Juiz de Fora, Ouro Preto e Uberlândia em Minas Gerais, de Pelotas, no Rio Grande do Sul, e de Recife, em Pernambuco, também contam com cursos de formação de tradutores além de outras universidades estaduais e particulares que também oferecem a formação.

Os Estudos da Tradução no nível de pós-graduação, ou seja, como área de pesquisa e não somente de ensino são ainda mais recentes. Rodrigues (2013, p. 53, 54), ao discorrer

sobre os programas de pós-graduação em Estudos da Tradução no Brasil, cita a constatação de Bassnett (2005, p. 13) sobre a consolidação, nos anos 1980, de uma disciplina autônoma, os Estudos da Tradução, que, na década seguinte, conheceu uma expansão em nível mundial. É nesse momento da década de 90 que o Brasil conhece o florescimento da área nacionalmente e que cresce o número de dissertações e teses dedicadas à tradução.

Sobre os programas de pós-graduação no Brasil, Rodrigues (2013, p. 62) cita alguns programas de Linguística Aplicada, Linguística, Literatura e Línguas Estrangeiras que dedicaram linhas de pesquisa ou áreas de concentração em Tradução até que foi fundado na Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC “o primeiro programa de pós-graduação voltado para a tradução, o Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, PGET” (RODRIGUES, 2013, p. 62), em 2004, com o mestrado e, em 2009, o doutorado. Hoje a Universidade de Brasília, UnB, a Universidade de São Paulo, USP e a Universidade Federal do Ceará, UFC também contam com seus programas em Estudos da Tradução, são eles, respectivamente: POSTRAD (mestrado, fundado em 2011), TRADUSP (mestrado e doutorado, fundado em 2012) e POET (mestrado, fundado em 2014). Algumas universidades contam (apenas) com linhas de pesquisa dedicadas à tradução: UFMG, UNICAMP, PUC-SP, UNESP-Rio Preto, UFRJ, PUC-Rio, UFRGS, UFPR, UFG e UFJF.

Ainda sobre o amadurecimento da área, Rodrigues diz:

Ainda que bastante diversificados, os estudos desenvolvidos por docentes e discentes desses programas indicam que não há mais como tratar da tradução sem que se esteja fundamentado por um paradigma, ou por uma série deles. É só a partir da consolidação de uma disciplina que isso ocorre – hoje não há espaço para escritos intuitivos, atóricos. Mesmo os trabalhos empíricos envolvem elaborações teóricas maduras. (RODRIGUES, 2013, p. 67)

A consolidação da área se deu nas últimas décadas, no Brasil, e este breve panorama da inserção dos Estudos da Tradução e/ou Tradutologia no âmbito acadêmico-universitário mundial e nacionalmente nos serve para enfatizar o caráter recente da área como disciplina acadêmica verificando, assim, a importância de reafirmar a constituição do domínio como autônomo. Se durante muito tempo a tradução foi considerada apenas como uma atividade prática de simples manipulação textual, vemos posteriormente a constituição da disciplina e a necessidade de reconhecimento de uma área de pesquisa que se tornou e se torna cada vez mais importante e que tem objetos de estudo, arcabouço teórico e parâmetros próprios.

Visando contribuir para a afirmação da disciplina e para a História da Tradução, nosso trabalho pretende, a partir do livro “*De Walter Benjamin à nos jours... (Essais de traductologie)*” (2007) de Inês Oseki-Dépré, elaborar um projeto para um glossário de leituras de Benjamin. O primeiro objetivo do presente trabalho é, então, o de pensar a elaboração de

um modelo de macroestrutura e microestrutura do glossário, em que esta última dê conta dos aspectos histórico e comparativo da nossa análise crítica e consequente definição dos termos. Além de pensar numa rede de remissivas que permita restabelecer as relações conceituais entre os termos.

Na primeira parte do livro de Oseki-Dépré, sobre a qual nos dedicamos, são apresentadas as ideias inaugurais de Walter Benjamin sobre a tradução apresentadas no texto “*Die Aufgabe des Übersetzers*” (1923), as interpretações desse e as influências teóricas causadas por ele. Assim, o segundo objetivo deste trabalho é uma revisão da história da teoria da tradução contemporânea a partir de Benjamin, identificando as linhas de pensamento oriundas das interpretações do texto benjaminiano, apresentada por Oseki-Dépré em sua obra, na França, sobretudo nas figuras de Antoine Berman e Henri Meschonnic e, no Brasil, com Haroldo de Campos.

Além desses, nosso terceiro objetivo é analisar as variantes de tradução dos termos benjaminianos selecionados para integrar o glossário. Após terem sido selecionados os termos de Benjamin que fariam parte do glossário, propomos uma análise das escolhas de tradução desses nas várias traduções do texto de Benjamin em português e em francês.

Este trabalho se insere, assim, não só na área terminológica/terminográfica, mas também busca contribuir para uma história contemporânea crítica da tradução. Vemos muitos trabalhos dedicados à História da Tradução que desenvolvem suas pesquisas por meio do estudo da história dos tradutores e/ou das traduções, mas nossa proposta é fazê-lo por meio da história dos termos, da História da Tradução e do pensamento sobre a tradução por meio de uma Terminologia histórica.

Para isso, o percurso começa com a análise do livro de Oseki-Dépré, o que constitui o primeiro capítulo deste trabalho. Em seguida, é feita uma reflexão sobre a Terminologia e em particular sobre sua relação com a epistemologia, para então, fazermos um levantamento de conceitos da Tradutologia pensada por Inês Oseki-Dépré a partir de Walter Benjamin, nosso segundo capítulo.

No terceiro capítulo nos dedicamos ao levantamento e análise das variantes tradutivas dos termos benjaminianos (escritos originalmente em alemão) contemplados na elaboração do glossário, dessa forma, com esta análise de caráter estrutural (e para a qual foi necessário recorrer à ajuda de especialistas em língua alemã) poderemos ampliar a compreensão das filiações teóricas ocasionadas pelas diferentes leituras do texto de Benjamin e a importância e consequências de se traduzir um texto fundamental dentro de uma área de conhecimento.

Num quarto momento temos também como objetivo a reflexão sobre a organização interna de uma obra terminográfica/lexicográfica para pensar na elaboração do nosso modelo de glossário, que se constitui como uma tarefa de tradução de um discurso, já que a passagem de um discurso sintagmático para um paradigmático que nos propomos a fazer neste trabalho também pode ser considerada uma tradução, uma tradução de um discurso teórico com seu sistema de conceitos e informações pertinentes.

Por fim, apresentamos, no quinto capítulo, o glossário em si, respondendo ao nosso primeiro objetivo. Uma atividade terminológica/terminográfica que se quer crítica ao articular História (da Teoria) da Tradução e Epistemologia para uma (proposta de) Glossário de leituras de Benjamin (que se quer crítico). Como consequência desse percurso, chegamos a 43 verbetes compostos por entradas relativas aos conceitos de Walter Benjamin, aos conceitos formulados por seus filiados teóricos privilegiados neste trabalho (Berman, Meschonnic e Campos) e às variantes tradutivas dos termos benjaminianos selecionados.

Uma obra lexicográfica ou terminológica tem, essencialmente, três dimensões sistematizadas: a macroestrutura, a microestrutura e um processo de remissivas. Pensar na elaboração de tal obra deve, então, considerá-las em função do caráter que queremos imprimir na obra, no nosso caso, histórico-epistemológico. Histórico, pois se trata de levantar os conceitos teóricos de Benjamin, e as leituras desses conceitos por seus herdeiros e sucessores teóricos com seus desdobramentos teórico-conceituais. E epistemológico porque diz respeito a conceitos e categorias que buscam reconstruir um pensamento teórico de uma área de conhecimento, reconhecendo uma mudança de paradigma na ruptura que Walter Benjamin representa para a história contemporânea da tradução.

Quanto à seleção dos termos que compõem a macroestrutura, nosso critério, em coerência com o objetivo do trabalho, foi o de levantar os conceitos de Benjamin em seu texto “*Die Aufgabe des Übersetzers*”, discutidos por Oseki-Dépré em sua obra, e analisar as ressignificações e/ou desdobramentos conceituais dos pensadores da Tradução contemporânea, Antoine Berman, Henri Meschonnic e Haroldo de Campos, bem como fazer o levantamento e análise das escolhas de tradução feitas pelos tradutores de Benjamin no Brasil e na França, chamadas aqui de variantes tradutivas. O critério então se mostra epistemológico (e não estatístico) de forma que esses conceitos levantados pudessem fazer parte da construção do mapa conceitual traçado a partir de Benjamin. Desta forma, esperamos contribuir para o campo dos Estudos da Tradução e/ou Tradutologia e para uma história contemporânea da área fazendo uso de uma sistematização terminográfica de conceitos.

# CAPÍTULO 1

## A OBRA E AS LINHAS TEÓRICAS

*Un honnête homme est un homme mêlé.*

Montaigne

Para cumprir com o objetivo de contribuir para uma História Contemporânea da Teoria da Tradução por meio de seus termos, poderíamos usar inúmeras obras que guiassem nosso percurso de pesquisa. Não ignoramos as importantes contribuições de obras anteriores em que vários autores se dedicaram, assim como Oseki-Dépré, a revisar as diversas abordagens da Teoria da Tradução.

Nossa escolha se dá pela razão de entendermos a relevância da obra “*De Walter Benjamin à nos jours... (Essais de traductologie)*” (2007), sobretudo sua primeira parte, “*Entre herméneutique et poétique*”. Compreendemos esta relevância na medida em que a autora, após expor os conceitos fundamentais de Benjamin sobre a tradução e justificar seu relevo para a História da Teoria da Tradução, apresenta as influências nas teorias e práticas posteriores a ele e articula as heranças teóricas benjaminianas notadamente na França, mas também no Brasil.

Apesar de serem exploradas também as leituras de Benjamin feitas por Jacques Derrida, Paul de Man e Paul Ricœur, são as interpretações de Antoine Berman, Henri Meschonnic e Haroldo de Campos que ganham espaço, na forma de capítulos exclusivos dedicados somente à revisão de seus conceitos mais expressivos derivados ou não de suas interpretações do texto benjaminiano. Sem que isso signifique necessariamente uma preferência teórica, concordamos com a inclusão do autor e teórico da tradução brasileiro Haroldo de Campos numa História (da Teoria) da Tradução mundial, já que muitas vezes os pensadores brasileiros costumam fazer parte de uma história da tradução da América Latina. Isso é especialmente importante numa obra publicada na Europa, mesmo que a autora seja franco-brasileira.

De modo a entender o contexto de escrita do livro que nos serve como direcionamento, vale lembrar a figura de quem o escreveu.

### **1. A autora Inês Oseki-Dépré**

Inês Oseki-Dépré é brasileira natural de São Paulo e se mudou para a França no final da década de 60 para realizar seu doutorado. Instalou-se no país onde vive até hoje.

Atualmente, a pesquisadora brasileira é professora emérita do departamento de Literatura Comparada da Universidade de Aix-Marseille, França, onde desenvolve pesquisas nas áreas de tradutologia, tradução literária, literatura comparada, crítica literária, semiologia e áreas conexas.

Além de professora e pesquisadora, Inês Oseki-Dépré também é tradutora do francês para o português (“Escritos” de Jacques Lacan e “Algo: Preto” de Jacques Roubaud) e do português para o francês, tendo traduzido inúmeros escritores brasileiros (e portugueses) como José de Alencar, João Guimarães Rosa, Lygia Fagundes Telles, Antônio Vieira, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Pessoa e Haroldo de Campos.

Oseki-Dépré é autora de diversos artigos e livros, como “A propósito da literariedade” (1990), “Os melhores poemas de Haroldo de Campos” (como organizadora, em 1992), “*Théories et pratiques de la traduction littéraire*” (1999), “*Traduction et poésie*” (como organizadora, em 2004) e o objeto do presente estudo: “*De Walter Benjamin à nos jours... (Essais de traductologie)*” (2007).

Em consequência de sua formação teórica acadêmica, Oseki-Dépré estabelece as relações entre a tradução e a crítica literária, como ela mesma destaca na entrevista concedida às professoras Ana Helena Rossi e Germana Henriques Pereira de Sousa publicada em 2012 na Revista Traduzires: “a tomada de consciência dessa proximidade (tradução e crítica) associada a minha formação teórica (a França dos anos 70) me levou a articular os dois campos.” (ROSSI e SOUSA, 2012, p. 138).

Ainda nesta mesma entrevista, ao responder sobre a contribuição que suas duas obras “*Théories et pratiques de la traduction littéraire*” e “*De Walter Benjamin à nos jours... (Essais de traductologie)*” trazem aos estudos da tradução, Oseki-Dépré afirma:

Acho modestamente que minha contribuição essencial concerne a literatura comparada que inicialmente não se ocupava de questões de tradução literária. Também penso ter mostrado principalmente através dos meus estudos literários, o caminho de uma pesquisa aplicada que associe a teoria literária, a tradutologia, que mostre o laço inextricável que une crítica, teoria e tradução. (ROSSI e SOUSA, 2012, p. 140)

Inês Oseki-Dépré é professora, tradutora e pesquisadora e isso lhe permite ver o campo da tradução a partir de um olhar crítico. Assim, como pensadora da história contemporânea da tradução, aproxima a crítica literária da crítica da tradução, e tem o grande papel de, com a sua obra, inserir os latino-americanos, principalmente na figura de Haroldo de Campos, na história da teoria da tradução numa perspectiva mundial.

## 2. A obra “*De Walter Benjamin à nos jours... (Essais de traductologie)*”

O livro “*De Walter Benjamin à nos jours... (Essais de traductologie)*” de Inês Oseki-Dépré foi publicado em 2007 pela Editora *Honoré-Champion* e ainda não tem tradução publicada no Brasil. Nessa obra, a autora apresenta uma interpretação do texto “*Die Aufgabe des Übersetzers*” do filósofo alemão Walter Benjamin, traduzido no Brasil com o título mais conhecido: “A Tarefa do Tradutor”.

Este texto foi escrito como um prefácio da tradução que Benjamin fez, para a língua alemã, de “*Tableaux Parisiens*”, obra do escritor francês Charles Baudelaire, em 1923, em Heidelberg, Alemanha, cujo título é “*Charles Baudelaire - Tableaux parisiens - Deutsche Übertragung mit einem Vorwort über die Aufgabe des Übersetzers*”<sup>1</sup>. O que surgiu como paratexto de uma tradução se tornou um dos textos fundamentais para a História da Tradução e para a Teoria da Tradução.

“*Die Aufgabe des Übersetzers*” teve sua tradução publicada na França primeiramente em 1971<sup>2</sup> – cinco décadas depois de sua publicação original na Alemanha – e os efeitos das leituras do texto de Walter Benjamin, como Inês Oseki-Dépré apresenta e discute em seu livro, são interpretações de filósofos, pesquisadores, tradutores e poetas integrantes da Tradutologia contemporânea.

Na entrevista concedida às professoras Ana Helena Rossi e Germana Henriques Pereira de Sousa no quadro da Revista *Traduzires*, Oseki-Dépré explicita suas intenções, na resposta à pergunta sobre os pontos cruciais de suas principais obras:

“Em *De Walter Benjamin à nos jours*, pensei em apresentar algumas das diversas correntes tradutológicas que se sucederam no decorrer da história depois do famoso texto de Walter Benjamin (“A Tarefa do Tradutor”, 1926) e que se afastaram da perspectiva do filósofo alemão. Também nesse livro apresento “casos” de aplicação teórica da reflexão tradutológica sobre os textos ou problemas literários (a metáfora e a loucura, o sujeito da tradução, o horizonte do tradutor).” (ROSSI e SOUSA, 2012, p. 140)

Assim, Oseki-Dépré (2007, p. 9-11) se propõe a expor as teorias e pesquisas que surgem a partir do texto de Benjamin, as interpretações mais notáveis feitas a partir de seu texto, no domínio da tradutologia contemporânea, aquelas inspiradas de maneira fragmentária

<sup>1</sup> “(Charles Baudelaire - *Tableaux parisiens* – Tradução alemã com um prefácio sobre a tarefa do tradutor)” – tradução nossa.

<sup>2</sup> Tradução publicada em: *Walter Benjamin, Œuvres, tome I “Mythe et Violence”, Paris, Denoël, collection Les Lettres Nouvelles, 1971.* (BENJAMIN, 2000, p. 7).

e até as que conservaram apenas um ponto de sua reflexão acabando por modificar o pensamento de Benjamin. Além da exposição mais teórica, a última parte de seu livro traz quatro exemplos de estudos de caso fecundos para as reflexões sobre a relação entre a teoria e a prática de tradução.

### 3. Organização e temas da obra

No prólogo do livro (*Avant-propos*) são explicitadas as intenções gerais da obra, a de fazer uma “genealogia” dos efeitos benjaminianos, um ensaio “arqueológico”<sup>3</sup> cuja fonte está no texto de Walter Benjamin examinando as teorias, pesquisas e hipertextos tradutológicos que surgiram a partir deste texto; num segundo momento, comentar os autores que se inspiraram de maneira parcial ou que se ativeram a apenas um ponto das questões complexas propostas pelo autor, desviando-se das ideias originais de Benjamin; e, por último, apresentar quatro reflexões sobre as relações entre teoria e prática.

O livro é organizado em três partes, por abordagens. A primeira é uma síntese (e recorte) das abordagens teóricas mais importantes elaboradas a partir de “*Die Aufgabe des Übersetzers*”. A segunda é um conjunto de abordagens teóricas de cunho mais sociológico que configuram desvios ou leituras parciais das ideias de Benjamin. A terceira parte traz as abordagens práticas, as possíveis aplicações práticas dos aspectos teóricos anteriormente discutidos.

Na primeira parte do livro, “*Entre herméneutique et poétique*” (“Entre hermenêutica e poética” – tradução nossa), são abordados os pressupostos da teoria de Walter Benjamin, sua tarefa do tradutor, em seguida as propostas de Antoine Berman sobre a tradução, depois as abordagens sobre uma poética “literalista” (“*de Mallarmé à Klossowski*”), a poética “militante” de Henri Meschonnic e, por fim, a proposta de tradução-criação de Haroldo de Campos. A primeira parte do livro será detalhada nas sessões seguintes deste capítulo da dissertação.

A segunda parte, “*Du poétique à l’interculturel*”, apresenta uma abordagem mais sociológica e cultural da tradução, com os estudos dos *Translation Studies* que se desenvolveram principalmente a partir dos trabalhos dos pesquisadores da Bélgica, de Israel e

---

<sup>3</sup> A genealogia no sentido de traçar a partir de Benjamin, essa rede conceitual teórica da tradutologia formada pelo filósofo alemão e seus sucessores, e a arqueológica quando, a partir da apresentação das ideias dos teóricos da tradução, buscamos e justificamos sua filiação a Benjamin. Ambos os caminhos percorridos caracterizam nossa perspectiva histórica da teoria da tradução.

do Canadá. Nesta parte é apresentada a nova proposta sobre a ética da tradução feita por Anthony Pym, que defende uma abordagem mais pragmática sobre as questões da tradução e do tradutor no mercado de trabalho mundial contemporâneo.

Em seguida, ainda na segunda parte do livro, apresenta-se a área “*Gender Translation*” que se dedica principalmente às questões da mulher na tradução, como por exemplo, a crítica a traduções que privilegiam escolhas sexistas, o papel da mulher nas formações culturais ocidentais e a discussão sobre a tradução feita de maneira machista (alienada) ou feminina (reivindicadora), além da subárea “*Queer Translation*” (“*Gay Translation*”).

A próxima questão tratada na segunda parte da obra de Oseki-Dépré é a “Teoria dos Polissistemas” que analisa a literatura traduzida do ponto de vista sociológico e linguístico e pretende estudá-la de forma neutra, objetiva e científica, levando em conta que esta pertence a um polissistema literário de uma cultura ou nação (considerando as áreas periféricas e centrais desses polissistemas e a relação que se estabelece entre elas).

A autora encerra esta parte do livro apresentando os Estudos Pós-coloniais que, como discorre Pascale Casanova em “A República Mundial das Letras” (2002), leva em consideração os fluxos de tradução entre áreas mundiais diferentes, a colonização como fator para expansão das línguas, os diferentes status das línguas no mundo, o papel dos mediadores das literaturas e o papel das transferências literárias via tradução.

Na terceira parte de sua obra, “*Éclairages*”, Inês Oseki-Dépré apresenta reflexões a partir da relação entre teoria e prática, com algumas análises de traduções como as da “Eneida” de Virgílio, retraduições da Bíblia mais especificamente do livro Eclesiastes (o “*Qohélel*”), a tradução feita por Baudelaire de “*The Raven*” (em português, “O Corvo”) de Edgar Allan Poe no contexto da discussão sobre a subjetividade e o sujeito da tradução.

Além do que acabamos de citar, uma grande contribuição da obra de Oseki-Dépré, na interpretação da própria autora, é a abordagem da tradução em correlação com a literatura comparada, como a forma de usar a análise de tradução para a análise literária, remontando o processo de tradução. E por fim, no capítulo quatro da terceira parte é abordado o sujeito da tradução, o tradutor, mostrando que, por meio do estudo da tradução, é possível estudar o inconsciente.

Esta parte intitulada “Loucura, Poesia e Tradução”<sup>4</sup> em que Oseki-Dépré fala dos efeitos da loucura na linguagem, ela recorre a alguns autores como Todorov para quem o discurso do paranoico é lógico e gramatical e sua sintomática é em relação ao referente

---

<sup>4</sup> “Folie, Poésie et Traduction”

bizarro, desmetaforizado, mesmo se a metáfora é quase inerente ao poético. Se o paranoico não metaforiza – lembrando que o processo que dá origem à metáfora é o mesmo que dá origem à tradução, a substituição por associação como afirma Lacan (apud Oseki-Dépré, 2007, p. 206) – então ele não consegue traduzir. Já para o esquizofrênico com sua falta de coerência lógica como diz Todorov, “fala sem dizer nada” o que é “a apoteose e o fim da linguagem”, como o faz Hölderlin em sua operação metafórica substitutiva ao traduzir as palavras por suas origens etimológicas.

#### **4. Primeira parte – Walter Benjamin e suas influências: Entre hermenêutica e poética**

A introdução (“*Préliminaires*”) da primeira parte do livro traz uma importante colocação da autora, que diz haver na história da tradução somente três nomes que sobressaem em meio aos inúmeros textos escritos no ocidente sobre o assunto. O primeiro deles é Cícero (106 a 43 a.C.), escritor do apogeu da língua latina no momento da entrada grega na cultura romana, que primava pela eloquência fina e foi o inaugurador da corrente de tradutores a privilegiar o alvo, a recepção, o leitor, em suas traduções.

Em seguida, a autora identifica *Hieronimus*, o São Jerônimo (347 a 420 d.C.), primeiro tradutor da Bíblia hebraica para a língua latina, que dedicou sua vida à tradução e ao estudo das línguas das santas escrituras. Para ele havia uma distinção entre a tradução dos textos religiosos, que deveria ser fiel, e a tradução dos textos profanos, que deveria ser livre. O terceiro e mais recente nome de destaque seria o de Walter Benjamin (1892 a 1940).

Na interpretação de Oseki-Dépré, são esses três momentos na história os mais relevantes em relação à teorização sobre a prática da tradução, são esses os “autores que souberam formular de maneira essencial e lapidária as orientações que estão na base da prática do traduzir.”<sup>5</sup> (Oseki-Dépré, 2007, p. 15 – tradução nossa). Dessa forma, Walter Benjamin representa o iniciador da contemporaneidade dentro da área da tradutologia, segundo a autora. É a partir do texto de Benjamin e das interpretações que o sucederam, que se estabelece a tradutologia contemporânea.

---

<sup>5</sup> Todas as traduções de citações em língua estrangeira foram traduzidas por nós e seus trechos originais constam em nota de rodapé. Trecho original: “auteurs qui ont su formuler de façon essentielle et lapidaire les orientations qui sont à la base de la pratique du traduire.”

A importância de Walter Benjamin e o motivo pelo qual Oseki-Dépré o considera como aquele que inaugura a tradutologia contemporânea é o caráter inovador de seu texto, no qual ele recusa o desgastado problema da dualidade da tradução, abrindo assim um espaço de liberdade para o tradutor como diz Oseki-Dépré (2007, p. 17).

#### 4.1. Walter Benjamin e “*Die Aufgabe des Übersetzers*”

Benjamin (2010, p. 203) abre seu ensaio lançando a premissa inédita de que a tradução não deve se referir ao leitor, assim como o original não o faz. A seu ver, as obras de arte e as formas artísticas não levam em consideração um dado público, mas o homem em sua essência histórica. A segunda formulação inovadora – na interpretação de Oseki-Dépré sobre Benjamin – é de que uma obra literária não comunica, seu essencial não é a comunicação, mas sim o “inapreensível, o misterioso, o ‘poético’”, e só um mau tradutor acharia que sua tradução comunica, acabando por fazer uma “transmissão inexata de um conteúdo inessencial” (BENJAMIN, 2010, p. 205)<sup>6</sup>. Isso derruba o pensamento tradicional, dizendo que a tradução não deve se ater nem ao gosto do público nem traduzir o sentido.

Walter Benjamin diz explicitamente que a tradução é uma forma cujas leis devem ser buscadas no original, o que, lembra Oseki-Dépré (2007, p. 19), vai de encontro com o pensamento de linguistas da comunicação e de teóricos da tradução que defendem que o sentido deve ser prioritariamente preservado. Apesar de uma certa significação da obra se expressar na sua traduzibilidade, o que é prioritário não é o sentido.

Oseki-Dépré afirma que o aporte fundamental de Benjamin diz respeito à correlação entre a tradução e o original. Mesmo que a tradução não signifique nada para o original, a tradução tem uma conexão, uma relação de vida na sobrevivida (e de pervivência, como propõe Haroldo de Campos<sup>7</sup>) das obras. A existência da tradução faz com que o original atinja sua glória, pois sobreviveu e se desdobrou na tradução.

Benjamin diz ainda que a tradução não é imitação nem cópia, pois a cópia não faz o original sobreviver, como o fazem a transformação e a renovação do original. E, assim como o tom e a significação das obras se transformam ao passar do tempo, a língua do tradutor

<sup>6</sup> Usamos para citações de Benjamin, a tradução de Susana Kampff Lages de 2010.

<sup>7</sup> Susana Kampff Lages em sua tradução feita em 2011 do texto de Benjamin escreve uma nota de rodapé sobre a tradução das palavras em alemão *leben* (“vida”), *überleben* (“sobrevivência”, “sobrevida”) e *fortleben* (“o continuar a viver”), na qual cita a proposta do neologismo “pervivência” por Haroldo de Campos como a tradução de *fortleben*.

envelhece, na concepção do autor, e, por isso, a tradução é algo provisório, ou seja, as traduções são temporais, envelhecem. Inês Oseki-Dépré destaca mais uma vez a negação da dualidade por Benjamin, a tradução não deve ser voltada para o alvo (visando a comunicação), tampouco ser cópia, imitação do original (que seria uma visão platônica).

Continuando, a autora acompanha a premissa do filósofo alemão que diz ser o papel essencial da tradução não o de perpetuar o original, mas de exprimir a mais íntima relação entre as línguas – o que vem a ser a tese do traduzir de Benjamin. O importante é que a tradução mostra a incompletude das línguas. As línguas são, para ele, parentes no que querem dizer, ideia cara também a Roman Jakobson que afirma “as línguas diferem essencialmente naquilo que *devem* expressar, e não naquilo que *podem* expressar” (JAKOBSON, 2008, p. 69).

O parentesco das línguas está no fato de que elas visam a mesma coisa, mas não a atingem separadamente, “somente na totalidade de suas intenções reciprocamente complementares: a pura língua ou linguagem [*Sprache*]”<sup>8</sup> (BENJAMIN, 2010, p. 213). A “pura língua(gem)”<sup>9</sup> é o não dito de todas as línguas, é o conjunto de todas, um ideal que não existe. E isso confia aos tradutores sua tarefa, como diz Derrida “mais uma dívida”, sua tarefa “é de devolver, devolver o que devia ter sido dado” (DERRIDA, 2006, p. 27).

A tarefa do tradutor consistiria “em encontrar na língua para a qual se traduz, a intenção a partir da qual o eco do original é nela despertado” (BENJAMIN, 2010, p. 217), uma tarefa que parece impossível. Oseki-Dépré reformula essa ideia em seu livro, destacando que a tentativa de restituição do sentido, os conceitos de “fidelidade” à palavra e de “liberdade” não podem mais servir a uma teoria da tradução. Benjamin diz ainda que a intenção do escritor é ingênua, primeira, intuitiva, já a do tradutor é derivada, última e ideativa. E o estranhamento que a tradução apresenta está no modo como ela se encontra com a língua superior (modo fugitivo e sutil), a língua da verdade, e o verdadeiro tradutor é aquele que preserva o intocável, e não o transmissível (ODEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 22).

Inês Oseki-Dépré (2007, p. 23) explica então que se a imperfeição das línguas é a variedade que existe entre elas, como consequência disso a verdade se encontraria então na reunião das línguas e assim a tarefa do tradutor consistiria em “fazer amadurecer na tradução a semente da pura língua” (BENJAMIN, 2010, p. 219). A autora lembra que Benjamin distingue o “visado” (referente) do “modo de visar” (conotação) e que o modo de visar das

<sup>8</sup> Usamos a citação da tradução de Benjamin feita por Susana Kampff Lages em 2010 que traz toda a polissemia do termo “reine Sprache”.

<sup>9</sup> Nos referimos ao termo “reine Sprache” proposto por Walter Benjamin como “pura língua(gem)” em português, na tentativa de expressar nossa interpretação do termo de Benjamin.

diferentes línguas se complementa convergindo para o que é visado, sendo a tradução o lugar em que acontece essa conciliação das línguas.

Benjamin recusa a hierarquia entre escritor e tradutor, pois diz que a “tarefa do tradutor é redimir na própria a pura língua, exilada na estrangeira, liberar a língua do cativo da obra por meio da recriação”<sup>10</sup> (BENJAMIN, 2010, p. 225) e o tradutor faz isso rompendo as barreiras da sua língua (Benjamin cita tradutores como Lutero, Voss, Hölderlin, George, que romperam as barreiras do alemão).

Oseki-Dépré destaca o comentário de Paul de Man que fala sobre o caráter aporético, contraditório do texto de Benjamin. Não é um elogio dizer que uma tradução é lida como um original, pois a verdadeira tradução é transparente e não esconde o original.

Pela interpretação do enigmático texto de Walter Benjamin, Oseki-Dépré (2007, p. 26) chega a uma definição não apenas da tarefa do tradutor, mas da maneira de traduzir que privilegia uma certa literalidade (transparência, apagamento do tradutor<sup>11</sup>) e também do princípio de transformação. A completude da tradução com o original acontece quando a tradução deixa passar a luz do original, permanecendo literal (ética do traduzir).

Ao concluir o capítulo, a autora retoma os conceitos de fidelidade e liberdade para dizer que se analisarmos atentamente a primeira, a segunda perde seu sentido de ser:

*“Se liberdade é liberdade na restituição do sentido, ela não visa o essencial, pois fica sempre além do comunicável, um não-comunicável, que continua sendo “simbolizante” nas criações finitas da língua, mas “simbolizado” no devir das línguas. O único e violento poder da tradução consiste em desatar esta do tal sentido e fazer do simbolizante (o que é) o simbolizado (o sentido potencial, o devir).”* (OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 27)<sup>12</sup>

Se pensarmos na liberdade em restituir o sentido, a pretensão é que tentemos traduzir algo que não estava necessariamente escrito no original, o que se interpreta ter sido dito pelo autor. Assim, não há mais a fidelidade à palavra do texto original, da palavra mesma que foi escrita pelo autor. O poder da tradução é então fazer com que o simbolizante, a palavra escrita, seja o simbolizado (o “sentido”).

---

<sup>10</sup> Aqui, o termo benjaminiano “reine Sprache” consta como foi traduzido (por “língua pura”) já que se trata de uma citação *ipsis litteris* de uma das traduções feitas do texto de Benjamin.

<sup>11</sup> O “apagamento do tradutor” aqui é entendido como uma menor interferência no texto original, para que ele transpareça no texto traduzido.

<sup>12</sup> Trecho original : *Si liberté est liberté de restitution de sens, elle ne vise pas l'essentiel*, car il reste toujours au delà du communicable un non-communicable, qui demeure « symbolisant » dans les créations finies de la langue, mais « symbolisé » dans le devenir des langues. L'unique et violent pouvoir de la traduction consiste à la détacher de ce sens et à faire du symbolisant (ce qui est) le symbolisé (le sens potentiel, le devenir).

## 4.2. Antoine Berman e a tradutologia

Os trabalhos de Antoine Berman contribuíram ao colocar a questão da tradução no plano literário, e o autor tratou dessa questão a partir de um corpus de textos de origem alemã romântica e, sobretudo, permitiu a constituição do domínio (OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 30). A tradução não é mais tratada então como uma prática apenas, mas como uma área de conhecimento e de estudos.

A reflexão sobre a tradução proposta por Berman responde assim a uma necessidade interna da área em ganhar sua autonomia enquanto tal. Essa reflexão é o que o autor chama de “*traductologie*” (tradutologia) e deve ter como apoio primeiramente a história da tradução e das grandes traduções e a história da literatura.

Além disso, deve ultrapassar as dualidades antigas (fidelidade ou traição, tradução voltada para a fonte ou para a língua de chegada), já que para Berman a tradução é uma relação com o Outro e isso permite a fecundação do próprio pela mediação do estrangeiro, o que evidencia sua filiação a Benjamin, já que o filósofo alemão rompe ineditamente com a dualidade, e prega o rompimento da barreira da sua língua.

Continuando sua leitura sobre Berman, Oseki-Dépré lembra da ética proposta pelo autor, ética esta que deve caracterizar o ato de traduzir, sendo abertura, diálogo, mestiçagem, descentramento. Ele desloca, assim, o posicionamento sobre a tradução da mera operação técnica para a reflexão filosófica e ética.

A tarefa (e/ou renúncia) que Benjamin propõe ao tradutor em seu fazer, a de deixar-se arrebatar pelo estrangeiro vai ter impacto no que Berman propõe como ética da/na tradução e o reconhecimento do “Outro”, como vemos no trecho: “O ato ético consiste em reconhecer e em receber o Outro enquanto Outro.” (BERMAN, 2012, p. 95). Ou seja, não receber o Outro fazendo com que ele se pareça com o Mesmo (o que me é familiar, o local, o não estrangeiro), recebê-lo enquanto Outro que continuará sendo e mantendo o respeito por sua natureza diferente.

Na sequência, a autora apresenta algumas das fontes para o desenvolvimento do pensamento de Berman como a tradução que Lutero fez da Bíblia que ficou próxima ao seu público (ao criar um alemão a partir de dialetos) e ao mesmo tempo não se distanciou do texto original, o que fez de Lutero a referência alemã para seus conterrâneos tradutores e filósofos. A tradutologia bermaniana traz essa contradição entre fonte e chegada/alvo, pois ao mesmo tempo em que ele, o tradutor, permanece próximo ao texto original, ao não deixar de

“importar” elementos da fonte para “alargar” a língua-cultura alvo, esse mesmo movimento é uma maneira de estar próximo à chegada.

O novo domínio de conhecimento, a tradutologia proposta por Berman é “uma tradutologia interdisciplinar, correlacionada com a história da literatura, poética, psicanálise, filosofia, linguística, literatura comparada, mas distinta de cada uma delas”<sup>13</sup> (OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 33 – tradução nossa). Berman diz ainda que “A tradutologia é, por excelência, interdisciplinar, precisamente porque se situa entre disciplinas diversas, frequentemente afastadas umas das outras” (BERMAN, 2002, p. 327). De acordo com Oseki-Dépré, como em Benjamin, a tradutologia bermaniana se pretende uma hermenêutica da compreensão, como processos de “leitura”, comunicação do subjacente, não apenas aquela que se interessa pelo texto tradicional, mas pelo texto como produto expressivo de um sujeito.

Assim, a autora identifica três orientações que se revelam aí, histórica, analítica e ética. Em seguida, nos lembra das tendências deformantes propostas por Berman, a racionalização, a clarificação, a homogeneização e as outras que decorrem das primeiras, o alongamento, o enobrecimento, os empobrecimentos qualitativo e quantitativo, as destruições dos ritmos, das redes subjacentes, dos sistematismos e das locuções, o apagamento e, por fim, a exotização.

O objetivo de Berman não é acusar os maus tradutores, mas permitir que os tradutores estejam melhor armados para sua difícil tarefa e fazer com que os tradutores reflitam sobre sua prática ao revelar os automatismos etnocêntricos (Berman diz que o texto orientado para o público é uma manifestação etnocêntrica). A tradução etnocêntrica é proveniente da crença de que a língua de chegada não pode ser abalada pelos elementos do estrangeiro (da língua do original), e estes devem ser adaptados para que pareçam escritos na língua da tradução (alvo) (BERMAN, 2012, p. 45). Para combater essa prática, Berman propõe uma tradução de caráter ético: “O ato ético consiste em reconhecer e em receber o Outro enquanto Outro.” (*idem*, p. 95), assim deixando aberta a via de chegada do estrangeiro que permanecerá como tal na tradução.

Oseki-Dépré (2007, p. 38) destaca que, em todas as análises que Berman fez de traduções, ele vê a complexidade do ato de traduzir para dar à tradução um lugar entre os domínios do saber e da expressão de um sujeito. Berman, na esteira de Benjamin, vê a posição da tradução na constituição do pensamento onde o sujeito se revela.

---

<sup>13</sup> Trecho original : “Une traductologie interdisciplinaire corrélée à l’histoire de la littérature, à la poétique, à la psychanalyse, à la philosophie, à la linguistique, à la littérature comparée mais distincte de chacune.”

Antoine Berman, como lembra Oseki-Dépré, revisita as duas orientações mais importantes dos estudos tradutivos. Primeiramente, critica Meschonnic por sua análise da poética do texto e da teoria do ritmo por seu caráter polêmico e por não ter emancipado (para fora de sua teoria do ritmo) a reivindicada poética. E, em segundo lugar, analisa a proposta da Escola de Tel-Aviv (Even-Zohar, Toury) que desenvolve uma semiótica da tradução no interior de uma sociocrítica da literatura traduzida (OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 40).

O filósofo francês introduz uma diferença entre “tradução” e “translação” (que é migração, mutação, além da própria tradução). A translação é um movimento maior que o da tradução, é a tradução em si acompanhada de crítica e várias formas de transformações textuais e não textuais, que ultrapassam o texto somente, já que uma tradução só tem algum impacto no contexto de recepção se acompanhada por esses elementos da translação além da tradução textual (*idem*, p. 42).

Berman pretende ter uma posição hermenêutica, (*idem*, p. 43) e seu objetivo é de fazer uma análise comparativa da tradução e do original em que a tradução é um texto, mas sempre em relação ao original. Ele propõe quatro princípios: clareza de exposição, reflexividade, digressividade, comentatividade, para um trajeto analítico possível (não tanto de um modelo crítico).

A autora fala de outro aspecto importante da pesquisa de Berman, aquele sobre o sujeito tradutor, sua identidade, sua posição enquanto traduz, seu projeto de tradução e seu horizonte tradutivo (como o tradutor internalizou o discurso ambiente sobre o traduzir). Oseki-Dépré passa rapidamente por alguns apontamentos das análises de Berman sobre alguns tradutores franceses levando em conta seus pressupostos. A autora comenta sobre o problema da crítica, e provoca o questionamento de como é fundada a avaliação crítica, que talvez seja o reflexo das ideias daquele que critica. Berman adota um critério duplo, de ética e poética. E são a poeticidade e a eticidade as orientações características das teorias que seguem e derivam dos trabalhos de Berman (*idem*, p. 48).

“... poeticidade e eticidade serão as duas orientações que caracterizam as teorias que seguem e derivam dos trabalhos de Antoine Berman. O que esse pesquisador trouxe para a tradução literária foi o pontapé de uma série de trabalhos que permitiram o desenvolvimento dos estudos tradutológicos.”<sup>14</sup>  
(OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 48)

---

<sup>14</sup> Trecho original: “Quoi qu’il en soit, poéticité et éthicité seront les deux orientations qui caractérisent les théories qui suivent et qui dérivent des travaux d’Antoine Berman. Ce que ce chercheur a apporté à la traduction littéraire a été le socle d’une série de travaux qui ont permis le développement des études traductologiques.

### 4.3. A prática literalista na França: de Mallarmé a Klossowski

As proposições benjaminianas justificaram e originaram práticas poéticas tradutivas bem diferentes. A primeira propõe “senão um método, ao menos uma linha, ética e estética (a abertura de língua de chegada aos aportes do original)”<sup>15</sup> (OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 49 – tradução nossa) e é tratada no terceiro capítulo da obra. Já a segunda é aquela que privilegia a forma em detrimento do sentido e admite a homologia entre texto original e texto traduzido, ideia que se aproxima à de transposição criativa na tradução poética proposta por Jakobson, e será tratada nos capítulos seguintes do livro.

Para Berman, Chateaubriand é o tradutor exemplar (em termos benjaminianos), pois tem um objetivo “extraliterário” e, além disso, deseja ampliar a língua de chegada (o francês). O respeito à letra, é, aqui, a literalidade, e consiste na prática no respeito que Chateaubriand teve pelo texto de Milton em relação ao projeto global (manutenção da intertextualidade e registros religiosos), a não adaptação das imagens incomuns, a transferência das estruturas inglesas típicas, quando possível, a criação de neologismos, arcaísmos, em outros termos, a produção de um texto homólogo em francês.

A fidelidade do tradutor se dá em termos de transparência<sup>16</sup>. Depois das belas infiéis, no século XVIII, que se distanciavam do texto ao ponto de terem apenas uma vaga relação com o original, Chateaubriand mostra-se bem “revolucionário” (como ele mesmo reconhece). Além disso, Berman destaca a afinidade e identificação entre as escrituras de ambos, autor e tradutor (que está na extraliterariedade).

Oseki-Dépré indaga sobre a proximidade das práticas tradutórias de Chateaubriand com aquelas de Hölderlin (considerado por Benjamin o maior tradutor de todos os tempos). Hölderlin pretende uma aproximação entre o alemão e o grego antigo (“helenizar o alemão”), sua tradução é considerada estranha (mais do que a de Chateaubriand) e ele foi até mesmo criticado por Schadewaldt por ter um conhecimento limitado do grego antigo. Hölderlin cometeu erros chamados por Haroldo de Campos (1969, p. 97) de “erros criativos” já que se afastam dos antigos para inaugurar uma nova via poética (como mais tarde faz Ezra Pound).

Haroldo de Campos, como lembra Oseki-Dépré, diz se tratar de um tradutor guiado pela forma que Hölderlin exponencializa ao radicalizá-la. A palavra vermelha de Hölderlin, que foi motivo de desdém de seus contemporâneos, é a volta à etimologia da palavra grega

<sup>15</sup> Trecho original: “sinon une méthode, du moins une ligne, éthique et esthétique (l’ouverture de la langue d’arrivée aux apports de l’original).”

<sup>16</sup> Aqui, dizer que o tradutor é “transparente” é no sentido deste ter uma menor interferência no texto original, para que transpareça no texto traduzido.

*kalkháinos*, “ter a cor púrpura escura”, abandonando o sentido figurado de “parecer preocupado” (tipo de tradução hiperliteral). Como diz Oseki-Dépré, “... ao buscar na fonte oculta do texto grego, segundo seus próprios termos, Hölderlin [o tradutor] reativa o discurso de Sófocles, o atualiza numa forma novamente poética, carregada de sinestésias.”<sup>17</sup> (OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 52).

Berman distingue vários níveis da tradução de Hölderlin além da literal, a adequação ao original sem violar as regras gramaticais do alemão e transformações que culminam numa reescrita. A última seria uma maneira de conciliar o alemão com o espírito grego na tentativa de levar os gregos de volta à sua helenidade, e a tradução teria esse papel.

Oseki-Dépré (2007, p. 52) retoma o paralelo entre Hölderlin e Chateaubriand, destacando que ambos têm um projeto cultural e Hölderlin ainda acrescenta um projeto poético. O que explica que a literalidade pode ser acompanhada por uma intensificação ou uma opacidade dos termos. Chateaubriand tem um projeto religioso e, ao contrário, Hölderlin tem um projeto político.

Em ambos os casos, a autora reconhece elementos da teoria benjaminiana, como “um respeito pelo original no tocante à religiosidade ou, pelo menos, ao sagrado; uma vontade de transpor o original em seus aspectos marcantes (...); o desejo de abrir a língua de chegada ao estrangeiro”<sup>18</sup> (OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 53 – tradução nossa). De toda forma, para Chateaubriand, o “estranho” (estrangeiro) não é sinônimo de “estranheza” e, para Hölderlin, há uma pulsão poética *extranéisante* que o leva a traduzir.

Depois de discorrer sobre esses precursores da tradução literal, Inês Oseki-Dépré traz os casos dos dois tradutores que

“marcaram de forma decisiva uma nova maneira de traduzir na França e o fizeram de acordo com os princípios anunciados na “Tarefa do Tradutor”. Trata-se de Stéphane Mallarmé (1864) e de Pierre Klossowski (1969) cujas traduções anunciam uma nova poética do traduzir, que caracterizou a Modernidade.” (OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 54)<sup>19</sup>

<sup>17</sup> Trecho original: “... en allant puiser dans la source occulte du texte grec selon ses propres termes, Hölderlin réactive le discours de Sophocle, l’actualise dans une forme nouvellement poétique, chargée de synesthésies.”

<sup>18</sup> Trecho original: “un respect de l’original, qui touche à la religiosité ou tout au moins au sacré ; une volonté de transposer le texte original dans ses aspects marquants (...) ; le désir d’ouvrir la langue d’accueil à l’étranger.”

<sup>19</sup> Trecho original: “ont marqué de façon décisive une nouvelle façon de traduire en France et ce selon les principes énoncés dans « La tâche du traducteur ». Il s’agit de Stéphane Mallarmé (1864) et de Pierre Klossowski (1969) dont les traductions annoncent une nouvelle poétique du traduire, qui caractérisa la Modernité. ”

A tradução (ou retradução) de Mallarmé, além de uma necessidade pessoal, já que admirava muito o poeta americano Edgar Allan Poe, é também motivada por um princípio estético (pouquíssimo tempo depois da tradução de Baudelaire) e pretende transpor em francês o método racionalizado de criação de Poe. Assim, Mallarmé chega ao seu próprio método de “pintar, não a coisa, mas o efeito que ela produz” (Mallarmé apud Oseki-Dépré, 2007, p. 55).

Mallarmé, não mais como Baudelaire, que abriu o caminho para o poema em prosa, trilha outro caminho, o da literalidade, que permite recuperar uma forma, considerada estranha, quase indizível, mas que empreendeu uma renovação da sintaxe na poesia francesa.

Já Klossowski, que vem na esteira da transparência literal na tradução, inaugurada por Chateaubriand e Hölderlin, traduziu a “Eneida” e, assim, se colocou na história da tradução francesa e mundial. Klossowski se prende à transmissão da comoção provocada pelo latim, como destaca Oseki-Dépré, parecendo ilustrar as propostas benjaminianas.

Pierre Klossowski traduziu Rilke, Nietzsche, Kafka, Hölderlin, Heidegger, Wittgenstein e Suetônio e, na sua tradução da “Eneida” de Virgílio, tinha a intenção de reavivar o verso do autor, mas também tinha a consciência da dificuldade disso. Como consequência de sua maneira de traduzir, foi muito criticado por uma julgada tradução “palavra por palavra”. Demonstra ser benjaminiano por inteiro quando se propõe a deixar as línguas modernas sujeitas ao peso da alteridade e antiguidade das línguas estrangeiras que traduzia (como a formulação de Pannwitz citada por Benjamin<sup>20</sup>). E esse trabalho tem como objetivo “reabrir o acesso às obras que constituem nosso solo religioso, filosófico, literário e poético”<sup>21</sup> (OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 57).

Continuando sua argumentação, a autora apresenta exemplos de como a tradução de Klossowski contribui para a renovação do texto de Virgílio e, ao mesmo tempo, da poesia francesa, ao fazer uma tradução que se pretende literal. Alguns trechos de suas traduções são apresentados e comentados por Oseki-Dépré que destaca o duplo projeto de Klossowski, de realizar uma tradução que soasse latina e de dar à sua tradução uma aura poética. O resultado é um outro texto, antigo e muito moderno.

Como uma das consequências dessa literalidade, Foucault diz que a tradução é como o “negativo” da obra (como na fotografia), libertando a marca vazia indubitável de sua presença

<sup>20</sup> Trecho da citação de Pannwitz no texto de Walter Benjamin: “... o erro fundamental de quem traduz é conservar o estado fortuito da sua própria língua, ao invés de deixar-se abalar violentamente pela língua estrangeira. ...” (PANNWITZ apud BENJAMIN, 2011, p. 118).

<sup>21</sup> Trecho original: “rouvrir l'accès aux œuvres qui constituent notre sol religieux, philosophique, littéraire et poétique”.

real (não um “equivalente”) e diz também que a distância entre a língua e o texto é maior em francês que no original. Outra consequência é de deixar ver, na língua francesa, as etapas de sua evolução, como diz Berman, “dar de novo à língua a memória de sua história até sua origem...” (apud OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 63).

Como visto neste capítulo, a teoria de Benjamin revisitada por Berman justificou uma prática inovadora na tradução poética na França, o porquê dos tradutores franceses passarem a traduzir *à la lettre* (não palavra por palavra, mas *à la lettre*). Mas Benjamin não foi interpretado da mesma maneira pelos poetas do Novo Mundo, como será visto posteriormente.

Esta subparte do capítulo a que nos dedicamos a analisar diz respeito ao tipo de prática de tradução que foi influenciada por Benjamin (Mallarmé, Klossowski e outros). Nossos esforços se dedicam à análise das reflexões teóricas de Antoine Berman, Henri Meschonnic e Haroldo de Campos, mas não poderíamos deixar de contemplar este trecho da obra que reforça o impacto do texto de Walter Benjamin não só na teoria, mas na prática de tradução. Se os teóricos contemplados neste trabalho aparecem neste trecho da obra como referência de discurso teórico, isso só reforça a relevância desses para a Tradutologia já que esses sim elaboraram textos de cunho teórico.

#### 4.4. Henri Meschonnic e a poética do traduzir

Meschonnic, poeta, linguista, tradutor francês, teórico da poesia e da tradução, considerado um defensor do literalismo, inspirado por Benjamin, como lembra Oseki-Dépré (2007, p. 65), tem muitos pontos de convergência com Benjamin, mas se opõe ao filósofo alemão:

“na medida em que (a teoria de Meschonnic) se encontra no interior de uma poética, consequentemente, num pensamento do traduzir como processo de escrita, criativo, que se interessa pelo fazer tradutivo, o que não é o objeto privilegiado da “Tarefa do Tradutor”<sup>22</sup>. (OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 65)

Para Meschonnic, Benjamin tem uma importância fundamental ao negar a dualidade (que vinha desde a Antiguidade) entre fidelidade à fonte ou à língua de chegada, já que, para essa linha de pensamento, é preciso estar situado no plano da língua (de chegada, de partida).

---

<sup>22</sup> Trecho original : “dans la mesure où elle se place à l’intérieur d’une poétique, par conséquent, dans une pensée du traduire comme processus d’écriture, créatif, qui s’intéresse au *faire* traductif ce qui n’est pas l’objet privilégié de la « Tâche du traducteur ».

E, a partir do proposto por Benveniste, a tradução deve ser considerada no nível do discurso (da fala – da subjetivação).

Oseki-Dépré continua a apresentação das ideias defendidas por Meschonnic lembrando que este julga ser a “poética” a única a poder conceder as ferramentas críticas para se pensar a tradução, que, para ele, “não é um transporte de língua para língua, mas uma relação com a alteridade na literatura” (OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 65). Meschonnic destaca a importância da consideração de Benjamin sobre a tradução como um “entre-línguas”, o que enfatiza o argumento da relação com a alteridade e o movimento do descentramento.

A ideia de uma “pura língua(gem)”, proposta por Benjamin, que seria o encontro das línguas, o que se tem com a junção de todas elas, a complementaridade das línguas, gera o comentário daquilo que Meschonnic chama de “entre-línguas”:

A modernidade sem dúvida começa com a crítica deste mundo. É o motivo pelo qual “A Tarefa do Tradutor”, de Walter Benjamin, em 1923, é um marco significativo disto. Mesmo se ainda está preso na teologia do gênio das línguas, ele concebe a tradução como um *entre-línguas*. A tradução e a modernidade, uma pela outra aparecem como figuras, momentos, da relação com a alteridade. (MESCHONNIC, 1999, p. 248)<sup>23</sup>

Ao falar da relação da tradução com o estrangeiro e sobre o descentramento que se deve praticar, a tradução como uma relação com a alteridade na literatura, vemos o vínculo com o texto benjaminiano:

Desde suas primeiras obras, praticando a crítica de traduções, Henri Meschonnic não cessa de repetir os princípios de uma boa tradução: a concordância, a relação, o que se aproxima em certos aspectos do ensaio benjaminiano. (OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 69)<sup>24</sup>

Meschonnic acredita que essa alteridade é percebida no texto, no ritmo dele. Essa noção é encontrada nas entrelinhas do texto de Benjamin (como lembra a autora) quando ele fala de “transformações”. Assim, vemos que a ideia de “transformação” de Benjamin vai gerar esta interpretação de Meschonnic:

---

<sup>23</sup> Trecho original : La modernité sans doute commence avec la critique de ce monde. C’est pourquoi « La Tâche du traducteur », de Walter Benjamin, en 1923, en est un jalon significatif. Même s’il est encore pris dans la théologie du génie des langues, il conçoit la traduction comme un *entre-les-langues*. La traduction et la modernité l’une par l’autre apparaissent comme des figures, des moments, du rapport à l’alterité.

<sup>24</sup> Trecho original: Depuis ses premiers ouvrages, en pratiquant la critique des traductions, Henri Meschonnic ne cesse de répéter les principes d’une bonne traduction : la concordance, le rapport, ce qui le rapproche par certains côtés de l’essai benjaminien.

Esta alteridade é mensurada na oralidade, por consequência no ritmo, ela passa de texto a texto, o que, em Walter Benjamin, aparece nas entrelinhas quando ele evoca a noção de transformações, sem ocupar, é verdade, o lugar central de seu ensaio. Esta ideia é igualmente cara a Meschonnic: “A história do traduzir e sua teoria são também uma história e uma teoria da transformação de textos e da noção de texto.” (OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 65,66)<sup>25</sup>

No ritmo está manifesto o sujeito, seu discurso. Consequentemente, para se traduzir, é preciso se descentrar, estar em contato com o Outro, a alteridade. O texto se transforma, mas na verdade se transforma a noção de texto, fazendo a tradução do ritmo ser aquilo que defende Meschonnic. A transformação entendida por Meschonnic se dá mais neste sentido, uma transformação se dá no ritmo e na oralidade – que porta a alteridade – e que vai passando de um texto a outro. O original se modifica, como diz Benjamin (OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 20), e sobrevive, com as transformações possíveis pela tradução.

As posições de Henri Meschonnic a respeito de sua poética se afastam daquelas propostas por Berman, no tocante à tradutologia, em pelo menos três pontos destacados por Oseki-Dépré e que, segundo ela, são provenientes da oposição entre forma e sentido:

- recusa a uma terminologia que mantém o mal entendido (poética *versus* tradutologia) na medida em que não há uma ciência do traduzir;
  - recusa à tradução como hermenêutica (Heidegger, Steiner, Berman) e do tradutor como um intérprete do sentido, o que leva à
  - recusa da hermenêutica como pensamento do traduzir (Derrida, Berman).<sup>26</sup>
- (OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 66).

Exposto isso, Oseki-Dépré revela que a posição de Meschonnic, para a qual converge a posição da própria autora (sem falar propriamente de influência) é aquela derivada da poética, da prática tradutiva. Já que tanto para Meschonnic, quanto para Oseki-Dépré, considerar a tradução e a tradutologia como uma hermenêutica seria acreditar no sentido que provém da forma, o que é negado por Walter Benjamin quando diz que a tradução é uma forma (mas no julgamento de Oseki-Dépré não invalidaria a possibilidade da abordagem à maneira de Steiner ou Berman).

---

<sup>25</sup> Trecho original: Cette alterité se mesure à l’oralité, par conséquent au rythme, elle se passe de texte à texte, ce qui, chez Walter Benjamin, apparaît dans les entrelignes lorsqu’il évoque la notion de transformations, sans occuper, il est vrai, la place centrale de son essai. Cette idée est également chère à Meschonnic : « L’histoire du traduire et sa théorie sont aussi une histoire et une théorie de la transformation de textes et de la notion de texte. »

<sup>26</sup> Trecho original: “- le refus d’une terminologie qui maintient le malentendu (poétique *versus* traductologie) dans la mesure où il n’y a pas de science du traduire ;  
- le refus de la traduction comme une herméneutique (Heidegger, Steiner, Berman) et du traducteur comme un interprète du sens, ce qui entraîne  
- le refus de l’herméneutique comme pensée du traduire (Derrida, Berman).

Apesar de ir de encontro ao que propõe Berman com sua “tradutologia”, Meschonnic acredita, assim como Berman, que a teoria surge a partir da prática: “É enquanto tradutor que eu teorizo. Isso vai contra a negação da teoria que separa supostamente os tradutores e os teóricos. Pois só há teoria através da prática. A menos que se tome a má abstração por teoria.” (MESCHONNIC, 2010, p. 41, 42) Mesmo que seja com abordagens diferentes, ambos autores concordam que é a partir da atividade tradutória que é possível a reflexão teórica séria.

A teoria da tradução poética de Meschonnic vem dizer que a tradução (já que é uma atividade translinguística) deve ser considerada como a escrita de um texto e não pode ser teorizada pela linguística do enunciado nem pela poética formal. Deve-se levar em conta os aspectos poético e social da tradução e fundar uma teoria translinguística da enunciação. A tradução como um produto de valor igual ao texto original.

A consequência disso, na compreensão de Oseki-Dépré, diz respeito à transparência ou não da tradução mais nas intenções que nos resultados. Seria contestar esse preconceito de modéstia em relação à tradução, e o tradutor assumir seu papel de criador e não se esconder atrás do original (como fez Octavio Paz). Essa transparência é tratada por Meschonnic mais como “descentramento”, que seria uma “relação textual entre dois textos em duas línguas-culturas até a estrutura linguística da língua, sendo essa estrutura linguística de igual valor no sistema do texto.” (MESCHONNIC apud OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 67). E, sem o qual, o texto traduzido é objeto de anexação, numa ilusão do natural.

Meschonnic chama a atenção também para a cegueira (ou surdez) dos tradutores que cometem, no mínimo, dois erros essenciais: ou traduzem segundo a ideologia da língua conforme a tradição das belas infieis (o que Berman também destaca, o erro dos que privilegiam o alvo), ou consideram a tradução unicamente do ponto de vista da língua e não do discurso, “é o discurso, a escrita, que se deve traduzir” como diz Meschonnic (apud OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 68).

O tradutor não pode esquecer – insiste Meschonnic – que o texto que ele traduz para outra língua é, antes de tudo, um discurso particular, a inscrição de um sujeito naquela língua. E o teórico francês, com sua poética, faz uma batalha pela poesia, pela literatura, e contra a dominação do francês (que as estratégias da tradução chamam de “literário”).

Meschonnic propõe então um critério que permite o descentramento. Já que a tradução é uma criação, assim como o texto original, ela deve guardar as mesmas relações entre o que é marcado no original e na língua de chegada (traduzir o marcado pelo marcado e o não marcado pelo não marcado):

Porque não é a língua que deve ser traduzida, mas o que um poema fez com sua língua, então, tem que se inventar na língua de chegada equivalências de discurso: prosódia por prosódia, metáfora por metáfora, trocadilho por trocadilho, ritmo por ritmo (MESCHONNIC, 2007, p. 58)<sup>27</sup>

Para uma boa tradução, Meschonnic acredita nos princípios da concordância e desta relação (o que o aproxima de alguma forma a Benjamin). Oseki-Dépré resume alguns dos princípios tradutivos de Henri Meschonnic como:

a relação entre o traduzir e o escrever, a relação entre o traduzir e a teoria da tradução, o descentramento do tradutor, a homologia entre o original e a tradução, a inseparabilidade da forma e do sentido, a relação de concordância entre os dois textos (o marcado pelo marcado, o não-marcado pelo não-marcado, a figura pela figura, a não figura pela não figura). (OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 166, 167<sup>28</sup>)

Oseki-Dépré (2007, p. 69) lembra ainda que, se para Benjamin o papel da tradução é colocar o original da história e o do tradutor “transparente” é de trabalhar na complementaridade das línguas, para Meschonnic a boa tradução, obra de um sujeito histórico, deve continuar o original e não se apagar<sup>29</sup>. As condições para uma grande tradução são o respeito pelo ritmo, pela oralidade, pelo aspecto discursivo do texto original, e levar em conta o sujeito da fala poética além de uma intuição.

A autora afirma que a abordagem de Meschonnic “se insere na crítica literária e coloca novamente a questão da tradução literária no interior do processo criativo” (OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 70) e, num segundo momento, ele mostra exemplos de seus argumentos e propõe traduções de acordo com seus propósitos. Para Meschonnic, bem como para Oseki-Dépré, só há teoria da tradução a partir da prática.

Mas a autora faz duas objeções às propostas de Meschonnic, a primeira é que ele propõe algo que está ligado fortemente a uma teoria mais vasta, seja ela do ritmo, da oralidade ou de sujeito (mesmo se convoca a teoria da linguagem ou da literatura e se apoia na historicidade do sujeito) o que vai de encontro à delimitação de uma área do conhecimento, a

<sup>27</sup> Trecho original: Parce que ce n'est pas de la langue qu'il y a à traduire, mais ce qu'un poème a fait à sa langue, donc il y a à inventer dans la langue d'arrivée des équivalences de discours : prosodie pour prosodie, métaphore pour métaphore, calembour pour calembour, rythme pour rythme.

<sup>28</sup> Trecho original: Nous avons évoqué précédemment quelques-uns de ses principes traductifs : le rapport entre traduire et écrire, le rapport entre traduire et la théorie de la traduction, le décentrement du traducteur, l'homologie entre l'original et la traduction, l'inséparabilité de la forme et du sens, le rapport de concordance entre les deux textes (le marqué pour le marqué, le non-marqué pour le non-marqué, la figure pour la figure, la non-figure pour la non-figure). p. 166, 167.

<sup>29</sup> O “apagamento” aqui é entendido como o de um tradutor que não se impõe em traduzir com respeito ao sujeito histórico e “apaga” as marcas de historicidade, de discurso próprio marcado no tempo e no espaço.

“tradutologia” proposta por Berman que é sim interdisciplinar, mas também autônoma (tradutologia essa com a qual concorda Oseki-Dépré).

A segunda seria que a teoria de Meschonnic acaba se tornando uma teoria do singular ou da singularidade. De fato, todos os tradutores evocados por ele são casos marcantes, mas dificilmente generalizáveis. Oseki-Dépré fecha este capítulo indagando sobre como definir o “grande” tradutor. Cada um dos teóricos julga ser um tradutor diferente, todos servindo aos autores quando lhes deram corpo e voz, fazendo com que seus textos ganhassem vida novamente num diálogo de sujeito a sujeito, mas cuja teorização apenas começou (Oseki-Dépré, 2007, p. 70).

#### **4.5. Haroldo de Campos e a prática transcriadora**

Haroldo Eurico Browne de Campos, paulistano, nascido em 1929, foi um poeta, tradutor, crítico e teórico da tradução brasileiro, um dos poetas concretistas e uma referência no que tange à tradução literária, sobretudo a poética. Sua teoria da tradução recriadora ou transcriadora é a contribuição brasileira inovadora para a teoria da tradução literária.

A teorização de Campos sobre a tradução foi apresentada ao público em vários ensaios escritos em diversas fases de sua vida e posteriormente reunidos em livros como “A arte no horizonte do provável e outros ensaios” (1969), “Metalinguagem & Outras Metas” (2004) e, o mais recente, “Haroldo de Campos – Transcriação” (2013, organizado por Marcelo Tápia e Thelma Médici Nóbrega).

Inês Oseki-Dépré, ao falar sobre a proposta que Haroldo de Campos formula sobre a tradução, cita principalmente o texto do poeta brasileiro “Da tradução como criação e como crítica”, no qual ele estabelece uma linha de pensamento importante para que se possa compreender sua proposta de tradução recriadora. Campos parte da afirmação de Albrecht Fabri quando este fala que a linguagem literária é “aquela que não tem outro conteúdo senão sua estrutura”, e da impossibilidade de se traduzir a “sentença absoluta” da linguagem literária fazendo surgir a tradução a partir da insuficiência da sentença valer por si mesma, e, assim, Fabri considera que “toda tradução é crítica” (CAMPOS, 2004, p. 31 e 32).

Campos prossegue seu texto retomando a distinção estabelecida por Max Bense das informações documentária, semântica e estética frisando o que ele chama da fragilidade da informação estética numa composição literária e, assim, afirma que seria mais correto dizer

que a informação estética é igual à codificação original da obra, “a informação estética é, assim, inseparável de sua realização” (CAMPOS, 2004, p. 32). Dessa forma, Bense fala de uma intraduzibilidade da informação estética, que, em outra língua, constitui uma informação estética distinta (mesmo que semanticamente semelhante).

Assim, partindo do conceito de intraduzibilidade conforme justificada por Fabri a respeito da sentença absoluta da linguagem literária e por Bense quando fala da fragilidade da informação estética da obra literária, Haroldo de Campos formula: “Admitida a tese da impossibilidade, em princípio, da tradução de textos criativos, parece-nos que esta engendra o corolário da possibilidade, também em princípio, da recriação desses textos.” (CAMPOS, 2004, p. 34).

Campos afirma que a “tradução de textos criativos será sempre *recriação*, ou criação paralela, autônoma, porém, recíproca” (CAMPOS, 2004, p. 35) e quanto maiores forem as dificuldades, mais suscetível à recriação estará o texto, mais ele será “sedutor enquanto possibilidade aberta de recriação”. Ou seja, quanto maiores forem as dificuldades, os desafios para o tradutor, maior será a justificativa para se falar em recriação.

O título que Oseki-Dépré dá ao quinto capítulo de seu livro, “Haroldo de Campos: Make it new”, revela a proximidade de Haroldo de Campos e Ezra Pound como podemos confirmar ao ler a afirmação de Campos “Em nosso tempo, o exemplo máximo de tradutor-recriador é, sem dúvida, Ezra Pound.” (CAMPOS, 2004, p. 35) e prosseguindo sobre Pound diz que “Seu lema é “Make it New”: dar nova vida ao passado literário válido via tradução.”. Campos vê a formulação de Ezra Pound com familiaridade já que suas práticas visam o mesmo objetivo, a criação de um novo texto.

As teorias e as práticas dos poetas do Novo Mundo (como os chama Inês Oseki-Dépré), Octavio Paz, Haroldo de Campos, Augusto de Campos, Ezra Pound, insistem na ideia da transformação, a chamada “recriação” de Campos. Ao acreditarem nessa forma de tradução, veem o isomorfismo entre o original e a tradução, como explicita Haroldo de Campos sobre as informações estéticas numa e noutra língua que “estarão ligadas entre si por uma relação de isomorfia: serão diferentes enquanto linguagem, mas, como os corpos isomorfos, cristalizar-se-ão dentro de um mesmo sistema” (CAMPOS, 2004, p. 34). Ou, ainda, quando diz que o tradutor procede à transcrição “para chegar ao poema transcrito como re-projeto isomórfico do poema originário.” (CAMPOS, 2008, p. 181). Assim, original e tradução têm igual valor e importância na interpretação dos poetas.

A tradução defendida por Haroldo de Campos, aquela que vê no ato de tradução uma criação de um novo texto, é chamada por Campos de recriação/transcrição<sup>30</sup> e citada por Oseki-Dépré como “*une pratique transcréatrice*” (OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 77). A autora afirma que Campos faz uma reformulação da tese proposta por Walter Benjamin sobre a tradução de uma maneira mais dinâmica culminando nessa “prática transcriadora”, o que religa o original e a tradução pelo “isomorfismo”.

Tanto Walter Benjamin quanto Haroldo de Campos afirmam que a tradução e o original se completam (aí Campos declara sua filiação a Benjamin) e, ao acreditar no isomorfismo entre o original e a tradução, Campos está se remetendo à pura língua de Benjamin. A pura língua é o não dito de todas as línguas, é o conjunto de todas, um ideal que não existe, já que há, para Benjamin um parentesco das línguas que reside no fato de que elas visam a mesma coisa, mas que não a atingem separadamente, “mas somente na totalidade de suas intenções reciprocamente complementares: a pura língua ou linguagem [*Sprache*]” (BENJAMIN, 2010, p. 213).

Como ressalta Oseki-Dépré (2007, p. 72) Haroldo Campos destaca dois princípios a partir do texto de Benjamin, o primeiro é a transcodificação semiótica (fazer do simbolizante o simbolizado, reconciliar o ícone e o referente) em que cabe ao tradutor reencontrar a iconicidade do signo, dando valor, assim, à forma do original que vai determinar a forma da tradução. Nesse sentido, Campos afirma que a tradução recriadora não traduz apenas o significado, mas o próprio signo, e o significado se torna, nesse empreendimento, somente o limite da recriação (CAMPOS, 2004, p. 35).

Isso retoma o que Benjamin (2011, p. 102) fala sobre a tradução ser uma forma cujas leis devam ser buscadas no original e que apesar de uma certa significação da obra se exprimir na sua traduzibilidade, o que é prioritário não é o sentido. Como resume Oseki-Dépré sobre esse princípio do texto de Benjamin interpretado por Campos “Aqui o valor é dado à forma do original que determina a forma da tradução” (OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 72).

O segundo princípio é a descoberta de uma física, “uma verdadeira metafísica do traduzir” (CAMPOS, 1969, p. 95), uma pragmática da tradução que seria de demonizar o tradutor, fazendo dele um “usurpador”, um “translúcifer” como destacado por Oseki-Dépré (2007, p. 72).

É Haroldo de Campos que articula a liberdade mimética (utilizada por Ezra Pound, de quem ele era profundo conhecedor) e as teorias de Benjamin. Oseki-Dépré apresenta em seu

---

<sup>30</sup> Em seus primeiros trabalhos Haroldo de Campos usa a palavra “recriação” e mais tarde passa a utilizar “transcrição”.

livro exemplos de tradução que mostram em que medida “esse método multiplica os acessos à língua primeira”, quando Pound desordena, atropela a língua de chegada numa transposição literal e em osmose com o original (OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 72).

Ezra Pound propõe três funções às quais a tradução deve responder, e com as quais Haroldo de Campos concorda: leitura, crítica e recriação poética, como destaca Oseki-Dépré. A recriação poética é ainda mais pertinente, já que é “um instrumento para o próprio poeta, mas [também] o meio mais adequado para a formação de uma cultura nacional (OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 77) a exemplo do que diz Campos:

Quando os poetas concretos de São Paulo se propuseram uma tarefa de reformulação da poética brasileira vigente, em cujo mérito não nos cabe entrar, mas que referimos aqui como algo que se postulou e que procurou levar à prática, deram-se, ao longo de suas atividades de teorização e de criação, a uma continuada tarefa de tradução. Fazendo-o tinham presente justamente a didática decorrente da teoria e da prática poundiana da tradução e suas idéias quanto à função da crítica – e da crítica via tradução – como “nutrimento do impulso” criador. (CAMPOS, 2004, p. 42).

Esse projeto dos poetas concretos englobou as traduções em equipe, o que incluiu tradução de textos que exigiam muito do tradutor concedendo aos poetas, de acordo com Haroldo de Campos, uma experiência em tradução.

Isso só é possível pela tradução do signo, da sua materialidade (propriedades sonoras, gráfico-visuais) o que supõe um trabalho em várias etapas. A primeira delas é crítica, a análise do texto original, como “que se desmonta e se remonta a máquina da criação” (CAMPOS, 2004, p. 43) e por isso mesmo, diz Campos, a tradução é crítica e ainda, como diz Subirat, “Traduzir é a maneira mais atenta de ler”. Assim, nessa leitura atenta, a tradução proporciona a entrada profunda no texto artístico, “nos mecanismos e engrenagens mais íntimos” (p. 46).

A segunda etapa, segundo Oseki-Dépré, é a recriação do texto original percorrendo novamente as etapas da criação original, da elaboração formal: sonora, conceitual, imagética. A terceira é a evolução na sua obra e na sua maneira de traduzir e “consiste em reivindicar uma tradução que oblitera o original, o que culmina na sua “transluciferação” do Fausto de Goethe” (OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 78 e 79).

Haroldo de Campos em seu ensaio “Para Além do Princípio da Saudade: a teoria benjaminiana da tradução”<sup>31</sup> faz uma leitura da teoria de Benjamin à qual chama de “metafísica do traduzir” e diz que dela “pode-se depreender nitidamente uma física, uma pragmática da tradução” (CAMPOS, 2013, p. 55). Diz ainda que essa física pode ser

---

<sup>31</sup> Constitui o capítulo 5 do livro “Haroldo de Campos – Transcrição” (2013) organizado por Marcelo Tápia e Thelma Médici Nóbrega e foi publicado originalmente em *Folha de S. Paulo*, 9 dez. 1984, Caderno Folhetim.

reconhecida na proposta de Jakobson (2003, p. 72) sobre a “transposição criativa” para a tradução poética, e aí vemos a ligação da concepção de tradução poética do próprio Campos com a de Jakobson, ambos em favor de uma criação transformadora.

## 5. Para uma história contemporânea da tradução

Em seu livro “Depois de Babel: Questões de Linguagem e Tradução”<sup>32</sup>, George Steiner propõe a divisão em quatro períodos para a bibliografia sobre teoria, prática e história da tradução. O primeiro “é o longo período no qual análises e pronunciamentos seminais brotam diretamente do empreendimento do tradutor” (STEINER, 2005, p. 259). Esse intervalo se estenderia de Cícero (46 a.C.<sup>33</sup>) passando por São Jerônimo (séc. V), Lutero (1530), Alexander Fraser Tytler (1792), Hölderlin (1804), entre outros nomes, chegando a Friedrich Schleiermacher (1813). A principal característica da primeira fase é o foco empírico direto e Steiner chega a se referir a ela como uma “época de asserções e notações técnicas primárias” (STEINER, 2005, p. 260).

O segundo momento é fundamentalmente marcado pela teoria e investigação de caráter hermenêutico, quando a questão da natureza da tradução é inserida nas teorias gerais da linguagem e da mente, como destaca Steiner (2005, p. 260). A abordagem hermenêutica iniciada por Schleiermacher e desenvolvida por Schlegel e Humboldt fez com que a tradução fosse tratada de maneira filosófica. Mas, não deixando de lado a relação entre teoria e necessidade prática da tradução e também retomando o tema da relação entre as línguas, alguns nomes são indicados nesta segunda fase como Goethe, Schopenhauer, Paul Valéry, Ezra Pound, Walter Benjamin e Ortega y Gasset, entre outros, encerrando com Valéry Larbaud (1946).

Este foi um período de teorização e definição poético-filosófica e foi quando, segundo Steiner (2005, p. 260), o tema adquiriu vocabulário e estatuto metodológicos próprios, quando as teorizações puderam se distanciar das exigências e singularidades de textos isolados, para se tornarem mais gerais. E é também o momento identificado pelo autor, em que se configura uma historiografia da tradução.

---

<sup>32</sup> Título original: “*After Babel: Aspects of Language and Translation*”. A tradução para o português usada neste trabalho foi feita por Carlos Alberto Faraco (ver referência bibliográfica completa no final deste trabalho).

<sup>33</sup> As datas indicadas em seguida dos nomes nesta parte do trabalho referem-se às datas de publicação de importantes textos dos autores.

A terceira fase é o chamado “contexto moderno”, com trabalhos iniciais em tradução automática no final dos anos 1940, quando a linguística estrutural e a teoria da informação são introduzidas nas discussões sobre tradução, período de intensa exploração e muita colaboração, como ressalta Steiner (2005, p. 260). O nome de Andrej Fedorov (*Introduction to the Theory of Translation*, 1953) se destaca nessa fase, além de livros editados a partir de trabalhos apresentados em dois marcantes simpósios<sup>34</sup>. Esses dois livros apresentam as abordagens da lógica, contrastiva, literária, semântica e comparativa que ainda hoje são desenvolvidas, o que poderia justificar que ainda estamos nessa fase, mesmo se algumas diferenças com relação à ênfase vêm acontecendo desde a década de 1960.

O quarto período iniciou-se após a “descoberta” do texto de Walter Benjamin (“A Tarefa do Tradutor” publicado décadas antes, em 1923) e da influência de Heidegger e Gadamer, gerando um retorno à hermenêutica. A tradução tem sido discutida com a influência de várias áreas do conhecimento:

“A filologia clássica e a literatura comparada, a estatística lexical e a etnografia, a sociologia dos níveis de fala, a retórica formal, a poética e o estudo da gramática se combinam num esforço para se clarificar o ato de traduzir e o processo da ‘vida entre línguas’.” (STEINER, 2005, p. 261)

Essa fase, mesmo que se confunda com a anterior, é o momento contemporâneo dos escritos, teorias e pesquisas em tradução. Muito é produzido, mas apesar de abundante e valiosa, a “bibliografia sobre teoria prática e história”, segundo Steiner (2005, p. 261), não apresenta muitas ideias originais e significativas.

Já para Inês Oseki-Dépré, como já dissemos, são três os grandes nomes para a história da teoria da tradução. O primeiro deles é Cícero que, na época do apogeu romano, pregava uma tradução feita por um “orador” que, ao contrário de um “simples tradutor”, não traduziria palavra por palavra e deveria inclusive adaptar o texto aos “usos latinos”. Cícero foi a inspiração clássica para outras “escolas de tradutores” que mais tarde voltariam a afirmar a necessidade de se fazer uma tradução voltada para o público. O segundo nome é o de Jerônimo que diferencia a tradução religiosa e profana e prima pela simplicidade na tradução. Este grande tradutor da Bíblia em latim relacionava as atividades de tradução e escrita e tinha

---

<sup>34</sup> “On Translation, editado por Reuben A. Brower e publicado em Harvard em 1959; e *The Craft & Context of Translation: a Critical Symposium*, editado por William Arrowsmith e Roger Shattuck para a Editora da Universidade do Texas em 1961.” (STEINER, 2005, p. 260, 261)

como princípio tradutivo “*non verbum e verbo, sed sensum exprimere de sensu*” / “não palavra por palavra, mas sentido por sentido” (OSEKI-DÉPRÉ, 1999, p. 19 e 20).

O terceiro é Walter Benjamin que desloca a tradução para um terreno mais abstrato e destrói o pensamento dual, até então tradicional sobre a tradução. Com o seu “*Die Aufgabe des Übersetzers*”, Benjamin tira o tradutor da questão mesquinha da preocupação de acreditar na tradução palavra por palavra e contribui enormemente para a teorização sobre a tradução ao deslocar a problemática de uma herança antiga e medieval para um outro lugar, em que tudo deve ser pensado. Corroborando com o argumento de o texto de Benjamin ser um marco da modernidade, Meschonnic diz:

A modernidade sem dúvida começa com a crítica deste mundo. É o motivo pelo qual “A Tarefa do Tradutor”, de Walter Benjamin, em 1923, é um marco significativo disto. (MESCHONNIC, 1999, p. 248)<sup>35</sup>

Inês Oseki-Dépré nos apresenta em seu livro “*De Walter Benjamin à nos jours... (Essais de traductologie)*”, as ideias de Benjamin, responsável por inaugurar a contemporaneidade na tradutologia. A autora ainda identifica e descreve sobre aqueles que desenvolveram teorias e reflexões a partir do texto de Walter Benjamin constituindo assim uma linha de filiação teórica a partir do filósofo alemão. Antoine Berman, Henri Meschonnic e Haroldo de Campos, os três teóricos a quem são dedicados capítulos do livro de Oseki-Dépré, não são os únicos influenciados por Walter Benjamin, mas aqueles que se destacam e acabam por formular conceitos desdobrados dos benjaminianos.

Antoine Berman e Henri Meschonnic, figuras muito importantes para a tradução, apesar de terem posições contrárias em certos aspectos de suas respectivas teorias, são identificados como os grandes herdeiros franceses de Benjamin. Já, nas palavras de Susana Kampff Lages: “Sem sombra de dúvida, o mais antigo e persistente intérprete da “arcangélica” tarefa do tradutor no Brasil é Haroldo de Campos.” (LAGES, 2002, p. 170). Assim, vemos que foi sob a influência de Benjamin que Haroldo de Campos fez sua contribuição para a teoria da tradução no Brasil e reconhecemos sua importância histórica global.

A tradutologia defendida por Oseki-Dépré é aquela proposta por Antoine Berman, a que se interessa pelo aspecto literário da tradução. É um campo epistemológico, um domínio

---

<sup>35</sup> Trecho original : La modernité sans doute commence avec la critique de ce monde. C’est pourquoi « La Tâche du traducteur », de Walter Benjamin, en 1923, en est un jalon significatif.

de reflexão, ponto de encontro de várias disciplinas, é transdisciplinar. Não é uma ciência, não é filosofia, mas uma problemática, um campo de reflexão.

Vale comentar que os *Translation Studies* seriam uma outra abordagem, diferente, (de acordo com a visão da autora) que, de maneira geral, se dedicam a estudar todos os tipos de textos, são as pesquisas de carácter sociológico da tradução, focalizam nas questões sociais, culturais (iniciado pelos pesquisadores da Bélgica, Israel, Canadá, a teoria dos polissistemas, etc).

Assim vemos a contribuição do livro de Oseki-Dépré para uma historiografia contemporânea da tradução, com o qual se entendem as filiações em diferentes vertentes do texto de Benjamin, compreendendo as redes conceituais que se ligam entre os teóricos. Através dos estudos dos termos, dos conceitos criados por Benjamin e aqueles influenciados por ele, podemos contribuir para uma genealogia e arqueologia desses pensamentos sobre o traduzir. Podemos sistematizar a herança benjaminiana da seguinte forma:

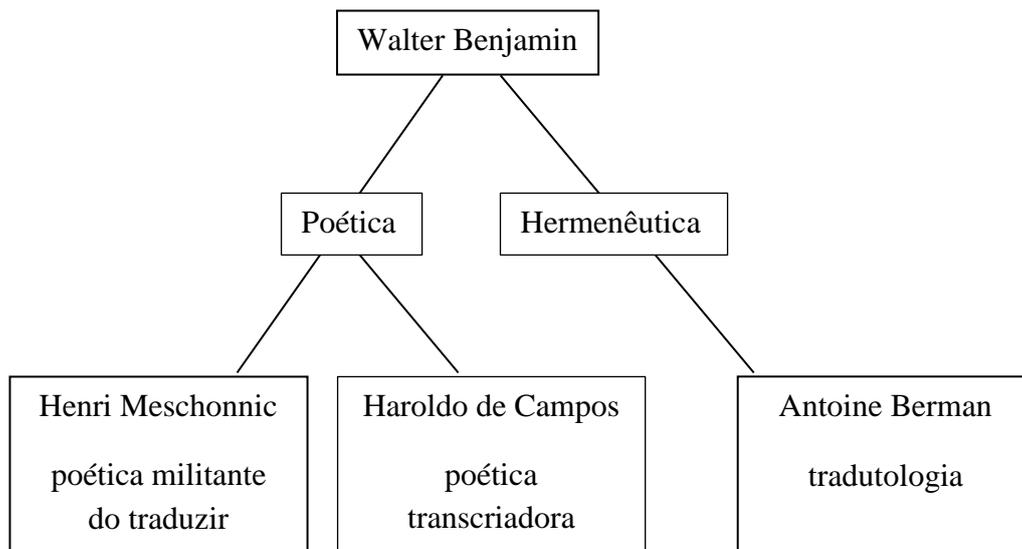


Figura 1. Esquema de filiações teóricas a partir do que expõe Oseki-Dépré.

## CAPÍTULO 2

### TERMINOLOGIA

*Poder-se-ia mesmo dizer que a história particular de uma ciência se resume na de seus termos específicos.*

Benveniste

## **6. Terminologia: fundamentos, teorias e conceitos**

A Terminologia como área de estudo acadêmica é reconhecida tardiamente, no século XX, mesmo se a denominação de objetos e conceitos seja natural à linguagem humana e a nomeação de termos de áreas de conhecimento seja feita desde a Antiguidade. Cabré (1993) divide em quatro períodos fundamentais o desenvolvimento da terminologia moderna. O primeiro deles, as origens (décadas de 1930 a 1960) é onde estão situados os trabalhos de Wüster.

Eugen Wüster (1898-1977) é um engenheiro austríaco que ao se preocupar com a padronização do uso de termos para uma uniformização e não ambiguidade da comunicação plurilíngue internacional da área de conhecimento que ele mesmo pertencia, lança os fundamentos para a Terminologia como disciplina acadêmica. Nesse sentido, a Terminologia como campo surge fora dos estudos da linguagem, no entanto, Wüster concebe as propostas da TGT, a Teoria Geral da Terminologia e, por isso, é considerado o fundador da Terminologia moderna como relatam Krieger e Finatto (2004, p. 20). A teoria de Wüster pretende uma univocidade dos termos em uma determinada área, e argumenta que a única diferença entre os integrantes de uma área em diferentes países seria a língua, não levando em consideração os aspectos culturais.

A abordagem de Wüster se caracteriza basicamente pelo desenvolvimento de métodos de trabalho terminológico que levam em conta o caráter sistemático dos termos (CABRÉ, 1993, p. 28). A Teoria Geral da Terminologia tem como base a consideração de que a Terminologia é uma matéria autônoma, de caráter interdisciplinar, a serviço das disciplinas técnico-científicas (p.32), um campo de relação entre as ciências e as coisas.

A próxima fase da terminologia moderna é a da estruturação (de 1960 a 1975), constituída pelo desenvolvimento da macro informática e das técnicas documentais e pelo aparecimento dos primeiros bancos de dados. O terceiro período é o da eclosão (1975-1985), no qual se observa uma proliferação de projetos de planificação linguística incluindo a terminologia. É também o período em que se destaca o papel da terminologia na modernização da língua e da sociedade que a usa, além da expansão da microinformática que muda as condições de trabalho terminológico e o tratamento de dados.

A última fase, proposta por Cabré (1993, p. 29), é aquela da ampliação (desde 1985) e vê a informática se tornar um dos recursos mais importantes que impelem as mudanças na área, e, por outro lado, há o desenvolvimento de instrumentos e recursos mais adaptados às necessidades dos terminólogos, de manejo mais fácil e mais eficaz. Esta também é a fase do novo mercado das indústrias da linguagem e aquela em que a cooperação internacional aumenta o intercâmbio de informação e colaboração internacional na formação dos terminólogos. É neste momento que se consolida o modelo da terminologia à planificação de uma língua.

É nesta última fase em que estão inseridos os trabalhos da própria pesquisadora Maria Teresa Cabré que desenvolve suas pesquisas em Barcelona, no âmbito do Instituto de Linguística Aplicada da Universidade de Pompeu Fabra. Desenvolvendo estudos terminológicos que inserem a Terminologia na área da Linguística, Cabré propõe a Teoria Comunicativa da Terminologia, a TCT, que critica algumas limitações da TGT, e formula novos entendimentos sobre as terminologias e a Terminologia.

A TCT tem seus fundamentos na valorização dos aspectos comunicativos das linguagens de especialidade, como destacam Krieger e Finatto (2004), e de acordo com estes, compreende que “uma unidade lexical pode assumir seu caráter de termo em função de seu uso em um contexto e situação determinados” (KRIEGER E FINATTO, 2004, p. 35). Assim, o termo tem um conteúdo variável de acordo com a situação comunicativa em que está inserido no momento.

A Terminologia se interessa pelas linguagens de especialidade e pelo estudo dos termos (unidades lexicais especializadas) de uma área do conhecimento (enquanto a Lexicologia se ocupa da língua comum e da palavra no sentido da língua comum). A linguagem de especialidade é o objeto mesmo da Terminologia, enquanto a unidade terminológica é sua unidade de análise.

Quanto mais se especializam as áreas de conhecimento (sejam elas técnicas ou científicas) e se ramificam os campos de estudo, mais se desenvolvem, com rigor, as terminologias (conjunto de termos) e, assim, se justificam os estudos terminológicos das linguagens de especialidade. Quando a Tradutologia se estabelece como área de conhecimento, vemos realçar daí sua terminologia.

Uma primeira sistematização da terminologia da área dos Estudos da Tradução é feita na obra traduzida e publicada no Brasil em 2013 como “Terminologia da Tradução”, organizada por Hannelore Lee-Jahnke, Jean Delisle e Monique C. Cormier, (tradução e

adaptação para o português de Álvaro Faleiros e Claudia Xatara). Trata-se de uma seleção de termos mais ligados à escola da tradução oriunda da Linguística, que não contempla a teoria da tradução contemporânea nem a vertente da tradução ligada à literatura comparada, o que faz com que a seleção de termos e a obra em si, conseqüentemente, tenham um caráter estruturalista.

Outra publicação que pretende contemplar termos sobre tradução é o Glossário de Termos de Tradução e Edição organizado por Sônia Queiroz e publicado pela Fale/UFMG em 2008. Assim como a obra terminográfica citada no parágrafo anterior, esse também não engloba os termos oriundos das correntes tradutórias posteriores à corrente linguística.

Se um caminho teórico da Tradutologia é traçado por Inês Oseki-Dépré, temos também delineado o desenvolvimento de sua terminologia, de seus conceitos. E é a partir dessa que desenvolvemos nosso trabalho.

É importante destacar aqui que a palavra terminologia “tanto pode significar os termos técnico-científicos, representando o conjunto de unidades lexicais típicas de uma área científica, técnica ou tecnológica, quanto o campo de estudos” (KRIEGER e FINATTO, 2004, p. 13). Assim, a “terminologia”, com *t* minúsculo, é o conjunto das unidades lexicais (os termos) de uma especialidade, de um campo do saber e a “Terminologia”, com *T* maiúsculo, é por si só uma área científica que tem o léxico especializado como seu próprio objeto de análise.

## 6.1. Linguagem especializada e Terminologia

A língua comum é aquela usada pelos falantes de uma língua em situações ditas não marcadas, não especializadas, é o uso geral da língua, e tem caráter autorreferencial intrínseco à língua. Já a linguagem de especialidade é aquela de uma situação comunicacional marcada, especializada, inserida numa área de conhecimento, tem o mundo como referência e pode ser mais especificamente definida como:

um subconjunto da língua geral que serve para transmitir um saber atinente a um campo de experiência particular. Ela tem em comum com a língua geral a gramática e uma parte de seu inventário léxico-semântico (morfemas, palavras, sintagmas e regras combinatórias), mas faz uso seletivo e criativo que reflete as particularidades dos conceitos em jogo e que apresenta variações sociais, geográficas e históricas. (PAVEL, 1993, p. 100)

Outra definição de linguagem de especialidade, agora formulada por Cabré, é a seguinte:

falamos em linguagem de especialidade (ou linguagens especializadas), para fazer referência ao conjunto de subcódigos – parcialmente coincidentes com o subcódigo da língua comum – caracterizados em virtude de algumas particularidades ‘especiais’, isto é, próprias e específicas de cada uma delas, como a temática, o tipo de interlocutores, a situação comunicativa, a intenção do falante, o meio em que é produzido um intercâmbio comunicativo, o tipo de intercâmbio etc. (CABRÉ, 1993, p. 128, 129)<sup>36</sup>

Pavel a classifica como pertencente à língua geral (mas um subconjunto com suas particularidades), enquanto Cabré descreve que uma linguagem de especialidade é apenas em parte igual à língua comum, ou seja, admite que há aspectos das linguagens de especialidade que dizem respeito somente a elas. Vale lembrar que a língua geral “compreende tanto as variedades marcadas como as não marcadas, pode-se considerar como um conjunto de conjuntos, imbricados e inter-relacionados por muitos pontos de vista”<sup>37</sup> (CABRÉ, 1993, p. 129). Assim, a língua geral engloba a língua comum (não marcada, não especializada) e as linguagens de especialidade (marcadas).

Um comentário se faz necessário sobre o debate entre terminólogos que se referem a essas como “linguagem de especialidade” enquanto outros a denominam “língua de especialidade”. Sobre o tema, Barros explica:

As reflexões feitas pelos terminólogos nos últimos anos levaram, no entanto, a se pensar que, na verdade, não se trataria de uma “língua” de especialidade e que melhor seria falar de linguagem de especialidade, apoiados na tradição linguística de que linguagem seria a língua em uso. (BARROS, 2004, p. 43).

Como discorre Barros (2014, p. 42), por algum tempo se falava em língua de especialidade por acreditarem se tratar de sistemas linguísticos independentes, mas, atualmente, há também a concepção de que se trata de sistemas de comunicação especializados, portanto “linguagens” de especialidade – mesmo se ainda há aqueles que se atêm à concepção “língua” de especialidade.

<sup>36</sup> Trecho original: “hablamos de lenguaje de especialidad (o de lenguajes especializados), para hacer referencia al conjunto de subcódigos – parcialmente coincidentes con el subcódigo de la lengua común – caracterizados en virtud de unas particularidades ‘especiales’, esto es, propias y específicas de cada uno de ellos, como pueden ser la temática, el tipo de interlocutores, la situación comunicativa, la intención del hablante, el medio en que se produce un intercambio comunicativo, el tipo de intercambio, etc.”

<sup>37</sup> Trecho original : “compreende tanto las variedades marcadas como las no marcadas, puede considerarse como un conjunto de conjuntos, imbricados e inter-relacionados desde muchos puntos de vista.”

Dessa forma, temos a linguagem de especialidade como um subconjunto de uma língua comum ou como um conjunto que tem uma interseção com a língua comum, no nosso caso, a linguagem especializada da Tradutologia, que faz uso de elementos da língua francesa (geral) numa situação discursiva específica. Essa situação de discurso se faz na comunicação acadêmica, expressa numa obra que versa sobre a teoria da tradução, escrita por uma pesquisadora e professora universitária.

De acordo com o que afirmam Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 470), podemos analisar e classificar os gêneros de discurso “somente recorrendo a critérios heterogêneos: estatuto dos participantes, meio, finalidade, lugar e momento, organização textual, em particular”. O que nos orienta para a identificação do discurso da obra como um discurso acadêmico-teórico, já que seus participantes, a autora e o público são especialistas da área ou jovens pesquisadores e estudantes em formação e em via de especialização, ou especialistas de áreas correlatas interessados em aprofundar o entendimento sobre o tema da teoria da tradução. E tem como objetivo mostrar as linhas teóricas e de prática de tradução surgidas a partir de Walter Benjamin, outras abordagens de estudos não vinculados necessariamente ao teórico alemão e análises de tradução que explicitam a relação entre teoria e prática tradutória.

A linguagem de especialidade de uma área de conhecimento, e com ela a terminologia da área, tem lugar então na comunicação entre especialistas de tal área. É a terminologia que dá o rigor a essa comunicação e garante a especificidade do discurso e sua não vulgarização. Assim, se faz possível o intercâmbio da informação especializada e de toda a comunicação de especialidade. As áreas de conhecimento se organizam em sistemas nocionais e a criação de termos/conceitos permite aos participantes da área organizar seus pensamentos.

Alain Rey (1992) distingue quatro tipos de sistemas nocionais: a) os sistemas hipotético-dedutivos, elaborados por uma teoria pura e que tem conceitos claramente funcionais (ex.: matemática, lógica); b) os sistemas elaborados ou pela classificação sistemática de material observado e por indução ou pela articulação de construção teórica de um conjunto de observáveis (ex.: ciências da natureza, ciências sociais); c) os sistemas obtidos pela estruturação e regularização de uma prática, ou pela aplicação de um saber específico (de um conjunto de observáveis ou de um projeto prático, ex.: técnicas); d) os sistemas elaborados pela semântica de um discurso coerente, que intentam descobrir e expor uma verdade externa (religiões reveladas, teorias filosóficas, discursos ideológicos, inclusive nas ciências humanas), ou que intentam constituir um conjunto nocional que seja cultural,

auto definido e auto normalizado (ex.: direito, discursos prescritivos, retóricas sociais persuasivas).

O sistema nocional analisado no presente trabalho se encaixa na definição de Rey de um sistema nocional elaborado pela semântica do discurso, nesse caso, de Oseki-Dépré sobre Benjamin e outros teóricos de abordagem filosófica da Tradutologia que expõem e refletem seus conceitos sobre a tradução.

É possível perceber o caráter multidisciplinar da Terminologia, que se situa na convergência da linguística, lógica, ontologia, ciências da informação, além da relação estabelecida com as áreas de conhecimento científico, como propõe Wüster. O campo de conhecimento da Terminologia, que se dedica ao estudo das linguagens especializadas e seus termos, permite o desenvolvimento de atividades práticas de elaboração de obras terminológicas/terminográficas como as chamadas terminologias, vocabulários, glossários, dicionários especializados e bancos de dados terminológicos.

Krieger e Finatto (2004, p. 22) afirmam que a Terminologia tem uma dupla face, teórica e prática, que dá a identidade da disciplina “Terminologia”, ao reunir a descrição e explicação dos termos, fraseologias e definição terminológicas bem como metodologia para o tratamento dos citados objetos de estudo. As autoras defendem ainda que a Terminologia se insere cada vez mais nos estudos linguísticos tomando maior independência em relação aos outros domínios que dão seu caráter multidisciplinar.

No estudo terminológico, o caminho que se traça parte do conceito (significado) a partir dos "recortes" científicos e tecnológicos, para se chegar às suas denominações (significante). Segue, portanto, caminho contrário ao da lexicografia que, a partir das unidades lexicais, resgata os significados que essas têm dentro da língua. Conforme Maria Aparecida Barbosa, “o percurso da investigação científica da Terminologia começa no "recorte técnico-científico", para chegar à denominação; o da Lexicografia parte da denominação para chegar à definição.” (BARBOSA, 1992, p. 157). Assim vemos os caminhos inversos: semasiológico (palavra → conceito), da Lexicografia e onomasiológico (conceito → termo), da Terminologia.

Nesse sentido podemos dizer que nosso trabalho se insere na Terminologia quando trata de uma linguagem de especialidade de um campo de saber particular, mas que tem um percurso semasiológico e, assim, lexicográfico, por traçar um caminho a partir do termo levantado em direção ao seu conceito, já que tem uma função descritiva.

## 6.2. A unidade terminológica: o termo

Em Terminologia, o que no sistema da língua era o signo linguístico (composto pelo significante e pelo significado) passa a ser um termo, em que o significante é a denominação (representação formal da unidade terminológica) deste termo e o significado é o conceito (necessariamente abstrato e representa uma classe de objetos ou uma abstração sobre o objeto), ambos em relação a um terceiro elemento que é o referente (objeto da realidade, extralinguístico, sendo ele material ou imaterial e pertencente à área de conhecimento), não mais em referência ao sistema da língua (como o signo linguístico), mas ao sistema nocional de uma área do conhecimento.

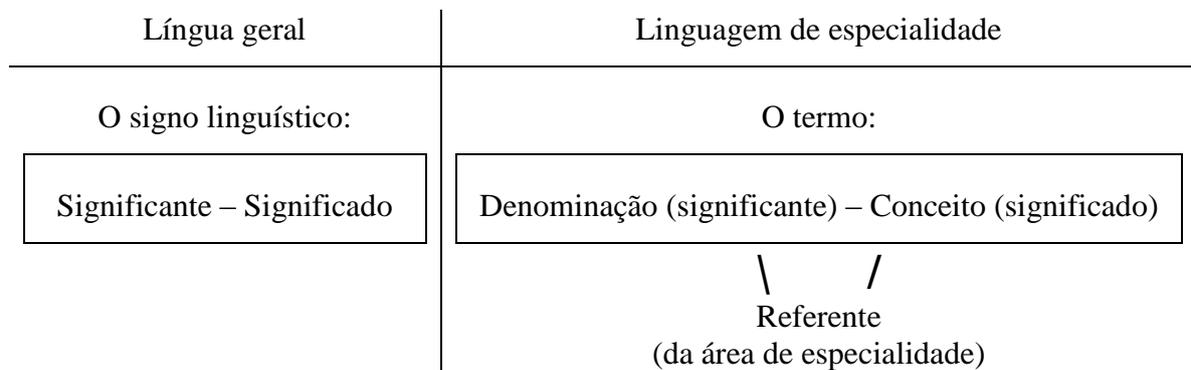


Figura 2. Esquema comparativo: signo linguístico vs. termo.

Assim, o termo é “uma unidade lexical com um conteúdo específico dentro de um domínio específico” (BARROS, 2014, p. 40) e só pode ser analisado dentro do discurso da área. Como detalha Alain Rey, “A terminologia só se interessa pelos signos (palavras e unidades maiores) enquanto estas funcionam como nomes, denotando objetos, e como “indicadores de noções” (de conceitos).” (REY, 1992, p. 24)<sup>38</sup>. No caso deste trabalho, os termos a serem analisados são os do discurso da Tradutologia como apresentados por Inês Oseki-Dépré em sua obra *De Walter Benjamin à nos jours... (Essais de traductologie)*.

O termo é uma unidade linguística e, além disso, uma unidade cognitiva, uma unidade de conhecimento, já que a ele está atrelado um conceito científico. Krieger e Finatto dizem que “o que faz de um signo linguístico um termo é o seu conteúdo específico, propriedade que

<sup>38</sup> Trecho original: “La terminologie ne s’intéresse aux signes (mots et unités plus grands) qu’en tant qu’ils fonctionnent comme des noms, dénotant des objets, et comme des « indicateurs de notions » (de concepts).”

o integra a um determinado campo de especialidade” (2004, p. 78). O termo é também uma unidade de comunicação, já que esses termos são usados entre especialistas de uma mesma área para estabelecerem a comunicação especializada. Ele é usado entre aqueles que compartilham o mesmo saber, e que se identificam enquanto especialistas da mesma área por compartilharem uma linguagem de especialidade cuja unidade é o termo.

A unidade terminológica é compreendida por Wüster como unívoca (não aceitando sinonímia ou variante), monorreferencial (faz referência a uma única coisa) e dependente a um domínio, esta última característica justificada pelo argumento de que uma palavra só pode ser considerada termo porque é pertencente a um sistema nocional.

Cabré e também Barbosa criticam a ideia de univocidade relativizando essa concepção ao argumentarem que as linguagens de especialidade, como qualquer tipo de linguagem, são dinâmicas, mutáveis e podem sofrer alterações temporais, espaciais, de variação social e de situação de comunicação (em que se estabelece o eixo de graus de especialização, do menos ao mais especializado). Bem, se a univocidade não garante a especificidade do termo, a monorreferencialidade o faz, de certa maneira, já que as várias maneiras de denominar o conceito sempre estarão ligadas a um mesmo referente (a relação da entidade linguística e extralinguística).

A monorreferencialidade vem de um consenso, mas não resume o sentido do termo, e se verifica quando se considera o termo como pertencente a um domínio (FERREIRA, 2000, p. 44). Entretanto, torna-se difícil afirmar o pertencimento de termos a um domínio se, epistemologicamente, as fronteiras entre as áreas são fluidas. No nosso caso, a norma discursiva e a referência são o livro de Oseki-Dépré.

## **7. Terminologia e Epistemologia**

### **7.1. Relação termo – conceito**

A linguagem humana e principalmente sua faculdade de representação simbólica, como afirma Benveniste (2006, p. 29), está na base das funções conceptuais. O pensamento é, nesse sentido, o poder de produzir exatamente as representações das coisas (e de operar sobre essas representações), e “A transformação simbólica dos elementos da realidade ou da

experiência em *conceitos* é o processo pelo qual se cumpre o poder racionalizante do espírito.” (BENVENISTE, 2006, p. 29).

O filósofo Kant diz que o entendimento “pensa os objetos que nos são dados e é dele que nascem os conceitos” (KANT apud HARDY-VALLÉE, 2013, p. 32). Vemos então que os conceitos são gerados a partir do “pensar o objeto” e a teoria ou um discurso teórico é um discurso de “pensar sobre” seu objeto de estudo e constituído de vários conceitos.

Sobre o termo, que é uma unidade com três dimensões, a linguística (a forma, denominação), a cognitiva (significado, conceito) e a comunicativa (referente que representa), de acordo com Cabré (1993, p. 96), o aspecto cognitivo se mostra o mais complexo deles, pois é “o resultado de um processo psíquico que conduz ao conhecimento”. Ainda segundo Cabré, a cognição é um processo mental que consiste em apreender a realidade e, por abstração, essa realidade se torna um conceito.

Cabré diz ainda que há uma conceptualização progressiva da realidade especializada que tem lugar no pensamento intelectual dos falantes (aqui, sobretudo do grupo de falantes pertencente a uma área de conhecimento) em relação com o conhecimento. É uma aquisição que, progressivamente, vai sendo convertida numa estrutura em que cada conceito tem seu lugar determinado e seu valor funcional, e assim “A terminologia, então, é a base da estrutura do conhecimento especializado tematicamente.” (CABRÉ, 1993, p. 99)<sup>39</sup>. A terminologia estrutura o nosso pensamento e, por consequência, estrutura o conhecimento.

Como as estruturas conceituais são compartilhadas pelos especialistas, elas não são fixas ou facilmente fixáveis e estão sujeitas a interpretações por pontos de vista diferentes. O que se assemelha ao caso dos Estudos da Tradução/Tradutologia em que os conceitos propostos por Benjamin foram interpretados diferentemente por teóricos posteriores a ele, levando a novas teorizações sobre a tradução formuladas a partir de diferentes leituras do texto benjaminiano. Os conceitos podem estabelecer relações entre si por lógica (por sua semelhança), ontológicas (por sua contiguidade) ou por contato espacial e temporal (CABRÉ, 1993, p. 101).

Benoit Hardy-Vallée apresenta, de acordo com a proposta de Putnam e Kripke, duas funções distintas dos conceitos. A primeira é a metafísica, que seria “estatuir sobre a verdadeira natureza da coisa, independentemente de nossa maneira de conhecê-la” (HARDY-VALLÉE, 2013, p. 100). A segunda é a função epistemológica, em que se busca “a verdadeira natureza de uma coisa segundo os conhecimentos de um agente” (*idem*, p. 100, 101). O autor

---

<sup>39</sup> Trecho original: “La terminología, pues, es la base de la estructura del conocimiento especializado temáticamente.”

acrescenta que a análise epistemológica de um conceito não visa a definição de normas, mas a descrição correta da utilização de um conceito num dado contexto (2013, p. 101). É neste sentido em que procedemos neste trabalho.

A função epistemológica pode ser dividida, ainda de acordo com Hardy-Vallée, em três tipos: funções gnosiológicas, inferenciais e linguísticas. A função gnosiológica tem por característica os processos de categorização, aprendizagem, memória e modalidade (ou arbitragem modal). A inferencial conta com três tipos, a dedução, a abdução e a indução. Já a função linguística tem duas outras funções, a comunicação e a significação. Esta última caracteriza o sentido do nosso trabalho já que, como afirma o autor, os “conceitos viajam pelos livros e pelas palavras e têm funções linguísticas: a comunicação e a significação” (HARDY-VALLÉE, 2013, p. 104).

## **7.2. Discurso científico, discurso teórico: Sistema de conceitos**

O discurso científico de uma área do conhecimento com sua terminologia é um objeto de estudo que contribui fundamentalmente para a descrição da epistemologia de tal área. A relação entre a terminologia e a epistemologia que estabelecemos no presente trabalho acontece na medida em que o levantamento de termos e conceitos é uma maneira também de estudar a Tradutologia ao estabelecer uma filiação teórica na história da teoria da tradução a partir de Walter Benjamin.

A Tradutologia tem seu fundamento epistemológico benjaminiano, de acordo com Oseki-Dépré, já que Benjamin inaugura um pensamento moderno dos estudos da tradução, estabelecendo uma ruptura em relação à concepção de tradução. Assim, Berman seria aquele que instaura o campo delimitado da Tradutologia que fundamenta no pensamento de Benjamin. Ao pensar na área de conhecimento como um conjunto de discursos teóricos, e por sua vez, a teoria como um conjunto sistêmico de termos (e seus conceitos), podemos dizer como Émile Benveniste que:

A constituição de uma terminologia própria marca, em toda ciência, o advento ou o desenvolvimento de uma conceitualização nova, assinalando, assim, um momento decisivo de sua história. Poder-se-ia mesmo dizer que a história particular de uma ciência se resume na de seus termos específicos. Uma ciência só começa a existir ou consegue se impor na medida em que faz existir e em que impõe seus conceitos, através de sua denominação. Ela não tem outro meio de estabelecer sua legitimidade senão por especificar seu objeto denominando-o, podendo este constituir uma ordem de fenômenos, um domínio novo ou um modo novo de relação entre certos dados. O

aparelhamento mental consiste, em primeiro lugar, de um inventário de termos que arrolam, configuram ou analisam a realidade. Denominar, isto é, criar um conceito, é, ao mesmo tempo, a primeira e última operação de uma ciência. (BENVENISTE, 2006, p. 252).

Desta maneira, nosso trabalho de elaboração de uma microestrutura crítica constitui também uma forma de análise epistemológica da Tradutologia com análise dos termos e conceitos levantados a partir da obra de Oseki-Dépré, uma vez que, para a elaboração do glossário, passamos pelo levantamento dos termos-conceitos, depois sua classificação em relação a seus autores e linhas teóricas e a partir das informações dos contextos retirados do livro de Oseki-Dépré.

Desta reflexão sobre a relação entre os termos e as diferentes leituras do texto de Benjamin feitas por Antoine Berman, Henri Meschonnic e Haroldo de Campos, propomos um modelo de microestrutura para o verbete do glossário que tente traduzir as diferentes concepções apresentadas na obra. Além dos termos retirados do livro, acrescentamos as variantes tradutivas em francês e português de alguns termos de Benjamin em alemão, pois, a análise das filiações e/ou as leituras teóricas passa pela análise das traduções propostas do famoso texto. O que será feito no capítulo 3 deste trabalho.

Alain Rey destaca algumas questões sobre Terminologia que a aproximam da epistemologia:

Arriscar uma síntese dos problemas teóricos da terminologia seria pretencioso. Parece, no entanto, que a reflexão deve articular três direções: as relações entre o sujeito e o objeto de conhecimento (lógica - filosofia da linguagem - epistemologia), as relações entre práticas sociais (sociologia - economia - tecnologia - linguística); por fim, as relações entre língua, cultura e conhecimento. (REY, 1992, p. 48)<sup>40</sup>

Maria Teresa Cabré, autora do livro fundamental *“La terminología. Teoría, metodología, aplicaciones”* (1993), destaca ainda nas primeiras páginas da obra, a relação estreita que a terminologia estabelece com as áreas de especialidade com as quais se ocupa e diz ainda:

A terminologia não é um objeto que se justifique por si mesmo, nem o trabalho terminológico pode permanecer como uma mera compilação de uma série de conceitos com suas denominações, sem outra finalidade. A terminologia serve à

---

<sup>40</sup> Trecho original: “Risquer une synthèse des problèmes théoriques de la terminologie serait prétentieux. Il semble cependant que la réflexion doive articuler trois directions : les relations entre sujet et objet de connaissance (logique - philosophie du langage - épistémologie), les relations entre pratiques sociales (sociologie - économie - technologie - linguistique) ; enfin, les rapports entre langue, culture et connaissance.”

ciência, à técnica e à comunicação, e deve ser coerente com essa função. (CABRÉ, 1993, p. 34)<sup>41</sup>

A autora ressalta a interseção intrínseca entre a terminologia e as áreas de conhecimento, e é nessa interseção que se realiza o trabalho terminológico. Também é destacada a importância do trabalho conjunto entre especialistas em terminologia e especialistas da área de conhecimento em questão no projeto de trabalho terminográfico.

Cabré faz uma distinção entre duas dimensões da terminologia, a primeira é a dimensão linguística, que tem por finalidade produzir glossários ou facilitar a comunicação ou outras finalidades relacionadas à informação (perspectiva daqueles que têm a terminologia como objeto de seu trabalho, profissionais da linguagem ou outra especialidade como terminólogos, lexicólogos, terminógrafos, lexicógrafos, etc). A segunda é a dimensão comunicativa (perspectiva da comunicação entre especialistas da área e usuários intermediários que utilizam a terminologia para facilitar sua comunicação).

Nossa proposta se situa principalmente na primeira direção. E poderíamos ainda acrescentar uma dimensão epistemológica, a de dar estatuto ontológico a um campo de conhecimento, a partir do seu sistema de conceitos, já que uma teoria se manifesta discursivamente como conjunto sistêmico de conceitos, jamais um só conceito, que dê conta do todo e das partes em sua interação.

---

<sup>41</sup> Trecho original : “La terminología no es un objeto que se justifique por sí mismo, ni el trabajo terminológico puede quedarse en una mera recopilación de una serie de conceptos con sus denominaciones, sin otra finalidad. La terminología sirve a la ciencia, a la técnica y a la comunicación, y debe ser consecuente con esa función.”

## CAPÍTULO 3

### VARIANTES TRADUTIVAS

*Para alguns autores, o ato fundador é dar um nome e, por isso, é a partir do nome que produzimos o pensamento e não o contrário.*

Milton Santos

No presente capítulo pretendemos fazer um levantamento das escolhas de tradução feitas pelos tradutores do texto de Walter Benjamin para o português e para o francês ao traduzir cinco termos-conceitos fundamentais propostos pelo teórico alemão. Chamaremos as diferentes escolhas de tradução dos termos de variantes tradutivas. Estas se diferenciam das variantes linguísticas e terminológicas, como veremos a seguir.

## **8. A variação linguística e a variação terminológica**

Sabemos que as línguas são dinâmicas e experimentam mudanças ao longo do tempo e num mesmo momento cronológico a depender de múltiplos fatores sociais. A Sociolinguística se dedica aos estudos linguísticos sob o aspecto social, a língua em situações comunicativas reais, como precisa Mollica:

A Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. (MOLLICA, 2004, p. 9)

A abordagem sociolinguística prevê que a língua em uso real pelos falantes não é homogênea. Assim, de acordo com a Sociolinguística, admite-se a existência de variações das línguas a depender de alguns fatores: “A variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes” (MOLLICA, 2004, p. 10).

Estas variantes podem se dar por motivos sociais, geográficos ou históricos, como define Calvet: “(...) a língua conhece variações nesses três eixos: variações diastráticas (correlatas aos grupos sociais), variações diatópicas (correlatas aos lugares) e variações diacrônicas (correlatas às faixas etárias).” (CALVET, 2002, p. 111). Além das variantes diastráticas, diatópicas e diafásicas, Barbosa (1995, p. 4) propõe também as variantes diafásicas referentes ao universo de discurso.

Se em Sociolinguística reconhecemos formas linguísticas como variantes de certa língua, a Socioterminologia admite que uma linguagem de especialidade pode também ter

variações uma vez que a linguagem de especialidade faz parte de uma dada língua e portanto sofre influências do contexto de fala de quem enuncia.

Esta abordagem da Terminologia é definida por Faulstich da seguinte forma: “Socioterminologia é a disciplina que se ocupa da identificação e da categorização das variantes lingüísticas dos termos em diferentes tipos de situação de uso da língua.” (FAULSTICH, 1995, p. 1). Num paralelo com a Sociolinguística, que admite e estuda a variação na língua comum, a Socioterminologia o faz no âmbito das linguagens de especialidade.

As variantes em Terminologia eram mal vistas por Wüster em sua Teoria Geral da Terminologia – TGT: “variação lingüística era toda perturbação da unidade lingüística” (WÜSTER apud FAULSTICH, 1991, p. 17). Apesar de reconhecer a polissemia de alguns termos, Wüster acreditava na monorreferencialidade destes e pretendia uma padronização nas linguagens de especialidade que sanasse qualquer variação, como diz Faulstich (1991, p. 18).

Com o desenvolvimento das pesquisas de Maria Teresa Cabré em sua Teoria Comunicativa da Terminologia, vemos a possibilidade de se pensar em variantes terminológicas, já que ela defende o seguinte pressuposto: “toda linguagem de especialidade, na medida em que é um subconjunto do geral, compartilha de suas mesmas características; trata-se, então, de um código unitário que permite variações.” (CABRÉ, 1993, p. 157)<sup>42</sup>.

Apesar de sabermos que as linguagens de especialidade são usadas em situações comunicativas especializadas e que para uma comunicação eficaz entre especialistas de uma mesma área é necessária uma certa padronização terminológica, há de se perceber que as variações, mesmo não sendo tão presentes nas linguagens de especialidade quanto o são na língua comum, fazem parte da constituição de terminologias, como confirma Cabré:

“De fato, as linguagens especializadas, pelo fato de serem subcódigos da linguagem geral, compartilham de suas mesmas modalidades dialetais e funcionais – mesmo que de forma restrita – já que a função comunicativa é a prioritária entre especialistas.” (CABRÉ, 1993, p. 157)<sup>43</sup>

Nesse sentido Faulstich que também acredita numa abordagem comunicativa da Terminologia, formula: “as variantes são resultantes dos diferentes usos que a comunidade, em sua diversidade social, lingüística e geográfica, faz do termo” (FAULSTICH, 2001, p. 22).

<sup>42</sup> Trecho original: “todo lenguaje de especialidad, en la medida en que es un subconjunto del general, participa de sus mismas características; se trata, pues, de un código unitario que permite variaciones.”

<sup>43</sup> Trecho original: “En efecto, los lenguajes especializados, por el hecho de ser subcódigos del lenguaje general, participan de sus mismas modalidades dialectales y funcionales – aunque de forma más restringida – puesto que la función comunicativa es la prioritaria entre los especialistas.”

Em seu trabalho, Cruz (2013) revisa os postulados que Faulstich elaborou sobre a Terminologia Variacionista ao longo dos anos, culminando na ampliação do constructo teórico da variação em terminologia. Este constructo prevê três tipos de variação: concorrentes, coocorrentes e competitivas. As variantes concorrentes (variantes formais) compreendem dois subtipos: as variantes linguísticas (fonológica, gráfica, morfológica, lexical e sintática) e as variantes de registro (temporal, de discurso e geográfica). As variantes coocorrentes são aquelas de caráter sinonímico, situação em que há “duas ou mais denominações para um mesmo referente”, é o caso de “sinonimia terminológica”. Finalmente temos as variantes competitivas (empréstimos e estrangeirismos) em que há relação entre significados de itens lexicais de línguas diferentes (CRUZ, 2013, p. 38) podendo se apresentar sob forma estrangeira ou híbrida (estrangeira e vernacular).

## 9. A variante tradutiva

Todo tradutor se depara com escolhas e paradigmas em sua atividade tradutória e estas estão ligadas a questões subjetivas. A própria linguagem tem um caráter intrinsecamente intersubjetivo por se tratar da comunicação entre pessoas e, ultrapassando esse ponto para chegar à questão intersubjetiva da tradução, a relação entre o tradutor e o original, vemos que esta leva à possibilidade, e existência, de várias traduções de um mesmo texto. Isso pode acontecer devido aos diferentes projetos de tradução de cada tradutor que priorizam um ou outro aspecto do texto (formal, sentido etc.). Os critérios estabelecidos por determinado tradutor levarão à sua particularidade em relação às escolhas de tradução. No caso do texto original analisado aqui, “*Die Aufgabe des Übersetzers*” de Benjamin, acreditamos que um dos critérios para a tradução é conceitual, em relação aos termos benjaminianos, ou seja, uma tradução de conceito para conceito, não de denominação para denominação.

Chamamos de variantes tradutivas às diferentes escolhas para tradução de um mesmo termo do texto original. Se, em Socioterminologia, o conceito de variante se refere a dois (ou mais) termos para o mesmo sentido – e/ou mesmo referente –, numa relação de sinonimia, a variante tradutiva não estabelece esta mesma relação, mesmo se, a princípio, parece que o faz. As relações firmadas são, na verdade, de concepções diferentes de um mesmo conceito, e, portanto, diferentes traduções de um mesmo termo. Assim, as variantes tradutivas se apresentam como diferenças conceituais, como apresentaremos em nossa análise a seguir.

O texto de Benjamin tem um caráter (como já dito) aporético, muitas vezes contraditório, bipolar, como diz Oseki-Dépré. Essa natureza do texto benjaminiano provoca diferentes leituras gerando diferentes abordagens, vertentes na teoria da tradução. Inês Oseki-Dépré nos mostra em seu livro que este mesmo texto deu origem a uma abordagem hermenêutica e outra poética. Se nas leituras feitas pelos teóricos Antoine Berman, Henri Meschonnic e Haroldo de Campos já vemos essa possibilidade de interpretação divergente – leituras essas que nos propomos a explorar neste trabalho –, também está justificado então que nas traduções encontremos diferentes escolhas de tradução para um mesmo termo de Benjamin.

### **10. As traduções em português e francês de “*Die Aufgabe des Übersetzers*”**

O ensaio de Benjamin tem várias traduções publicadas em língua portuguesa. Neste trabalho nos dedicamos ao estudo das traduções de alguns termos usados pelo filósofo alemão em seu “*Die Aufgabe des Übersetzers*”. Além das traduções em português, nos dedicamos também à análise da tradução desses mesmos termos em duas traduções em língua francesa.

As quatro primeiras traduções foram retiradas do livro “A Tarefa do Tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português” organizado pela professora Lucia Castello Branco, da Faculdade de Letras da UFMG e publicada pela Editora Viva Voz em 2008. É interessante destacar que este livro “é fruto de trabalho desenvolvido na disciplina Estudos Temáticos de Edição: Editando traduções, e que teve como coordenadora e orientadora a Professora Sônia Queiroz” (BRANCO, 2008, p. 5). A própria concepção e organização do livro foram realizadas num contexto acadêmico.

Como descrito na apresentação do livro, nesta obra consta, primeiramente, a tradução de Fernando Camacho, elaborada em 1962 para o Primeiro Colóquio de Escritores Latino-Americanos e Alemães, mas publicada somente em 1979, na revista Humboldt (volume 40). Esta tradução apresenta muitas notas de fim, ao todo 44, que explicam sobretudo questões ligadas ao pensamento benjaminiano, o contexto da escrita de Benjamin, sua filosofia da linguagem, literatura e crítica, interpretações do tradutor a respeito de vários conceitos apresentados pelo autor (inclusive fazendo referências a outros autores), muito mais do que suas escolhas de tradução propriamente ditas. Mesmo se ele comenta muito sucintamente a tradução de um ou dois termos, não comenta os termos privilegiados na análise deste trabalho.

Em seguida temos a tradução desenvolvida em 1994 por um grupo de seminário, sob a coordenação do professor Karlheinz Barck, no âmbito do Mestrado em Literatura Brasileira da UERJ e publicada na mesma universidade no quadro da revista *Cadernos de Mestrado*. Essa tradução não apresenta notas de tradução ou notas sobre qualquer aspecto dos conceitos apresentados por Benjamin. Ao longo dessa tradução há algumas palavras em alemão ao lado de suas traduções para o português, mas não há comentários sobre as escolhas de tradução propriamente.

A próxima tradução apresentada é a primeira tradução realizada por Susana Kampff Lages, em 2001, publicada na primeira edição da obra “Clássicos da teoria da tradução: alemão-português, uma edição bilíngue” organizada por Werner Heidermann, no Núcleo de Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Essa não apresenta notas de qualquer natureza apesar da tradutora ser uma especialista na obra de Walter Benjamin e de traduzir o título de forma inovadora como “A tarefa-renúncia do tradutor” – o que será comentado mais à frente.

A última tradução presente nesta obra é a de João Barrento, hoje professor aposentado da Universidade Nova de Lisboa, que concordou com a inclusão de sua tradução não publicada quando da edição do livro “A Tarefa do Tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português”. Essa tradução também não apresenta notas de tradução, mas traz algumas notas contextualizando autores citados por Benjamin ao longo do texto. O tradutor inclui também algumas palavras em alemão ao longo da tradução.

Além do livro que reúne as quatro traduções, já citado, analisamos também a tradução revisada de Susana Kampff Lages publicada na “Antologia Bilíngue - Clássicos da Teoria da Tradução - 2ª edição, revisada e ampliada – Alemão Português”.

A presente tradução resulta da revisão do texto anteriormente publicado na primeira edição da Antologia Clássicos em Tradução – Português/Alemão. Ela contou com a cuidadosa revisão de Jeanne Marie Gagnebin e Alberto Martins, a quem agradeço. As sugestões dos revisores foram aqui aproveitadas quase que integralmente, a não ser por uma ou outra escolha diversa de minha parte. Essa tradução deverá ser publicada, em nova versão, em volume de textos de Walter Benjamin, a sair proximamente pela Editora 34. (LAGES in HEIDERMAN, 2010, p. 229)

Esta tradução apresenta dez notas de fim que explicam escolhas de tradução e interpretações possíveis de alguns conceitos de Benjamin, e traz o termo original em alemão ao lado de alguns termos ao longo do texto. Além do amadurecimento dos paratextos da tradução, agora com notas do tradutor, outra mudança perceptível dessa nova versão da

tradução de Susana Kampff Lages é a do título “A Tarefa do Tradutor” (na primeira tradução de Lages era “A ‘tarefa-renúncia’ do tradutor”). A polissemia da palavra *Aufgabe* é, entretanto, comentada em nota, como será apreciado mais adiante.

Na nota apresentada na citação acima, a tradutora já anuncia a publicação de uma nova versão de sua tradução, que também analisamos no quadro do presente trabalho. Trata-se da publicação na coletânea de textos benjaminianos elaborados entre 1915 e 1921 “Escritos sobre Mito e Linguagem” publicada em 2011 pela Editora 34. Esta última tradução figura, assim, a segunda e última revisão da tradução de Susana Kampff Lages e a mais recente publicação de tradução do ensaio de Benjamin.

Esta versão também tem dez notas (agora de rodapé, não notas de fim como na versão anterior de Lages) e todas “assinadas” pela edição. Essas notas da editora explicam algumas escolhas de tradução e, desta vez, de maneira mais minuciosa (veremos algumas delas nas análises).

Ao todo temos seis traduções, entre traduções inéditas e retraduições ou traduções revisadas, para o português (cinco brasileiras e uma portuguesa). Podemos observar que as traduções para a língua portuguesa seguem o padrão de terem sido elaboradas em meio acadêmico, por professores e/ou pesquisadores.

Além da análise de traduções para o português, também foram analisadas duas traduções para a língua francesa. Primeiramente a tradução de Maurice de Gandillac publicada no livro “*Walter Benjamin - Œuvres, I*”, publicada em 2000 pela editora Gallimard. Nesta tradução há algumas poucas notas, mas nenhuma delas fala sobre a tradução. Além disso, não há referência do nome do tradutor junto ao texto, apenas na apresentação da obra. Esta tradução teve um papel histórico, como o diz Alexis Nouss: “A tradução de M. de Gandillac, além de sua qualidade intrínseca, teve o mérito de introduzir as teses de Benjamin no domínio francês.” (NOUSS, 1997, p. 10)<sup>44</sup>

A segunda é a tradução de Laurent Lamy et Alexis Nouss, publicada na revista “*TTR: traduction, terminologie, rédaction*” (vol. 10, n° 2), em 1997. Esta tradução traz várias palavras em alemão junto a suas traduções em francês e apresenta a maior quantidade de notas de todas as traduções analisadas aqui. São 58 notas de fim, algumas mais breves, outras bem exaustivas, que comentam conceitos de Benjamin, leituras feitas por outros autores sobre esse texto, interpretações dos próprios tradutores, e escolhas de tradução muito exploradas e pormenorizadas.

---

<sup>44</sup> Trecho original: “La traduction de M. de Gandillac, outre sa qualité intrinsèque, eut le mérite d'introduire les thèses de Benjamin dans le domaine français.”

Nesta versão há também um apêndice com trechos de outras obras de Benjamin que podem complementar (na visão dos tradutores) a leitura desse texto do autor alemão. Em seguida consta uma lista de referências bibliográficas de textos fundamentais de Benjamin e logo após, uma lista com o “*corpus* crítico” dos comentários de caráter crítico presentes nas notas onde há referência a bibliografia de autores como Berman, Derrida, Gagnebin, De Man e Rochlitz. Por fim, ainda há um resumo em francês e outro em inglês. Das 57 páginas do texto de Lamy e Nouss, 14 páginas e meia são a tradução do texto em si e 42 páginas e meia são de paratextos (notas, apêndice, referências e resumos).

Sobre o aparato teórico que acompanha a tradução de Lamy e Nouss, esse último faz um comentário na apresentação da edição da revista TTR em que está publicada sua tradução:

Laurent Lamy e eu mesmo quisemos propor uma nova versão por duas razões. Sem reduzir a opacidade conceitual do léxico benjaminiano, primeiramente nos parecia possível apresentá-lo com mais precisão a fim de facilitar sua abordagem. Em seguida, e sobretudo, nos parecia indispensável que viesse acompanhado de um aparelho explicativo, ainda não existente, necessário à compreensão do texto e justificando nossas escolhas tradutológicas. (LAMY e NOUSS, 1997, p. 10)<sup>45</sup>

Das duas traduções francesas e seis traduções em português, vemos que algumas traduções apresentam mais informações sobre a tradução, outras menos, várias vezes as próprias notas sobre as traduções nos indicaram caminhos de análise e apontaram possíveis interpretações dos leitores de Benjamin. Se os paratextos das traduções variaram, também variaram as traduções em si de alguns termos de Benjamin. Veremos a seguir de que maneira se deu a análise dos termos escolhidos, sua metodologia e a discussão dos resultados decorrentes.

## 11. Metodologia de análise

A análise que nos propomos a realizar neste trabalho é de caráter primeiramente linguístico em que nos dedicamos à recuperação das acepções das palavras em alemão, português e francês e, assim, à compreensão do conceito do (agora) termo.

---

<sup>45</sup> Trecho original: “Laurent Lamy et moi-même avons souhaité proposer une nouvelle version pour deux raisons. Sans réduire l'opacité conceptuelle du lexique benjaminien, il nous semblait d'abord possible de le rendre avec davantage de précision afin d'en faciliter l'abord. Ensuite, et surtout, il nous semblait indispensable de l'accompagner d'un appareil explicatif, absent jusque-là, nécessaire à la compréhension du texte et justifiant nos choix traductologiques.”

A seleção dos termos partiu de um critério estratégico para a construção do glossário que se pretende crítico, já que escolhemos cinco conceitos propostos por Walter Benjamin e discutidos por Oseki-Dépré que originaram leituras/reflexões/teorizações importantes para os teóricos (Antoine Berman, Henri Meschonnic e Haroldo de Campos) e que divergem nessa interpretação do texto de Benjamin.

Como o objetivo deste trabalho tem motivação terminológica e terminográfica, além de crítica, focamos a análise em alguns termos apenas, foram eles: *Aufgabe (des Übersetzers)*, *reine Sprache*, *Form*, *Wörtlichkeit* e *Wandel/wandeln/Wandlung(en)*.

O texto de Benjamin, como já dito, é um inaugurador da contemporaneidade no campo da reflexão teórica sobre a tradução. Assim, os termos benjaminianos hoje inseridos na terminologia dos Estudos da Tradução/Tradutologia, no momento de escritura de Benjamin, estavam se tornando termos, ou seja, acabavam de sair da língua geral, para entrar na linguagem de especialidade da Tradutologia. Dessa forma, trazem consigo a polissemia da unidade lexical pertencente à língua geral, como veremos em casos a seguir.

Nossa baliza para o trabalho com os aspectos já ditos da teoria da tradução é o livro de Oseki-Dépré. Desta forma, foi a partir do que a autora propõe como relações de herança teórica entre os tradutólogos, que tomamos a decisão pela análise de um ou outro termo de Benjamin.

Num primeiro momento, ao ler e analisar o livro de Oseki-Dépré foi feito um levantamento de termos usados por Benjamin que provocaram leituras divergentes pelos teóricos posteriores (já citados) ou que geraram formulações importantes por esses. Para uma análise mais rigorosa das traduções desses termos, buscamos os termos em alemão (como usados por Walter Benjamin) e procuramos as acepções destas palavras em sua língua original. Em seguida verificamos as traduções dos termos nas línguas portuguesa e francesa. A partir da(s) acepção(ões) encontradas, analisadas comparativamente às escolhas de tradução feitas pelos tradutores nas duas línguas, passamos a uma crítica e problematização das traduções.

Neste quadro estão sistematizados os termos e suas respectivas traduções em português e francês:

Original em alemão	Walter Benjamin (1923)	<i>Aufgabe (des Übersetzers)</i>	<i>reine Sprache (10)</i>	<i>Wandlung-1/ Wandlungen-2/ wandeln-3/ wandelt-4/ Wandel-5/ Wandlungen - 6</i>	<i>Form</i>	<i>Wörtlichkeit</i>
Traduções em português	Fernando Camacho (1979)	tarefa (do tradutor)	Língua pura (11) língua perfeita e pura (1) língua pura e elevada (1)	1- metamorfose 2-metamorfozes 3 - modifica 4 - modifica 5-metamorfose 6-metamorfozes	Forma	literalidade
	Karlheinz Barck e outros (1994)	tarefa (do tradutor)	língua pura (10) pura linguagem (1)	1-metamorfose 2-mudanças 3-mudam 4-muda 5-mudança 6-transformações	Forma	literalidade
	Susana Kampff Lages (2001)	tarefa-renúncia (do tradutor)	pura língua (10)	1-transformação 2-mudanças/ modificações 3-transformam 4-transforma 5-transformação 6-transformações	Forma	literalidade
	Tradução de João Barrento (2008)	tarefa (do tradutor)	língua pura (11)	1-transmutação 2-transformações/ mudanças 3-alteram 4-muda 5-mudança 6-transmutações	Forma	literalidade
	Susana Kampff Lages (2010)	tarefa (do tradutor)	pura língua ou linguagem [ <i>Sprache</i> ] (1) pura linguagem (1) pura língua (9)	1-transformação 2-mudanças/ modificações 3-transformam 4-transforma 5-transformação 6-transformações	Forma	literalidade
	Susana Kampff Lages (2011)	tarefa (do tradutor)	pura língua (11)	1-transformação 2-mudanças/ modificações 3-transformam 4-transforma 5-transformação 6-transformações	Forma	literalidade
Traduções em francês	Maurice de Gandillac (2000)	<i>tâche (du traducteur)</i>	<i>pur langage (9)</i> <i>langage pur</i>	<i>1-mutation</i> <i>2-mutations</i> <i>3-modifiant</i> <i>4-modifie</i> <i>5-mutation</i> <i>6-mutations</i>	<i>forme</i>	<i>littéralité</i>
	Laurent Lamy et Alexis Nouss (1997)	<i>abandon (du traducteur)</i>	<i>pur langage (11)</i>	<i>1-mutation</i> <i>2-mutations</i> <i>3-transforment</i> <i>4-transforme</i> <i>5-mutation</i> <i>6-mutations</i>	<i>forme</i>	<i>littéralité</i>

Tabela 1. Variantes tradutivas em português e francês dos termos de Walter Benjamin.

Os dados reunidos nesse quadro nos permitem verificar que as escolhas variaram bastante para certos termos enquanto outros foram traduzidos de maneira bem homogênea. Cada uma dessas variantes será pormenorizada e comentada a seguir, mas essas variações já apontam para possibilidades de leituras diferentes.

### 11.1. *Aufgabe (des Übersetzers)*

O termo *Aufgabe* compõe o título do texto de Benjamin “*Die Aufgabe des Übersetzers*”. Em português, a maioria dos títulos foi traduzida como “A Tarefa do Tradutor”. A única exceção é a primeira tradução de Susana Kampff Lages (2001) que traduz como “A tarefa-renúncia do tradutor” (grifo nosso). Mesmo se Lages provoca o leitor ao indicar logo no título uma tradução “dupla” de *Aufgabe*, criando inclusive uma neologia tradutiva, ela não explica, nesta tradução, a motivação desta escolha. Em sua segunda tradução (2010), Lages muda o título da tradução para “A Tarefa do Tradutor” e insere uma tímida nota de tradução a respeito: “*Aufgabe* em alemão significa tanto tarefa como desistência, renúncia.” (LAGES in HEIDERMANN, 2010, p. 229). Já na terceira e mais recente tradução de Lages (2011), há uma longa nota da editora que traz a seguinte descrição:

“No original, “*Die Aufgabe des Übersetzers*”. O verbo *aufgeben*, do qual provém o substantivo *Aufgabe*, significa “entregar”, no duplo sentido do termo: “dar” (*geben*) algo a alguém, abrindo mão da posse do objeto (por exemplo, entregar uma cidade ao inimigo). A segunda acepção é mais forte no uso intransitivo do verbo: *ich gebe auf* – “renuncio”, “desisto”, “me entrego”. Essa ambivalência está presente no substantivo *Aufgabe*, entendido como “proposta”, “tarefa”, “problema a ser resolvido”, mas no qual ressoam também as ideias de “renúncia” e “desistência”. (N. da E.)” (GAGNEBIN, 2011, p. 101)

A definição do verbo *aufgeben* no dicionário de língua alemã *Langenscheidt* (2003) traz em sua primeira entrada a denotação do verbo primeiramente como “dar” algo a uma instituição para ser retrabalhado ou encaminhado (exemplos: carta, “pedido” ao garçom). Em segundo lugar como “dar” tarefas, que fica mais claro no exemplo “O professor *aufgeben* muito trabalho” (com as devidas alterações quando escrito em alemão, pois o verbo *aufgeben* é divisível). E a terceira acepção de “dar”, “propor” uma charada a ser resolvida.

Na segunda entrada da palavra *aufgeben* temos a definição de acabar/terminar/interromper algo definitivamente a exemplo do fumo ou bebida (um vício). Em seguida “abrir mão” de algo, “renunciar”, “abdicar” algo (de um negócio, de uma

esperança, de um plano, de sua profissão). Uma terceira acepção traz *aufgeben* como “perder a esperança em alguém (antes da morte ou por causa de uma situação séria)”, por exemplo “os médicos já *aufgeben* dos pacientes”. E ainda “*aufgeben*” “Devido a um ferimento ou situação sem solução, um trabalho, uma luta ou similares, não ser realizada até o final” e seu exemplo “o maratonista estava tão cansado/desgastado que pouco antes da chegada ele precisou *aufgeben*”. Esta última acepção ainda tem uma remissiva que nos leva a “*Aufgabe*”, a segunda entrada desse substantivo.

Essa entrada traz a definição de *Aufgabe* (apenas no singular) como “O término (antecipado) de uma coisa ou de um projeto em uma situação frequentemente difícil” que podemos entender como “desistência”, “abandono”, “renúncia”. Já a primeira entrada de *Aufgabe* no dicionário traz o sentido mais comum da palavra, como “tarefa”, na primeira acepção: “algo que se deve fazer por um motivo definido”, na segunda “um objetivo ou função que deve ser cumprido/realizado por alguém”, na terceira “um problema matemático” e ainda palavras compostas como “*Hausaufgabe*” que poderia ser traduzido como “tarefa de casa”, “dever de casa” e “*Schulaufgabe*” que seria “tarefa da escola”.

De fato vemos que há para a palavra *Aufgabe* as acepções tanto de “tarefa” quanto de “renúncia” (ou “desistência”, ou ainda “abandono”). Se a palavra “tarefa” em português não apresenta nenhuma acepção com o sentido de “renúncia”, como vemos tanto no dicionário Houaiss quanto no Aurélio<sup>46</sup>, a solução encontrada por Lages em sua primeira tradução de traduzir a palavra por uma composta “tarefa-renúncia” nos parece como uma maneira de incluir as duas acepções que a palavra alemã sustenta no título em português sem privilegiar uma delas necessariamente – mesmo se no corpo do texto ela usa apenas “tarefa” como tradução de *Aufgabe*. Assim, o leitor seria provocado ao entendimento do termo abrangendo as duas acepções do termo alemão.

Os demais tradutores para o português não comentam a tradução de “*Aufgabe*” por “tarefa”. Um possível motivo dessa ausência de comentário pode ser a acepção mais usual da palavra *Aufgabe* em alemão que interpretamos como “tarefa”: “algo que se deve fazer por um

---

<sup>46</sup> No dicionário Houaiss (2009), a primeira acepção apresenta: “qualquer trabalho, manual ou intelectual, que se faz por obrigação ou voluntariamente” e na segunda acepção “quantidade de trabalho realizado ou a realizar dentro de um prazo determinado; empreitada”. No dicionário Aurélio (2009), a primeira acepção é “Trabalho a ser executado, ger. envolvendo dificuldade, esforço ou prazo determinado.” (p. 1919). Há outras acepções cujas definições não vêm ao caso, mas nenhuma define “tarefa” como algo nem minimamente próximo a “renúncia” em ambos dicionários citados.

motivo definido” e ainda “Receber uma ‘Aufgabe’. Realizar uma ‘Aufgabe’” (LANGENSCHIEDT, 2003, p. 82)<sup>47</sup>

Nas traduções para o francês, Maurice de Gandillac (2000) traduz o título por “*La tâche du traducteur*” privilegiando apenas a acepção de “tarefa”, e não comenta sua tradução. Já na tradução de Laurent Lamy et Alexis Nouss (1997), o título é traduzido por “*L’abandon du traducteur*” que favorece apenas a acepção de “renúncia” da palavra “Aufgabe” e há uma nota extensa, de 586 palavras, sobre a tradução de “Aufgabe” por “abandon”. A nota de Lamy e Nouss começa com a seguinte declaração “Essa tradução do termo *Aufgabe* pode parecer audaciosa já que a denotação mais usual é a de *tâche* [tarefa]<sup>48</sup> (privilegiada nas traduções anteriores), de uma missão, de um dever a ser cumprido.”<sup>49</sup> (LAMY ET NOUSS, 1997, p. 28).

Assim, tendo declarado o entendimento dos tradutores de que apesar de haver uma acepção da palavra que poderia levar à tradução de “Aufgabe” por “tâche”, e após explicarem outras possíveis acepções dessa, os tradutores justificam sua escolha por “abandon”:

A decisão de traduzir *Aufgabe* por “abandon” [abandono, renúncia, cessão, abdicação] leva em conta a dupla articulação da palavra, composta pelo substantivo – *Gabe*, que marca a ideia de um dom e do prefixo *auf* -, o qual sugere uma forma de dedicatória. (LAMY ET NOUSS, 1997, p. 28, 29)<sup>50</sup>

O rigor na explicação para esta escolha indica ao leitor o trabalho metódico feito pelos tradutores e confirma que a tradução de “Aufgabe” por “abandon” tem motivações teóricas e analíticas já que os tradutores são pesquisadores, como confirma:

O tradutor, neste sentido, abandona, pois ele jamais será vitorioso em sua empreitada ao mesmo tempo que ele abandona à sua tradução o cuidado ou o dever (pois trata-se de ética para Benjamin) de assumir outras funções, das quais trata o ensaio. Inútil realçar que nenhuma conotação negativa se agrega à nossa escolha e ao emprego do termo no contexto especulativo. (LAMY ET NOUSS, 1997, p. 29)<sup>51</sup>

<sup>47</sup> As definições em língua alemã foram retiradas do dicionário Langenscheidt (2003). Os verbetes na íntegra, em alemão, estão no anexo. Estes não foram incluídos no corpo do texto ou como nota de rodapé para não comprometer o tamanho e o fluxo do trabalho. Os trechos das definições citados nesta parte do trabalho foram traduzidos de maneira a contribuir para a leitura fluida do texto (assim como as citações em línguas estrangeiras).

<sup>48</sup> Nota de tradução nossa.

<sup>49</sup> Trecho original: Cette traduction du terme *Aufgabe* peut paraître audacieuse puisque la dénotation la plus courante est celle d'une tâche (retenue dans les versions antérieures), d'une mission, d'un devoir à accomplir.

<sup>50</sup> Trecho original: La décision de traduire *Aufgabe* par « abandon » tient compte de la double articulation du mot, qui se compose du substantif— *Gabe*, marquant l'idée d'un don et du préfixe *auf*—, lequel suggère une forme de dédicace. (LAMY ET NOUSS, 1997, p. 28, 29)

<sup>51</sup> Trecho original: Le traducteur, en ce sens, abandonne, car il ne sera jamais victorieux dans son entreprise en même temps qu'il abandonne à sa traduction le soin ou le devoir (car il s'agit d'éthique pour Benjamin) d'assumer

A tão discutida “*Aufgabe*” do tradutor foi entendida por uns como a “tarefa” desempenhada pelo tradutor, mas também como a “renúncia” que experimenta ao traduzir. A palavra “*Aufgabe*” que no momento da escrita benjaminiana se tornou um termo, penetra a língua portuguesa e francesa como um novo termo também, ou melhor, como novos termos, já que verificamos a existência das variantes tradutórias.

Se *Aufgabe* nos apresentou pouca – mais não menos interessante para discussão – variação, *reine Sprache* teve um espectro bem mais amplo de variantes, como vemos na seção a seguir.

## 11.2. *reine Sprache*

O termo “*reine Sprache*” em alemão foi o que mais apresentou variantes tradutivas e gerou muito material para análise. Trata-se de um termo composto pelo substantivo *Sprache* e o adjetivo *reine*. Mesmo em alemão esse termo já se apresenta como uma neologia terminológica, e, se na criação desse termo houve neologia, assim também aconteceu nas traduções. A seguir estão as neologias tradutivas para a tradução de “*reine Sprache*”.

Ao consultar a palavra *Sprache* no dicionário de língua alemã (LANGENSCHIEDT, 2003), vemos que as acepções são várias. A primeira é: “um sistema de sons, palavras e regras para a formação de frases utilizadas para se fazer entender com outras pessoas”, ainda com exemplos “uma *Sprache* africana, germânica, eslava, românica; a *Sprache* alemã, francesa (...)” ou ainda “*Sprache* escrita, falada; aprender uma *Sprache*, dominar uma *Sprache*, falar uma *Sprache* fluentemente, entender uma *Sprache*; impor uma *Sprache*; traduzir algo de uma *Sprache* para outra (...)”. Esta definição nos leva a compreender o conceito desta acepção de *Sprache* como o conceito que denominamos em português de “língua”.

A segunda acepção apresentada pelo dicionário (e ainda com a marca de “apenas no singular”) traz a definição de “a competência de falar (a *Sprache* humana).” e ainda “Perder a *Sprache* devido a um choque; descobrir se macacos têm competência de *Sprache*.”. Quando cita algumas palavras compostas com a palavra *Sprache* dentro desta acepção, vemos a

---

d'autres fonctions, celles dont traite l'essai. Inutile de préciser qu'aucune connotation négative ne s'attache à notre choix et à l'emploi du terme dans ce contexte spéculatif.

palavra *Sprachfähigkeit* que pode ser traduzida como “competência linguística”. Esta segunda acepção nos leva à compreensão do conceito de “linguagem”.

Uma terceira acepção contempla o significado de “variantes de uma *Sprache*” e a quarta fala ainda sobre “a forma especial de se expressar”. Mas é na quinta acepção desse dicionário que encontramos outro sentido interessante na perspectiva tradutória, em que há a seguinte definição: “O sistema de símbolos, movimentos (gestos) ou coisas semelhantes que expressam significados e/ou sentimentos específicos”, e apresenta os exemplos: “a *Sprache* da arte, da música, da pintura” e ainda “na *Sprache* das flores, rosas vermelhas significam “eu te amo””. Essa acepção também poderia ser traduzida pelo conceito que denominamos em português de “linguagem”.

A sexta acepção apresentada no dicionário traz sentidos figurados da palavra *Sprache* “Falar a mesma *Sprache*” que outra pessoa, que seria: “ter a mesma visão/perspectiva que alguém e por isso se entender com ela”, entre outros sentidos figurados da palavra. Depois de expostas todas as acepções possíveis da palavra *Sprache* em alemão, vemos as possibilidades de tradução desta, claro, a depender da escolha do tradutor e dos critérios para essa escolha.

Já ao analisar o adjetivo *reine*, vemos que o lema *rein* presente no dicionário consta de três entradas diferentes (o adjetivo *reine* contém a partícula “e” que representa a declinação do adjetivo, prevista na língua alemã). Na primeira entrada, a primeira acepção traz a definição “Algo que não é misturado com outros materiais” que é próxima à ideia da segunda acepção “Que não é misturado com outros tons ou cores”. A terceira traz o seguinte enunciado “Muito claro (um som, uma voz): algo soa *rein*, alguém canta *rein*”, a quarta “Sem sotaque” e a quinta acepção “Muito limpo” (exemplo: uma roupa, o ar, a água). Em seguida, a sexta acepção traz “Sem pensamentos ruins (no sentido sexual) sem culpa, sem pecado”. A sétima acepção tem a definição “Nada além de *rein*.” com o exemplo de uso: “Foi por *reine* coincidência que nos encontramos hoje”.

A oitava acepção apresenta a palavra *rein* a ser usada numa frase para fortalecer uma afirmação, como no exemplo “Em comparação com correr, trabalhar é a mais *rein* diversão.” Ou ainda no sentido de “Trazer algo à *reine*” (que poderia ser compreendido como: trazer algo às claras com alguém) ou “escrever algo mais uma vez para que fique bem escrito, bem feito, bem claro” (que poderia ser traduzido como “passar a limpo” em português).

A segunda entrada de *rein* é como advérbio que não vem ao caso para o nosso trabalho. A terceira e última entrada tem duas acepções: “Partícula usada para expressar que algo definitivamente acontece num sentido” e o exemplo “esse diálogo é *reines* particular” e a

segunda acepção “Usado para reforçar uma afirmação” e o exemplo de uso “ela não acredita em mim *reine* de jeito nenhum”.

Tendo exposto as acepções das duas palavras que compõem o termo “*reine Sprache*”, passamos à análise das traduções. Fernando Camacho (1979), na primeira tradução do texto benjaminiano para o português, traduz o termo onze vezes por “língua pura”, uma vez por “língua perfeita e pura” e uma vez também por “língua pura e elevada”. Como vemos a seguir na tabela:

DIE AUFGABE DES ÜBERSETZERS Walter Benjamin	A TAREFA DO TRADUTOR Tradução de Fernando Camacho – 1979
Vielmehr beruht alle überhistorische Verwandtschaft der Sprachen darin, daß in ihrer jeden als ganzen jeweils eines, und zwar dasselbe gemeint ist, das dennoch keiner einzelnen von ihnen, sondern nur der Allheit ihrer einander ergänzenden Intentionen erreichbar ist: <b>die reine Sprache</b> .	A afinidade das línguas que se situa para além dos laços históricos depende, sobretudo, do fato da totalidade de cada uma delas pretender o mesmo que a outra, não conseguindo todavia alcançá-lo isoladamente, pelo que as línguas se complementam umas às outras quanto à totalidade das suas intenções, que aliás seriam apenas atingíveis pela <b>língua pura</b> .
Bei den einzelnen, den unergänzten Sprachen nämlich ist ihr Gemeintes niemals in relativer Selbständigkeit anzutreffen, wie bei den einzelnen Wörtern oder Sätzen, sondern vielmehr in stetem Wandel begriffen, bis es aus der Harmonie all jener Arten des Meinens als die <b>reine Sprache</b> herauszutreten vermag.	Os significados encontram-se pelo contrário em constante metamorfose, até que, da harmonia de todos esses “modos de querer ver”, eles conseguem irromper como <b>Língua perfeita e pura</b> , permanecendo até aí latente nas outras línguas.
In ihr wächst das Original in einen gleichsam höheren und <u>reineren Luftkreis der Sprache</u> hinauf, in welchem es freilich nicht auf die Dauer zu leben vermag, wie es ihn auch bei weitem nicht in allen Teilen seiner Gestalt erreicht, auf den es aber dennoch in einer wunderbar eindringlichen Weise wenigstens hindeutet als auf den vorbestimmten, versagten Versöhnungs — und Erfüllungsbereich der Sprachen.	Na tradução o original pode ascender ao mesmo espaçoso círculo da <b>Língua pura e elevada</b> , em que certamente não conseguirá manter-se por muito tempo, e do mesmo modo não conseguirá também alcançá-lo em todos os aspectos da sua forma, mas apontá-los-á todavia duma maneira maravilhosamente penetrante, como domínio predestinado e inacessível onde as línguas se reconciliam e atingem toda a sua plenitude.
Ja diese Aufgabe: in der Übersetzung den Samen <b>reiner Sprache</b> zur Reife zu bringen, scheint niemals lösbar, in keiner Lösung bestimmbar.	Sim, esta tarefa de fazer amadurecer na tradução o germe embrionário da <b>Língua pura</b> não se afigura jamais resolúvel e nenhuma solução lhe parece estar predestinada.
Die wahre Übersetzung ist durchscheinend, sie verdeckt nicht das Original, steht ihm nicht im Licht, sondern läßt die <b>reine Sprache</b> , wie verstärkt durch ihr eigenes Medium, nur um so voller aufs Original fallen.	A verdadeira tradução é transparente. Ela não oculta o original, nem lhe rouba luz. Pelo contrário ela faz com que a <b>Língua pura</b> , como que reforçada pelo seu próprio medium, incida com ainda maior plenitude sobre o original.
Und was im Werden der Sprachen sich darzustellen, ja herzustellen sucht, das ist jener Kern der <b>reinen Sprache</b> selbst.	E aquilo que se representa ou procura representar no advir das línguas será a própria essência da <b>Língua pura</b> .
Wenn aber dieser, ob verborgen und fragmentarisch, dennoch gegenwärtig im Leben als das Symbolisierte selbst ist, so wohnt er nur symbolisiert in den Gebilden.	Se porém a <b>Língua pura</b> , por oculta ou fragmentária que seja, estiver apesar de tudo presente na vida como está o próprio Simbolizado, ela estará apenas simbolizada nas imagens.
Ist jene letzte Wesenheit, die da die <b>reine Sprache</b> selbst ist, in den Sprachen nur an Sprachliches und dessen Wandlungen gebunden, so ist sie in den Gebilden behaftet mit dem schweren und fremden	Se a essência final, que é constituída pela própria <b>Língua pura</b> , existir nas línguas ligadas apenas àquilo que há nela de lingüístico (e às respectivas metamorfoses lingüísticas), então essa essência será

Sinn.	prejudicada por um significado estranho e difícil.
Von diesem sie zu entbinden, das Symbolisierende zum Symbolisierten selbst zu machen, die <b>reine Sprache</b> gestaltet in der Sprachbewegung zurückzugewinnen, ist das gewaltige und einzige Vermögen der Übersetzung	Libertá-la desse significado, e tornar o Simbolizante no próprio Simbolizado, restaurando a <b>Língua pura</b> que é formada no movimento da língua, constitui o único mas possante poder do tradutor.
In dieser <b>reinen Sprache</b> , die nichts mehr meint und nichts mehr ausdrückt, sondern als ausdrucksloses und schöpferisches Wort das in allen Sprachen Gemeinte ist, trifft endlich alle Mitteilung, aller Sinn und alle Intention auf eine Schicht, in der sie zu erlöschen bestimmt sind.	Nesta <b>Língua pura</b> – que já nada pretende exprimir e que já nada exprime, e que pelo contrário é como que a palavra inexpressiva e criadora que é o conteúdo em todas as línguas – reúne-se finalmente toda a comunicação, todo o significado, e toda a intenção num nível em que já não se diferenciam ou distinguem uns dos outros.
Nicht aus dem Sinn der Mitteilung, von welchem zu emanzipieren gerade die Aufgabe der Treue ist, hat sie ihren Bestand. Freiheit vielmehr bewährt sich um der <b>reinen Sprache</b> willen an der eigenen.	Não é do significado da comunicação que ela recebe o seu fundamento, aliás porque a tarefa da fidelidade é precisamente emancipá-la deste significado. Pelo contrário a liberdade do tradutor afirma-se em termos da função da <b>Língua pura</b> sobre a sua: libertar na sua própria essa <b>Língua pura</b> que está desterrada no estrangeiro, e descativá-la da obra em que está presa enquanto a remodela e lhe dá forma: é essa a tarefa do tradutor.
Jene <b>reine Sprache</b> , die in fremde gebannt ist, in der eigenen zu erlösen, die im Werk gefangene in der Umdichtung zu befreien, ist die Aufgabe des Übersetzers.	
Um <u>ihretwillen</u> bricht er morsche Schranken der eigenen Sprache: Luther, Voss, Hölderlin, George haben die Grenzen des Deutschen erweitert.	Por causa dessa <b>Língua pura</b> ele demole e remove as velharias obsoletas da sua língua e alarga-lhe as fronteiras: foi assim que Lutero, Voss, Hölderlin e George alargaram os domínios em que era válida a língua alemã.

Tabela 2. Variantes tradutivas de *reine Sprache* na tradução de Fernando Camacho (1979).

Chama a atenção o fato de Camacho ter traduzido o termo alemão quase que todas as vezes, salvo a primeira ocorrência, com letra maiúscula: “Língua pura”. Em alemão, os substantivos são grafados sempre com letra maiúscula, independente da posição na frase, então, em “*reine Sprache*”, o fato de o substantivo *Sprache* ser grafado com a letra inicial maiúscula é apenas a regra da língua alemã, não uma ênfase a uma palavra. A escolha de Camacho pode ter sido motivada pela preservação do usual em alemão ou talvez para dar destaque ao importante termo “Língua pura”.

No segundo conjunto de trechos, vemos que o termo “*reine Sprache*” é traduzido por “Língua perfeita e pura”, em que o tradutor acresce um adjetivo, “perfeita” ao termo, que de fato não encontramos explicitado nas acepções apresentadas pelo dicionário de língua alemã;

No terceiro bloco de trechos alinhados, podemos ver que Fernando Camacho traduziu o que outros tradutores traduziram por: “Nela, o original transpassa, por assim dizer, para uma zona mais alta e mais pura da linguagem” (tradução de Karlheinz Barck e outros, 1994), “Na tradução, o original cresce e se alça a uma atmosfera por assim dizer mais elevada e mais pura da língua (...)” (tradução de Susana Kampff Lages, 2010), como: “Na tradução o original pode

ascender ao mesmo espaçoso círculo da Língua pura e elevada (...)” (tradução de Fernando Camacho, 1979). Assim, o que não era o termo em si em alemão, mas uma referência a esse lugar, essa zona/atmosfera superior/mais alta/mais elevada da língua que apesar de ter relação direta com a *reine Sprache* não está, no original, descrita com o termo em si, na tradução em português é explicitada e acrescida do termo “Língua pura e elevada”.

No sétimo conjunto de trechos alinhados, em que há em alemão a referência elíptica da “essência” ou “núcleo” da *reine Sprache* citado na frase anterior<sup>52</sup>, foi traduzido por Susana da seguinte forma: “Se esse núcleo, mesmo oculto ou fragmentário, todavia está presente na vida como o próprio Simbolizado, nas composições ele reside somente de modo simbolizado.” foi traduzido por Fernando Camacho por “Se porém a Língua pura, por oculta ou fragmentária que seja, estiver apesar de tudo presente na vida como está o próprio Simbolizado, ela estará apenas simbolizada nas imagens.” explicitando o que não estava no original, ou melhor, estava pronominalizado.

Na tradução de Karlheinz Barck e outros, o termo foi traduzido por “língua pura” dez vezes e uma vez por “pura linguagem” como podemos ver no quadro a seguir:

DIE AUFGABE DES ÜBERSETZERS Walter Benjamin	A TAREFA DO TRADUTOR Tradução de Karlheinz Barck e outros - 1994
Vielmehr beruht alle überhistorische Verwandtschaft der Sprachen darin, daß in ihrer jeden als ganzen jeweils eines, und zwar dasselbe gemeint ist, das dennoch keiner einzelnen von ihnen, sondern nur der Allheit ihrer einander ergänzenden Intentionen erreichbar ist: <b>die reine Sprache</b> .	Toda afinidade meta-histórica repousa muito mais no fato de que, em cada uma delas, tomada como um todo, algo é significado, que sendo o mesmo não pode, entretanto, ser alcançado por nenhuma delas isoladamente, mas apenas pelo todo de suas intenções reciprocamente complementares: a <b>língua pura</b> .
Bei den einzelnen, den unergänzten Sprachen nämlich ist ihr Gemeintes niemals in relativer Selbständigkeit anzutreffen, wie bei den einzelnen Wörtern oder Sätzen, sondern vielmehr in stetem Wandel begriffen, bis es aus der Harmonie all jener Arten des Meinens als die <b>reine Sprache</b> herauszutreten vermag.	Nas línguas particulares, incompletas portanto, o que significam nunca se encontra em relativa independência, como nas palavras ou frases consideradas isoladamente, senão que em constante mudança, na expectativa de emergir como a <b>língua pura</b> da harmonia de todos estes modos de significar.
Ja diese Aufgabe: in der Übersetzung den Samen <b>reiner Sprache</b> zur Reife zu bringen, scheint niemals lösbar, in keiner Lösung bestimmbar.	Se a tarefa do tradutor aparece sob este prisma, os caminhos de sua realização arriscam a se obscurecer de modo impenetrável. A tarefa de provocar o amadurecimento, na tradução, das sementes da <b>pura linguagem</b> , parece inalcançável.
Die wahre Übersetzung ist durchscheinend, sie verdeckt nicht das Original, steht ihm nicht im Licht, sondern läßt die <b>reine Sprache</b> , wie verstärkt durch ihr eigenes Medium, nur um so voller aufs Original fallen.	A verdadeira tradução é transparente, não esconde o original, não o ofusca, mas faz com que caia tanto mais plenamente sobre o original, como se forçada por seu próprio meio, a <b>língua pura</b> .
Und was im Werden der Sprachen sich darzustellen, ja	E o que se busca representar ou mesmo se instaurar no

<sup>52</sup> A frase anterior: “E aquilo que se representa ou procura representar no advir das línguas será a própria essência da **Língua pura**.” (tradução Fernando Camacho, 1979) e “E o que busca expor-se, e mesmo, constituir-se no devir das línguas é aquele núcleo da **pura língua**.” (tradução Susana Kampff Lages, 2010).

herzustellen sucht, das ist jener Kern der <b>reinen Sprache</b> selbst.	devir das línguas é este núcleo da <b>língua pura</b> .
Ist jene letzte Wesenheit, die da die <b>reine Sprache</b> selbst ist, in den Sprachen nur an Sprachliches und dessen Wandlungen gebunden, so ist sie in den Gebilden behaftet mit dem schweren und fremden Sinn.	Se esta essência última, que é a própria <b>língua pura</b> , está vinculada nas línguas apenas ao material verbal e às suas transformações, nas obras é ela afetada por um sentido denso e estranho.
Von diesem sie zu entbinden, das Symbolisierende zum Symbolisierten selbst zu machen, die <b>reine Sprache</b> gestaltet in der Sprachbewegung zurückzugewinnen, ist das gewaltige und einzige Vermögen der Übersetzung.	Desvinculá-la desse sentido, fazer do simbolizante o simbolizado, mesmo recuperar a <b>língua pura</b> configurada no movimento verbal, é o violento e único poder da tradução.
In dieser <b>reinen Sprache</b> , die nichts mehr meint und nichts mehr ausdrückt, sondern als ausdrucksloses und schöpferisches Wort das in allen Sprachen Gemeint ist, trifft endlich alle Mitteilung, aller Sinn und alle Intention auf eine Schicht, in der sie zu erlösen bestimmt sind.	Nesta <b>língua pura</b> , que não significa nem exprime mais nada senão a palavra privada de expressão e criatividade, que é o buscado em todas as línguas, toda comunicação, todo significado e toda intenção atingem uma esfera em que se destinam a se extinguir.
Nicht aus dem Sinn der Mitteilung, von welchem zu emanzipieren gerade die Aufgabe der Treue ist, hat sie ihren Bestand. Freiheit vielmehr bewährt sich um der <b>reinen Sprache</b> willen an der eigenen.	Esta liberdade não deve sua existência ao sentido da comunicação, do qual a tarefa da fidelidade é exatamente fazê-la escapar. Pelo contrário, a liberdade em favor da <b>língua pura</b> verifica-se primeiro em sua própria língua.
Jene <b>reine Sprache</b> , die in fremde gebannt ist, in der eigenen zu erlösen, die im Werk gefangene in der Umdichtung zu befreien, ist die Aufgabe des Übersetzers.	Resgatar em sua própria língua essa <b>língua pura</b> , ligada à língua estrangeira, liberar pela transcrição essa língua pura cativa na obra, é a tarefa do tradutor.

Tabela 3. Variantes tradutivas de reine Sprache na tradução de Karlheinz Barck e outros (1994).

No terceiro conjunto de trechos alinhados os tradutores traduziram como “pura linguagem” o termo que no resto do texto foi traduzido como “língua pura”. Neste caso, além de terem privilegiado a acepção “linguagem” – e não “língua”, como nas outras vezes – inverteram a posição do adjetivo. Assim não mantiveram uma homogeneidade na tradução do termo alemão.

Já na primeira tradução de Susana Kampff Lages (2001), o termo “pura língua” apareceu dez vezes como podemos conferir no quadro que segue:

DIE AUFGABE DES ÜBERSETZERS Walter Benjamin	A TAREFA-RENÚNCIA DO TRADUTOR Tradução de Susana Kampff Lages - 2001
Vielmehr beruht alle überhistorische Verwandtschaft der Sprachen darin, daß in ihrer jeden als ganzen jeweils eines, und zwar dasselbe gemeint ist, das dennoch keiner einzelnen von ihnen, sondern nur der Allheit ihrer einander ergänzenden Intentionen erreichbar ist: <b>die reine Sprache</b> .	Toda afinidade meta-histórica entre as línguas repousa sobre o fato de que, em cada uma delas, tomada como um todo, uma só e a mesma coisa é designada; algo que, no entanto, não pode ser alcançado por nenhuma delas, isoladamente, mas somente na totalidade de suas intenções reciprocamente complementares: na <b>pura língua</b> .
Bei den einzelnen, den unergänzten Sprachen nämlich ist ihr Gemeintes niemals in relativer Selbständigkeit anzutreffen, wie bei den einzelnen Wörtern oder Sätzen, sondern vielmehr in stetem Wandel begriffen,	Pois nas línguas tomadas isoladamente, incompletas, aquilo que nelas é designado nunca se encontra de maneira relativamente autônoma, como nas palavras e frases isoladas; encontra-se em constante

bis es aus der Harmonie all jener Arten des Meinens als die <b>reine Sprache</b> herauszutreten vermag.	transformação, até que da harmonia de todos aqueles modos de designar ele consiga emergir como <b>pura língua</b> .
Ja diese Aufgabe: in der Übersetzung den Samen <b>reiner Sprache</b> zur Reife zu bringen, scheint niemals lösbar, in keener Lösung bestimmbar.	Aliás, a tarefa de fazer amadurecer na tradução o sêmen da <b>pura língua</b> parece absolutamente insolúvel, indefinível numa solução qualquer.
Die wahre Übersetzung ist durchscheinend, sie verdeckt nicht das Original, steht ihm nicht im Licht, sondern läßt die <b>reine Sprache</b> , wie verstärkt durch ihr eigenes Medium, nur um so voller aufs Original fallen.	A verdadeira tradução é transparente, não encobre o original, não o tira da luz; ela faz com que a <b>pura língua</b> , como que fortalecida por seu próprio meio, recaia ainda mais inteiramente sobre o original.
Und was im Werden der Sprachen sich darzustellen, ja herzustellen sucht, das ist jener Kern der <b>reinen Sprache</b> selbst.	E o que busca expor-se, e mesmo, constituir-se no devir das línguas é o próprio cerne da <b>pura língua</b> .
Ist jene letzte Wesenheit, die da die <b>reine Sprache</b> selbst ist, in den Sprachen nur an Sprachliches und dessen Wandlungen gebunden, so ist sie in den Gebilden behaftet mit dem schweren und fremden Sinn.	E se, por um lado, essa última essencialidade que constitui a <b>pura língua</b> mesma está vinculada apenas ao material lingüístico e suas transformações, por outro, ela também vem carregada em suas construções com o sentido grave e estranho.
Von diesem sie zu entbinden, das Symbolisierende zum Symbolisierten selbst zu machen, die <b>reine Sprache</b> gestaltet in der Sprachbewegung zurückzugewinnen, ist das gewaltige und einzige Vermögen der Übersetzung..	Desvinculá-la desse sentido, transformar o simbolizante no próprio simbolizado, recobrar a <b>pura língua</b> plasmada no movimento da linguagem – esse é o único e grandioso poder da tradução.
In dieser <b>reinen Sprache</b> , die nichts mehr meint und nichts mehr ausdrückt, sondern als ausdrucksloses und schöpferisches Wort das in allen Sprachen Gemeinte ist, trifft endlich alle Mitteilung, aller Sinn und alle Intention auf eine Schicht, in der sie zu erlöschen bestimmt sind.	No interior dessa <b>pura língua</b> que nada mais designa e que nada mais expressa, mas que enquanto palavra criadora sem expressão é o designado em todas as línguas, toda comunicação, todo significado e toda intenção atingem finalmente um mesmo estrato, no qual estão destinados a extinguir-se.
Nicht aus dem Sinn der Mitteilung, von welchem zu emanzipieren gerade die Aufgabe der Treue ist, hat sie ihren Bestand. Freiheit vielmehr bewährt sich um der <b>reinen Sprache</b> willen an der eigenen.	Não é do sentido da comunicação (emancipar-se dele é justamente a tarefa da fidelidade) que a liberdade extrai sua razão de ser. Antes, a liberdade assevera-se, em nome da <b>pura língua</b> , com relação à própria língua e na própria língua.
Jene <b>reine Sprache</b> , die in fremde gebannt ist, in der eigenen zu erlösen, die im Werk gefangene in der Umdichtung zu befreien, ist die Aufgabe des Übersetzers.	Redimir na própria a <b>pura língua</b> , exilada na estrangeira, liberar a língua do cativo da obra por meio da recriação – essa é tarefa do tradutor.

Tabela 4. Variantes tradutivas de reine Sprache na tradução de Susana Kampff Lages (2001).

Esta tradução manteve, assim como o original, a presença do termo dez vezes durante o texto. Não omitiu o termo em nenhum momento e também não o explicitou. Além disso, traduziu homogeneamente *reine Sprache* por “pura língua” fazendo a construção do termo em português com a anteposição do adjetivo<sup>53</sup> e privilegiando a acepção “língua” de *Sprache*.

Na tradução de João Barrento (2008) vemos onze vezes o termo “língua pura” como podemos conferir a seguir:

DIE AUFGABE DES ÜBERSETZERS	A TAREFA DO TRADUTOR
-----------------------------	----------------------

<sup>53</sup> Discutiremos mais adiante a anteposição e posposição do adjetivo.

Walter Benjamin	Tradução de João Barrento - 2008
Vielmehr beruht alle überhistorische Verwandtschaft der Sprachen darin, daß in ihrer jeden als ganzen jeweils eines, und zwar dasselbe gemeint ist, das dennoch keiner einzelnen von ihnen, sondern nur der Allheit ihrer einander ergänzenden Intentionen erreichbar ist: <b>die reine Sprache</b> .	O parentesco supra-histórico entre línguas reside antes no facto de, em cada uma delas como um todo, se querer dizer uma e a mesma coisa, qualquer coisa que, no entanto, não é acessível a nenhuma delas isoladamente, mas apenas à totalidade das suas intencionalidades que se complementam umas às outras: à <b>língua pura</b> .
Bei den einzelnen, den unergänzten Sprachen nämlich ist ihr Gemeintes niemals in relativer Selbständigkeit anzutreffen, wie bei den einzelnen Wörtern oder Sätzen, sondern vielmehr in stetem Wandel begriffen, bis es aus der Harmonie all jener Arten des Meinens als die <b>reine Sprache</b> herauszutreten vermag.	Nas línguas isoladas, sem complemento, o que nelas se quer dizer nunca se encontra numa autonomia relativa, como acontece com as palavras ou frases isoladas, mas sempre em permanente mudança, até conseguir emergir, sob a forma da <b>língua pura</b> , da harmonia de todos os modos do querer dizer.
Ja diese Aufgabe: in der Übersetzung den Samen <b>reiner Sprache</b> zur Reife zu bringen, scheint niemals lösbar, in keener Lösung bestimmbar.	Esta tarefa – levar à maturidade, na tradução, a semente de uma <b>língua pura</b> – parece, em boa verdade, ser insolúvel, não determinável qualquer que seja a solução.
Die wahre Übersetzung ist durchscheinend, sie verdeckt nicht das Original, steht ihm nicht im Licht, sondern läßt die <b>reine Sprache</b> , wie verstärkt durch ihr eigenes Medium, nur um so voller aufs Original fallen.	A verdadeira tradução é transparente, não esconde o original, não lhe tapa a luz, mas permite que a <b>língua pura</b> , como que reforçada pelo seu próprio meio de expressão, incida de forma ainda mais plena sobre o original.
Und was im Werden der Sprachen sich darzustellen, ja herzustellen sucht, das ist jener Kern der <b>reinen Sprache</b> selbst.	E aquilo que, no devir das línguas, busca a sua representação, e mesmo a sua configuração material, é o próprio âmago da <b>língua pura</b> , de que atrás se falou.
Ist jene letzte Wesenheit, die da die <b>reine Sprache</b> selbst ist, in den Sprachen nur an Sprachliches und dessen Wandlungen gebunden, so ist sie in den Gebilden behaftet mit dem schweren und fremden Sinn.	Se aquela essência última, que é a própria <b>língua pura</b> , se liga, nas línguas, apenas ao material de linguagem e às suas transmutações, já nas criações da linguagem ela está presa a um sentido, pesado e estranho.
Von diesem sie zu entbinden, das Symbolisierende zum Symbolisierten selbst zu machen, die <b>reine Sprache</b> gestaltet in der Sprachbewegung zurückzugewinnen, ist das gewaltige und einzige Vermögen der Übersetzung.	E a tradução é aquele meio, poderoso e único, capaz de libertar a <b>língua pura</b> do peso do sentido, de transformar o simbolizante no próprio simbolizado, de recuperar a <b>língua pura</b> , esteticamente configurada, para o movimento da linguagem.
In dieser <b>reinen Sprache</b> , die nichts mehr meint und nichts mehr ausdrückt, sondern als ausdrucksloses und schöpferisches Wort das in allen Sprachen Gemeinte ist, trifft endlich alle Mitteilung, aller Sinn und alle Intention auf eine Schicht, in der sie zu erlöschen bestimmt sind.	Nesta <b>língua pura</b> , que já não quer dizer nem exprime nada, mas é, enquanto palavra não-expressiva e criadora, aquilo que todas as línguas querem dizer, toda a informação, todo o sentido e toda a intencionalidade convergem num plano em que estão destinados a extinguirse.
Nicht aus dem Sinn der Mitteilung, von welchem zu emanzipieren gerade die Aufgabe der Treue ist, hat sie ihren Bestand. Freiheit vielmehr bewährt sich um der <b>reinen Sprache</b> willen an der eigenen.	Esta liberdade não deve a sua existência ao sentido da informação – o sentido da fidelidade é precisamente o de a emancipar dele. Pelo contrário, a liberdade afirma-se na língua própria tendo em vista a <b>língua pura</b> .
Jene <b>reine Sprache</b> , die in fremde gebannt ist, in der eigenen zu erlösen, die im Werk gefangene in der Umdichtung zu befreien, ist die Aufgabe des Übersetzers.	A tarefa do tradutor é a de redimir na língua própria aquela <b>língua pura</b> que se exilou nas alheias, a de a libertar da prisão da obra através da recriação poética. Por ela, o tradutor quebra as barreiras apodrecidas da sua língua: Lutero, Voß, Hölderlin, George expandiram as fronteiras da língua alemã.

Tabela 5. Variantes tradutivas de reine Sprache na tradução de João Barrento (2008).

Este é outro caso em que o termo alemão foi traduzido unicamente por um termo em português, dessa vez: “língua pura”. No sétimo bloco de trechos alinhados, vemos que, apesar de no original existir apenas uma ocorrência, em português o termo consta duas vezes, pois o tradutor explicita o termo quando no original estava elíptico causando inclusive uma repetição na frase.

A tradução do termo “*reine Sprache*” por Susana Kampff Lages, de 2010 publicada em Clássicos da Teoria da Tradução: alemão-português, consta na tabela abaixo:

DIE AUFGABE DES ÜBERSETZERS Walter Benjamin	A TAREFA DO TRADUTOR Tradução de Susana Kampff Lages - 2010
Vielmehr beruht alle überhistorische Verwandtschaft der Sprachen darin, daß in ihrer jeden als ganzen jeweils eines, und zwar dasselbe gemeint ist, das dennoch keiner einzelnen von ihnen, sondern nur der Allheit ihrer einander ergänzenden Intentionen erreichbar ist: <b>die reine Sprache</b> .	Toda afinidade suprahistórica entre as línguas repousa no fato de que, em cada uma delas, tomada como um todo, uma só e a mesma coisa é visada; algo que, no entanto, não pode ser alcançado por nenhuma delas, isoladamente, mas somente na totalidade de suas intenções reciprocamente complementares: <b>a pura língua ou linguagem [Sprache]</b> .
Bei den einzelnen, den unergänzten Sprachen nämlich ist ihr Gemeintes niemals in relativer Selbständigkeit anzutreffen, wie bei den einzelnen Wörtern oder Sätzen, sondern vielmehr in stetem Wandel begriffen, bis es aus der Harmonie all jener Arten des Meinens als die <b>reine Sprache</b> herauszutreten vermag.	Pois, nas línguas tomadas isoladamente, incompletas, aquilo que é visado nunca se encontra de maneira relativamente autônoma, como nas palavras e frases tomadas isoladamente; encontra-se em constante transformação, até que da harmonia de todos aqueles modos de visar ele consiga emergir como <b>pura linguagem</b> .
Ja diese Aufgabe: in der Übersetzung den Samen <b>reiner Sprache</b> zur Reife zu bringen, scheint niemals lösbar, in keener Lösung bestimmbar.	E mais: essa tarefa, de fazer amadurecer na tradução a semente da <b>pura língua</b> , parece absolutamente insolúvel, incapaz de ser definida por qualquer solução.
Die wahre Übersetzung ist durchscheinend, sie verdeckt nicht das Original, steht ihm nicht im Licht, sondern läßt die <b>reine Sprache</b> , wie verstärkt durch ihr eigenes Medium, nur um so voller aufs Original fallen.	A verdadeira tradução é transparente, não encobre o original, não o tira da luz; ela faz com que a <b>pura língua</b> , como que fortalecida por seu próprio meio, recaia ainda mais inteiramente sobre o original.
Und was im Werden der Sprachen sich darzustellen, ja herzustellen sucht, das ist jener Kern der <b>reinen Sprache</b> selbst.	E o que busca expor-se, e mesmo, constituir-se no devir das línguas é aquele núcleo da <b>pura língua</b> .
Ist jene letzte Wesenheit, die da die <b>reine Sprache</b> selbst ist, in den Sprachen nur an Sprachliches und dessen Wandlungen gebunden, so ist sie in den Gebilden behaftet mit dem schweren und fremden Sinn.	E se essa essencialidade última, que é a <b>pura língua</b> mesma, está vinculada nas línguas apenas ao elemento lingüístico e suas transformações, nas composições ela se apresenta carregada com o sentido pesado e alheio.
Von diesem sie zu entbinden, das Symbolisierende zum Symbolisierten selbst zu machen, die <b>reine Sprache</b> gestaltet in der Sprachbewegung zurückzugewinnen, ist das gewaltige und einzige Vermögen der Übersetzung.	Desvinculá-la desse sentido, transformar o simbolizante no próprio simbolizado, recobrar a <b>pura língua</b> plasmada no movimento da linguagem — esse é o único e colossal poder da tradução.
In dieser <b>reinen Sprache</b> , die nichts mehr meint und nichts mehr ausdrückt, sondern als ausdrucksloses und schöpferisches Wort das in allen Sprachen Gemeinte ist, trifft endlich alle Mitteilung, aller Sinn und alle Intention auf eine Schicht, in der sie zu erlöschen	No interior dessa <b>pura língua</b> que nada mais visa e que nada mais expressa — mas que enquanto inexpressiva palavra criadora é o visado em todas as línguas —, toda comunicação, todo sentido e toda intenção atingem finalmente um mesmo estrato, no

bestimmt sind.	qual estão destinados a extinguir-se.
Nicht aus dem Sinn der Mitteilung, von welchem zu emanzipieren gerade die Aufgabe der Treue ist, hat sie ihren Bestand. Freiheit vielmehr bewährt sich um der <b>reinen Sprache</b> willen an der eigenen.	Essa liberdade não deve sua existência ao sentido da comunicação, do qual justamente a fidelidade tem a tarefa de se emancipar a tradução. Mais do que isso, essa liberdade se exerce, em nome da <b>pura língua</b> , na própria língua.
Jene <b>reine Sprache</b> , die in fremde gebannt ist, in der eigenen zu erlösen, die im Werk gefangene in der Umdichtung zu befreien, ist die Aufgabe des Übersetzers.	A tarefa do tradutor é redimir na própria a <b>pura língua</b> , exilada na estrangeira, liberar a língua do cativo da obra por meio da recriação [Umdichtung].
Um <u>ihretwillen</u> bricht er morsche Schranken der eigenen Sprache: Luther, Voss, Hölderlin, George haben die Grenzen des Deutschen erweitert.	Em nome da <b>pura língua</b> , o tradutor rompe as barreiras apodrecidas da sua própria língua: Lutero, Voss, Hölderlin, George ampliaram as fronteiras do alemão.

Tabela 6. Variantes tradutivas de reine Sprache na tradução de Susana Kampff Lages (2010).

Kampff Lages, em seu livro “Walter Benjamin – Tradução e Melancolia”, de 2008, fruto de sua pesquisa de doutorado, fala brevemente sobre a “*reine Sprache*” e sua tradução:

Mesmo as referências benjaminianas à tradição da mística judaica presentes no ensaio sobre o tradutor podem ser reconduzidas à questão da centralidade da linguagem na tradição cabalística, já destacada por Gerschom Scholem, contemporâneo e amigo pessoal de Walter Benjamin. Nesse sentido, a idéia de uma *reine Sprache* seria melhor traduzida em língua portuguesa por **pura linguagem**, ao invés de **língua pura**. (LAGES, 2008, p. 2)

Apesar de defender em seu livro a tradução por “pura linguagem”, não é apenas esse termo em português que vemos em suas traduções posteriores. A segunda tradução de Susana Kampff Lages (2010, p. 113), cujos trechos constam no quadro que acabamos de apresentar, num primeiro momento, traz a tradução de *reine Sprache* da seguinte forma: “a pura língua ou linguagem [*Sprache*]”. Assim, a tradutora abarca as duas acepções de *Sprache* existentes, como comenta na nota de fim nº 5: “*Sprache* pode significar língua (língua natural: a língua alemã) e linguagem (fenômeno simbólico da comunicação humana).” (LAGES, 2010, p. 229). A presença da palavra “*Sprache*” no termo traduzido em português enfatiza a dificuldade de tradução desse termo polissêmico e defende uma ideia de tradução que não apaga o original.

Mesmo se num primeiro momento sua escolha é a tradução de *Sprache* pelas duas palavras “língua” e “linguagem”, na sequência do texto aparece a tradução da expressão por “pura linguagem”, na mesma página da anterior que acabamos de citar. Ainda na mesma tradução aparecem oito traduções de *reine Sprache* por “pura língua”.

No último bloco de trechos alinhados, temos o trecho em alemão traduzido por Karlheinz Barck e outros como “Em favor dela, o tradutor rompe as molduras carcomidas da própria língua: Lutero, Voss, Hölderlin e George ampliaram as fronteiras do alemão.”

traduzido por Kampff Lages, em 2001, por “Por ela, o tradutor rompe as barreiras apodrecidas da própria língua: Lutero, Voss, Hölderlin, George ampliaram as fronteiras do alemão.” e mais tarde, em 2010, por ela mesma, como “Em nome da pura língua, o tradutor rompe as barreiras apodrecidas da sua própria língua: Lutero, Voss, Hölderlin, George ampliaram as fronteiras do alemão.” explicitando o elemento que estava oculto no original em alemão.

Já na última tradução de Susana Kampff Lages, de 2011, é o termo “pura língua” que aparece como tradução da expressão, presente onze vezes no texto. Como vemos no quadro a seguir:

DIE AUFGABE DES ÜBERSETZERS Walter Benjamin	A TAREFA DO TRADUTOR Tradução de Susana Kampff Lages - 2011
Vielmehr beruht alle überhistorische Verwandtschaft der Sprachen darin, daß in ihrer jeden als ganzen jeweils eines, und zwar dasselbe gemeint ist, das dennoch keiner einzelnen von ihnen, sondern nur der Allheit ihrer einander ergänzenden Intentionen erreichbar ist: <b>die reine Sprache</b> .	Toda afinidade meta-histórica entre as línguas repousa sobre o fato de que, em cada uma delas, tomada como um todo, uma só e a mesma coisa é visada; algo que, no entanto, não pode ser alcançado por nenhuma delas, isoladamente, mas somente na totalidade de suas intenções reciprocamente complementares: <b>a pura língua</b> .
Bei den einzelnen, den unergänzten Sprachen nämlich ist ihr Gemeintes niemals in relativer Selbständigkeit anzutreffen, wie bei den einzelnen Wörtern oder Sätzen, sondern vielmehr in stetem Wandel begriffen, bis es aus der Harmonie all jener Arten des Meinens als die <b>reine Sprache</b> herauszutreten vermag.	Pois, nas línguas tomadas isoladamente, incompletas, aquilo que é visado nunca se encontra de maneira relativamente autônoma, como nas palavras e frases tomadas isoladamente; encontra-se em constante transformação, até que da harmonia de todos aqueles modos de visar ele consiga emergir como <b>pura língua</b> .
Ja diese Aufgabe: in der Übersetzung den Samen <b>reiner Sprache</b> zur Reife zu bringen, scheint niemals lösbar, in keener Lösung bestimmbar.	E mais: essa tarefa, de fazer amadurecer na tradução a semente da <b>pura língua</b> , parece absolutamente insolúvel, incapaz de ser definida por qualquer solução.
Die wahre Übersetzung ist durchscheinend, sie verdeckt nicht das Original, steht ihm nicht im Licht, sondern läßt die <b>reine Sprache</b> , wie verstärkt durch ihr eigenes Medium, nur um so voller aufs Original fallen.	A verdadeira tradução é transparente, não encobre o original, não o tira da luz; ela faz com que a <b>pura língua</b> , como que fortalecida por seu próprio meio, recaia ainda mais inteiramente sobre o original.
Und was im Werden der Sprachen sich darzustellen, ja herzustellen sucht, das ist jener Kern der <b>reinen Sprache</b> selbst.	E o que busca apresentar-se, e mesmo, constituir-se no devir das línguas é aquele núcleo da <b>pura língua</b> .
Ist jene letzte Wesenheit, die da die <b>reine Sprache</b> selbst ist, in den Sprachen nur an Sprachliches und dessen Wandlungen gebunden, so ist sie in den Gebilden behaftet mit dem schweren und fremden Sinn.	E se essa essencialidade última, que é a <b>pura língua</b> mesma, está vinculada nas línguas apenas ao elemento lingüístico e suas transformações, nas composições ela é atravessada pelo sentido pesado e alheio.
Von diesem sie zu entbinden, das Symbolisierende zum Symbolisierten selbst zu machen, die <b>reine Sprache</b> gestaltet in der Sprachbewegung zurückzugewinnen, ist das gewaltige und einzige Vermögen der Übersetzung.	Desvinculá-la desse sentido, transformar o simbolizante no próprio simbolizado, recobrar a <b>pura língua</b> plasmada no movimento da linguagem — esse é o único e colossal poder da tradução.
In dieser <b>reinen Sprache</b> , die nichts mehr meint und nichts mehr ausdrückt, sondern als ausdrucksloses und schöpferisches Wort das in allen Sprachen Gemeinte	No interior dessa <b>pura língua</b> que nada mais visa e que nada mais expressa — mas que enquanto inexpressiva palavra criadora é o visado em todas as

ist, trifft endlich alle Mitteilung, aller Sinn und alle Intention auf eine Schicht, in der sie zu erlöschen bestimmt sind.	línguas —, toda comunicação, todo sentido e toda intenção atingem finalmente um mesmo estrato, no qual estão destinados a extinguir-se.
Nicht aus dem Sinn der Mitteilung, von welchem zu emanzipieren gerade die Aufgabe der Treue ist, hat sie ihren Bestand. Freiheit vielmehr bewährt sich um der <b>reinen Sprache</b> willen an der eigenen.	Essa liberdade não deve sua existência ao sentido da comunicação, do qual justamente a fidelidade tem a tarefa de se emancipar a tradução. Mais do que isso, essa liberdade se exerce, em nome da <b>pura língua</b> , na própria língua.
Jene <b>reine Sprache</b> , die in fremde gebannt ist, in der eigenen zu erlösen, die im Werk gefangene in der Umdichtung zu befreien, ist die Aufgabe des Übersetzers.	A tarefa do tradutor é redimir, na própria, a <b>pura língua</b> , exilada na estrangeira, liberar a língua do cativo da obra por meio da recriação [ <i>Umdichtung</i> ].
Um <u>ihretwillen</u> bricht er morsche Schranken der eigenen Sprache: Luther, Voss, Hölderlin, George haben die Grenzen des Deutschen erweitert.	Em nome da <b>pura língua</b> , o tradutor rompe as barreiras apodrecidas da sua própria língua: Lutero, Voss, Hölderlin, George ampliaram as fronteiras do alemão.

Tabela 7. Variantes tradutivas de reine Sprache na tradução de Susana Kampff Lages (2011).

Além de todas as vezes em que ocorre a tradução do termo presente no texto alemão, há, como na tradução anterior de Kampff Lages, a explicitação do termo (que estava oculto na sintaxe do texto original em alemão) no texto traduzido, como vemos no último par de trechos alinhados. A escolha por antepor o adjetivo em “pura língua” será comentada mais à frente.

Na língua francesa há, assim como no português, duas palavras distintas “*langue*” e “*langage*” como tradução da palavra “*Sprache*” no alemão, ou melhor, como tradução de duas acepções diferentes da palavra “*Sprache*”.

Na tradução de Maurice de Gandillac, uma única vez aparece o termo “*langage pur*” e em todas as outras onze vezes vemos o termo “*pur langage*” e não há comentários sobre as escolhas, como vemos no quadro a seguir:

DIE AUFGABE DES ÜBERSETZERS Walter Benjamin	LA TÂCHE DU TRADUCTEUR Tradução de Maurice de Gandillac - 2000
Vielmehr beruht alle überhistorische Verwandtschaft der Sprachen darin, daß in ihrer jeden als ganzen jeweils eines, und zwar dasselbe gemeint ist, das dennoch keiner einzelnen von ihnen, sondern nur der Allheit ihrer einander ergänzenden Intentionen erreichbar ist: <b>die reine Sprache</b> .	Toute parenté transhistorique entre les langues repose bien plutôt sur le fait qu'en chacune d'elles, prise comme un tout, une seule et même chose est visée qui néanmoins, ne peut être atteinte par aucune d'entre elles isolément, mais seulement par la totalité de leurs intentions complémentaires, autrement dit le <b>pur langage</b> .
Bei den einzelnen, den unergänzten Sprachen nämlich ist ihr Gemeintes niemals in relativer Selbständigkeit anzutreffen, wie bei den einzelnen Wörtern oder Sätzen, sondern vielmehr in stetem Wandel begriffen, bis es aus der Harmonie all jener Arten des Meinens als die <b>reine Sprache</b> herauszutreten vermag.	Dans les langues prises une à une et donc incomplètes, ce qu'elles visent ne peut jamais être atteint de façon relativement autonome, comme dans les mots ou les phrases pris séparément, mais est soumis à une mutation constante, jusqu'à ce qu'il soit en état de ressourtir, comme <b>langage pur</b> , de l'harmonie de tous ces modes de visée.
Ja diese Aufgabe: in der Übersetzung den Samen <b>reiner Sprache</b> zur Reife zu bringen, scheint niemals lösbar, in keener Lösung bestimmbar.	Disons plus: de cette tâche qui consiste à faire mûrir, dans la traduction, la semence du <b>pur langage</b> , il semble impossible de jamais s'acquitter, il semble

	qu'aucune solution ne permette de la définir.
Die wahre Übersetzung ist durchscheinend, sie verdeckt nicht das Original, steht ihm nicht im Licht, sondern läßt die <b>reine Sprache</b> , wie verstärkt durch ihr eigenes Medium, nur um so voller aufs Original fallen.	La vraie traduction est transparente, elle ne cache pas l'original, ne l'éclipse pas, mais laisse, d'autant plus pleinement, tomber sur l'original le <b>pur langage</b> , comme renforcé par son propre médium.
Und was im Werden der Sprachen sich darzustellen, ja herzustellen sucht, das ist jener Kern der <b>reinen Sprache</b> selbst.	Or ce qui cherche à se représenter, voire à se réaliser dans le devenir des langues, c'est ce noyau même du <b>pur langage</b> .
Ist jene letzte Wesenheit, die da die <b>reine Sprache</b> selbst ist, in den Sprachen nur an Sprachliches und dessen Wandlungen gebunden, so ist sie in den Gebilden behaftet mit dem schweren und fremden Sinn.	Si cette ultime essence, qui est bien le <b>pur langage</b> lui-même, dans les langues n'est liée qu'à du langagier et à ses mutations, dans les œuvres elle est affligée du sens lourd et étranger.
Von diesem sie zu entbinden, das Symbolisierende zum Symbolisierten selbst zu machen, die <b>reine Sprache</b> gestaltet in der Sprachbewegung zurückzugewinnen, ist das gewaltige und einzige Vermögen der Übersetzung.	La libérer de ce sens, du symbolisant faire le symbolisé même, réintégrer au mouvement de la langue le <b>pur langage</b> qui a pris forme, tel est le prodigieux et unique pouvoir de la traduction.
In dieser <b>reinen Sprache</b> , die nichts mehr meint und nichts mehr ausdrückt, sondern als ausdrucksloses und schöpferisches Wort das in allen Sprachen Gemeinte ist, trifft endlich alle Mitteilung, aller Sinn und alle Intention auf eine Schicht, in der sie zu erlöschen bestimmt sind.	Dans ce <b>pur langage</b> qui ne vise et n'exprime plus rien, mais, parole inexpressive et créatrice, est ce qui est visé par toutes les langues, finalement toute communication, tout sens et toute intention se heurtent à une strate où leur destin est de s'effacer.
Nicht aus dem Sinn der Mitteilung, von welchem zu emanzipieren gerade die Aufgabe der Treue ist, hat sie ihren Bestand. Freiheit vielmehr bewährt sich um der <b>reinen Sprache</b> willen an der eigenen.	Cette liberté ne doit pas son existence au sens de la communication, auquel précisément la tâche de la fidélité est de faire échapper. Bien au contraire, pour l'amour du <b>pur langage</b> , c'est vis-à-vis de sa propre langue que l'on exerce sa liberté.
Jene <b>reine Sprache</b> , die in fremde gebannt ist, in der eigenen zu erlösen, die im Werk gefangene in der Umdichtung zu befreien, ist die Aufgabe des Übersetzers.	Racheter dans sa propre langue ce <b>pur langage</b> exilé dans la langue étrangère, libérer en le transposant le <b>pur langage</b> captif dans l'oeuvre, telle est la tâche du traducteur.
<u>Um ihretwillen</u> bricht er morsche Schranken der eigenen Sprache: Luther, Voss, Hölderlin, George haben die Grenzen des Deutschen erweitert.	Pour l'amour du <b>pur langage</b> , il brise les barrières vermoulues de sa propre langue : Luther, Voss, Hölderlin et George ont élargi les frontières de l'allemand.

Tabela 8. Variantes tradutivas de reine Sprache na tradução de Maurice de Gandillac (2000).

Assim como Kampff Lages o faz em português, Gandillac também explicita o termo no último trecho apresentado no quadro acima. A não ser no único caso da tradução por “*langage pur*”, nas outras traduções por “*pur langage*” o adjetivo vem anteposto.

Já na tradução de Laurent Lamy et Alexis Nouss vemos o termo “*reine Sprache*” ser traduzido apenas como “*pur langage*” como a seguir:

DIE AUFGABE DES ÜBERSETZERS Walter Benjamin	L'ABANDON DU TRADUCTEUR Tradução de Laurent Lamy et Alexis Nouss - 1997
Vielmehr beruht alle überhistorische Verwandtschaft der Sprachen darin, daß in ihrer jeden als ganzen jeweils eines, und zwar dasselbe gemeint ist, das dennoch keiner einzelnen von ihnen, sondern nur der	Bien au contraire, toute affinité suprahistorique entre les langues tient au fait qu'en chacune, prise à chaque fois comme un tout, quelque chose en son même est visé, lequel toutefois n'est accessible à aucune d'entre

Allheit ihrer einander ergänzenden Intentionen erreichbar ist: <b>die reine Sprache</b> .	elles prise isolément mais uniquement à l'ensemble de leurs intentions mutuellement complémentaires : le <b>pur langage</b> .
Bei den einzelnen, den unergänzten Sprachen nämlich ist ihr Gemeintes niemals in relativer Selbständigkeit anzutreffen, wie bei den einzelnen Wörtern oder Sätzen, sondern vielmehr in stetem Wandel begriffen, bis es aus der Harmonie all jener Arten des Meinens als die <b>reine Sprache</b> herauszutreten vermag.	Dans les langues prises isolément, donc incomplètes, en effet, ce qu'elles visent ne peut jamais être atteint à travers une relative autonomie, comme dans les mots ou les phrases pris isolément, mais bien plutôt au cours d'une constante mutation, jusqu'à ce que de l'harmonie de tous ces modes de viser il puisse émerger comme <b>pur langage</b> .
Ja diese Aufgabe: in der Übersetzung den Samen <b>reiner Sprache</b> zur Reife zu bringen, scheint niemals lösbar, in keener Lösung bestimmbar.	Plus encore, cette tâche : dans la traduction, faire mûrir la semence du <b>pur langage</b> , il semble impossible de jamais l'accomplir, de la circonscrire par aucun accomplissement.
Die wahre Übersetzung ist durchscheinend, sie verdeckt nicht das Original, steht ihm nicht im Licht, sondern läßt die <b>reine Sprache</b> , wie verstärkt durch ihr eigenes Medium, nur um so voller aufs Original fallen.	La vraie traduction est transparente, elle ne cache pas l'original, ne bloque pas sa lumière, mais c'est le <b>pur langage</b> , comme renforcé par son propre medium, qu'elle fait tomber d'autant plus pleinement sur l'original.
Und was im Werden der Sprachen sich darzustellen, ja herzustellen sucht, das ist jener Kern der <b>reinen Sprache</b> selbst.	Et ce qui cherche à se présenter dans le devenir des langues, à s'y produire même, c'est ce noyau-là de <b>pur langage</b> .
Ist jene letzte Wesenheit, die da die <b>reine Sprache</b> selbst ist, in den Sprachen nur an Sprachliches und dessen Wandlungen gebunden, so ist sie in den Gebilden behaftet mit dem schweren und fremden Sinn.	Si cette ultime essence, qui est là le <b>pur langage</b> , n'est liée dans les langues qu'à la dimension langagière et à ses mutations, dans les constructions langagières elle est grevée par ce qui, dans le sens, est lourd et étranger.
Von diesem sie zu entbinden, das Symbolisierende zum Symbolisierten selbst zu machen, die <b>reine Sprache</b> gestaltet in der Sprachbewegung zurückzugewinnen, ist das gewaltige und einzige Vermögen der Übersetzung.	S'en délier, du symbolisant faire le symbolisé même, regagner le <b>pur langage</b> configuré dans le mouvement de la langue, telle est la faculté, puissante et unique, de la traduction.
In dieser <b>reinen Sprache</b> , die nichts mehr meint und nichts mehr ausdrückt, sondern als ausdrucksloses und schöpferisches Wort das in allen Sprachen Gemeinte ist, trifft endlich alle Mitteilung, aller Sinn und alle Intention auf eine Schicht, in der sie zu erlöschen bestimmt sind.	Dans ce <b>pur langage</b> qui ne vise plus rien et n'exprime plus rien, mais qui, en tant que parole inexpressive et créatrice, recèle ce qui dans toutes les langues est visé, toute communication, tout sens et toute intention atteignent finalement une strate où ils sont destinés à s'éteindre.
Nicht aus dem Sinn der Mitteilung, von welchem zu emanzipieren gerade die Aufgabe der Treue ist, hat sie ihren Bestand. Freiheit vielmehr bewährt sich um der <b>reinen Sprache</b> willen an der eigenen.	Elle ne tient pas son statut du sens de la communication, dont la fidélité ajustement pour tâche de l'émanciper. La liberté assumée dans sa propre langue s'atteste bien plutôt en faveur du <b>pur langage</b> .
Jene <b>reine Sprache</b> , die in fremde gebannt ist, in der eigenen zu erlösen, die im Werk gefangene in der Umdichtung zu befreien, ist die Aufgabe des Übersetzers.	Rédimer dans sa propre langue ce <b>pur langage</b> , exilé dans la langue étrangère, le libérer grâce à la réécriture de sa captivité dans l'oeuvre, telle est la tâche du traducteur.

Tabela 9. Variantes tradutivas de reine Sprache na tradução de Laurent Lamy et Alexis Nouss (1997).

Temos na tradução de Lamy e Nouss, então, apenas a tradução do termo alemão por “*pur langage*”, que aparece dez vezes no texto. Na nota 30 de fim, Lamy e Nouss comentam a escolha de tradução que fizeram:

*Pur langage* [Pura linguagem]. Aproveitamos da riqueza lexical do francês para traduzir *reine Sprache* por “*pur langage*” [“pura linguagem”] a fim de conceder a esse conceito a extensão globalizante e transcendente que ele incarna e de distingui-

lo das manifestações particulares e individuais, *les langues* [as línguas], cujo encontro e a soma permitem precisamente sua apreensão e sua realização final (LAMY et NOUSS, p. 44)<sup>54</sup>

Se Maurice de Gandillac não comenta nenhuma escolha de tradução nas notas, Lamy e Nouss o fazem abundantemente. Na citação acima comentam a escolha da tradução de *reine Sprache* por *pur langage* (pura linguagem) em francês. Nenhum dos dois textos traduzidos em francês traduziu “*reine Sprache*” fazendo uso da – possível – tradução de *Sprache* por “*langue*” (língua em francês).

Vimos que, em alguns casos, ao traduzir o termo e introduzir o conceito nas línguas das traduções, os tradutores optaram por formar o termo posicionando o adjetivo antes do substantivo como em “pura língua” e “*pur langage*”, mas em outros casos o adjetivo vem depois do substantivo como em “língua pura”. A posição do adjetivo faz com que o termo tome sentidos diferentes num e noutro caso. Em português, a posição do adjetivo é pormenorizada no seguinte trecho:

Em geral, o adjetivo anteposto (também chamado epíteto) traduz, por parte da perspectiva do falante, valor explicativo ou descritivo: a triste vida. Aqui o adjetivo não designa nenhum tipo de vida que se oponha a outro que não seja triste; apenas se descreve como a vida é, e, como diz Alarcos Llorach, quase vale por “a vida com sua tristeza” [AL.1, 82]. Agora, se disséssemos, a vida triste, nos estaríamos restringindo a uma realidade que se opõe a outras, como vida alegre, vida boêmia, etc. Neste caso, o adjetivo se diz restritivo.” (BECHARA, 2009, p. 566)

A partir desta explicação, podemos pensar a respeito das escolhas na tradução do termo composto *reine Sprache*. Se, em português, o adjetivo anteposto dá valor descritivo, aqueles que traduziram o termo alemão por “pura língua” ou “pura linguagem” acabaram por descrever a língua ou linguagem, como se falassem numa “língua mesma, a pura língua”, enquanto aqueles que optaram por “língua pura”, podem gerar uma interpretação do termo como “a língua que é pura, não impura, não maculada”.

Na língua francesa há a possibilidade de o adjetivo estar posicionado antes ou depois do substantivo e cada posição vai conferir um valor semântico diferente, como detalha Patrick Charaudeau em sua *Grammaire du sens et de l’expression*:

“a **anteposição** do adjetivo tende a fazer com que o adjetivo e o nome formem um todo e então *uma só entidade de sentido*; esta vem acompanhada de uma

<sup>54</sup> Trecho original: **Pur langage**. Nous avons profité de la richesse lexicale du français pour traduire *reine Sprache* par « pur langage » afin d'accorder à ce concept l'extension globalisante et transcendante qu'il incarne et de le distinguer des manifestations particulières et individuelles, les langues, dont la rencontre et la somme permettent précisément son appréhension et sa réalisation finale. (...) » (LAMY et NOUSS, p. 44)

modificação mais ou menos importante do sentido do adjetivo. Às vezes, a substância semântica do adjetivo se torna mais abstrata e toma (ou mantém) um valor de intensidade” (CHARAUDEAU, 1992, p. 351)<sup>55</sup>

Esse é o caso de “*pur langage*”. Quando os tradutores optaram por criar a neologia tradutiva – e terminológica – fazendo a anteposição do adjetivo, geraram uma unidade de sentido, fazendo com que o adjetivo “*pur*” não ficasse com o sentido objetivo de “pureza”, como ficaria se estivesse após o substantivo, como confirma a citação: “a posposição do adjetivo tende a fazer com que o nome e o adjetivo formem duas entidades de sentido distintas, o que explica que o adjetivo mantenha seu sentido qualitativo original” (CHARAUDEAU, 1992, p. 351)<sup>56</sup>.

A análise das traduções de *reine Sprache* deixa ainda mais evidente o poder de direcionamento de interpretações teóricas que certas traduções têm. Os leitores de traduções que apresentam o termo como “língua pura” ou “pura língua” poderão ter interpretações diferentes do conceito de Benjamin. Ao longo do nosso trabalho decidimos traduzir o conceito benjaminiano como “pura língua(gem)” deixando transparecer a polissemia e o aspecto descritivo da anteposição do adjetivo em português.

### 11.3. *Wandel/wandeln/Wandlung(en)*

No caso deste conceito, temos a particular situação em que a denominação do conceito varia tanto na língua do texto original quanto nas traduções. O comumente chamado de conceito da “transformação” defendido por Benjamin aparece com denominações diferentes em seu texto (na ordem em que aparecem): *Wandlung*, *Wandlungen*, *wandeln*, *wandelt* e *Wandel*, no entanto, essas diferentes formas têm o radical “*wandel*” em comum.

*Wandlung*, de acordo com o dicionário alemão *Langenscheidt* (2003), tem a acepção de “alteração, mudança, transformação (uma *Wandlung* para o bem, para o mal)” e uma segunda acepção com a rubrica “cunho religioso” e a frase “segundo a fé católica a *Verwandlung* de uma coisa em outra” e o exemplo “A *Wandlung* do pão e do vinho durante a última ceia em corpo e sangue de Jesus Cristo”. *Wandlungen* é a forma plural da palavra, a partícula “-en” ao final da palavra é indicativo de plural.

<sup>55</sup> Trecho original : “l’**antéposition** de l’adjectif tend à faire que l’adjectif et le nom forment un tout et donc *une seule entité de sens* ; cela s’accompagne d’une modification plus ou moins importante du sens de l’adjectif. Parfois, la substance sémantique de l’adjectif devient plus abstraite et prend (ou garde) une valeur d’intensité”.

<sup>56</sup> Trecho original : “la postposition de l’adjectif tend à faire que le nom et l’adjectif forment deux entités de sens distincts, ce qui explique que l’adjectif garde son sens qualitatif d’origine”.

*Wandel* apresenta uma única acepção no dicionário “A mudança de um estado para outro” e os exemplos “uma *Wandel* social, brusca, repentina, profunda” ou ainda “sofrer uma *Wandel*” e mais “Uma *Wandel* dos tempos → no decorrer da história com suas várias transformações”. Vemos assim que são palavras quase sinônimas que têm suas acepções quase que sobrepostas pela proximidade de significado.

A palavra *wandeln* é um verbo alemão que traz como sinônimo, em sua definição no referido dicionário, verbos no campo semântico de “mudar”, “alterar”, e traz também a informação sobre o uso da forma reflexiva. Enquanto *wandeln* está na terceira pessoa do plural do indicativo presente, temos também a palavra *wandelt* que é o verbo flexionado, conjugado na terceira pessoa do singular também do indicativo presente.

Nas traduções vemos quadros distintos. O quadro a seguir mostra os trechos em que os termos originais em alemão aparecem no texto de Benjamin. Em seguida podemos ver as traduções em português, em ordem cronológica, e, em seguida, as traduções francesas.

DIE AUFGABE DES ÜBERSETZERS Walter Benjamin	A TAREFA DO TRADUTOR Tradução de Fernando Camacho – 1979
Denn in seinem Fortleben, das so nicht heißen dürfte, wenn es nicht <b>Wandlung</b> und Erneuerung des Lebendigen wäre, ändert sich das Original.	Isto porque o original se <b>modifica</b> necessariamente na sua “sobrevivência”, nome que seria impróprio se não indicasse a <b>metamorfose</b> e renovação de algo com vida.
Das Wesentliche solcher <b>Wandlungen</b> wie auch der ebenso ständigen des Sinnes in der Subjektivität der Nachgeborenen statt im eigensten Leben der Sprache und ihrer Werke zu suchen, hieße — zugestanden selbst den krudesten Psychologismus — Grund und Wesen einer Sache verwechseln, strenger gesagt aber, einen der gewaltigsten und fruchtbarsten historischen Prozesse aus Unkraft des Denkens leugnen.	Procurar na subjetividade recém-nascida e não na própria vida da língua e das suas obras a essência tanto dessas <b>metamorfoses</b> como da constância dos significados seria, como confessaria até o psicologismo mais crasso, confundir a ‘base de uma coisa’ com a sua essência; ou, agora em palavras mais rigorosas, isso significaria nada menos que negar, por incapacidade de raciocínio, um dos mais poderosos e férteis processos históricos.
Denn wie Ton und Bedeutung der großen Dichtungen mit den Jahrhunderten sich völlig <b>wandeln</b> , so <b>wandelt</b> sich auch die Muttersprache des Übersetzers.	Assim é porque do mesmo modo que o significado e a camada sonora de uma poesia se <b>modifica</b> completamente com o decurso dos séculos também se <b>modifica</b> a própria língua materna do tradutor.
Bei den einzelnen, den unergänzten Sprachen nämlich ist ihr Gemeintes niemals in relativer Selbständigkeit anzutreffen, wie bei den einzelnen Wörtern oder Sätzen, sondern vielmehr in stetem <b>Wandel</b> begriffen, bis es aus der Harmonie all jener Arten des Meinens als die reine Sprache herauszutreten vermag.	Os significados encontram-se pelo contrário em constante <b>metamorfose</b> , até que, da harmonia de todos esses “modos de querer ver”, eles conseguem irromper como Língua perfeita e pura, permanecendo até aí latente nas outras línguas.
Ist jene letzte Wesenheit, die da die reine Sprache selbst ist, in den Sprachen nur an Sprachliches und dessen <b>Wandlungen</b> gebunden, so ist sie in den Gebilden behaftet mit dem schweren und fremden Sinn.	Se a essência final, que é constituída pela própria Língua pura, existir nas línguas ligadas apenas àquilo que há nela de lingüístico (e às respectivas <b>metamorfoses</b> lingüísticas), então essa essência será prejudicada por um significado estranho e difícil.

Tabela 10. Variantes tradutivas de Wandel/wandeln/Wandlung(en) na tradução de Fernando Camacho (1979).

DIE AUFGABE DES ÜBERSETZERS Walter Benjamin	A TAREFA DO TRADUTOR Tradução de Karlheinz Barck e outros - 1994
Denn in seinem Fortleben, das so nicht heißen dürfte, wenn es nicht <b>Wandlung</b> und Erneuerung des Lebendigen wäre, ändert sich das Original.	Pois em sua pervivência que não mereceria tal nome se não fosse <b>metamorfose</b> e renovação do que vive, o original se <b>modifica</b> .
Das Wesentliche solcher <b>Wandlungen</b> wie auch der ebenso ständigen des Sinnes in der Subjektivität der Nachgeborenen statt im eigensten Leben der Sprache und ihrer Werke zu suchen, hieße — zugestanden selbst den krudesten Psychologismus — Grund und Wesen einer Sache verwechseln, strenger gesagt aber, einen der gewaltigsten und fruchtbarsten historischen Prozesse aus Unkraft des Denkens leugnen.	Buscar a essência dessas <b>mudanças</b> , assim como daquelas, não menos constantes, do sentido, na subjetividade dos pósteros, em vez de fazê-lo na vida mais íntima da língua e de suas obras — mesmo assumindo o mais cru psicologismo — seria confundir o fundamento de uma coisa com sua essência, ou mais exatamente, seria negar por impotência do pensamento um dos processos históricos mais poderosos e fecundos.
Denn wie Ton und Bedeutung der großen Dichtungen mit den Jahrhunderten sich völlig <b>wandeln</b> , so <b>wandelt</b> sich auch die Muttersprache des Übersetzers.	Pois como a tonalidade e o significado das grandes obras literárias <b>mudam</b> por completo com os séculos, assim também <b>muda</b> a língua materna do tradutor.
Bei den einzelnen, den unergänzten Sprachen nämlich ist ihr Gemeintes niemals in relativer Selbständigkeit anzutreffen, wie bei den einzelnen Wörtern oder Sätzen, sondern vielmehr in stetem <b>Wandel</b> begriffen, bis es aus der Harmonie all jener Arten des Meinens als die reine Sprache herauszutreten vermag.	Nas línguas particulares, incompletas portanto, o que significam nunca se encontra em relativa independência, como nas palavras ou frases consideradas isoladamente, senão que em constante <b>mudança</b> , na expectativa de emergir como a língua pura da harmonia de todos estes modos de significar.
Ist jene letzte Wesenheit, die da die reine Sprache selbst ist, in den Sprachen nur an Sprachliches und dessen <b>Wandlungen</b> gebunden, so ist sie in den Gebilden behaftet mit dem schweren und fremden Sinn.	Se esta essência última, que é a própria língua pura, está vinculada nas línguas apenas ao material verbal e às suas <b>transformações</b> , nas obras é ela afetada por um sentido denso e estranho.

Tabela 11. Variantes tradutivas de Wandel/wandeln/Wandlung(en) na tradução de Karlheinz Barck e outros (1994).

DIE AUFGABE DES ÜBERSETZERS Walter Benjamin	A TAREFA-RENÚNCIA DO TRADUTOR Tradução de Susana Kampff Lages - 2001
Denn in seinem Fortleben, das so nicht heißen dürfte, wenn es nicht <b>Wandlung</b> und Erneuerung des Lebendigen wäre, ändert sich das Original.	Pois na continuação de sua vida (que não mereceria tal nome, se não se constituísse em <b>transformação</b> e renovação de tudo aquilo que vive), o original se <b>modifica</b> .
Das Wesentliche solcher <b>Wandlungen</b> wie auch der ebenso ständigen des Sinnes in der Subjektivität der Nachgeborenen statt im eigensten Leben der Sprache und ihrer Werke zu suchen, hieße — zugestanden selbst den krudesten Psychologismus — Grund und Wesen einer Sache verwechseln, strenger gesagt aber, einen der gewaltigsten und fruchtbarsten historischen Prozesse aus Unkraft des Denkens leugnen.	Procurar o essencial de tais <b>mudanças</b> (bem como das igualmente constantes <b>modificações</b> do sentido) na subjetividade dos pósteros, em vez de buscá-lo na vida mais íntima da linguagem e de suas obras seria, mesmo se admitirmos o mais tosco psicologismo, confundir causa e essência de um objeto; expresso de modo mais rigoroso: seria negar um dos processos históricos mais poderosos e produtivos por impotência do pensamento.
Denn wie Ton und Bedeutung der großen Dichtungen mit den Jahrhunderten sich völlig <b>wandeln</b> , so <b>wandelt</b> sich auch die Muttersprache des Übersetzers.	Pois da mesma forma com que tom e significado das grandes obras poéticas se <b>transformam</b> completamente ao longo dos séculos, também a língua materna do tradutor se <b>transforma</b> .
Bei den einzelnen, den unergänzten Sprachen nämlich ist ihr Gemeintes niemals in relativer Selbständigkeit anzutreffen, wie bei den einzelnen Wörtern oder Sätzen, sondern vielmehr in stetem <b>Wandel</b> begriffen,	Pois nas línguas tomadas isoladamente, incompletas, aquilo que nelas é designado nunca se encontra de maneira relativamente autônoma, como nas palavras e frases isoladas; encontra-se em constante

bis es aus der Harmonie all jener Arten des Meinens als die reine Sprache herauszutreten vermag.	<b>transformação</b> , até que da harmonia de todos aqueles modos de designar ele consiga emergir como pura língua.
Ist jene letzte Wesenheit, die da die reine Sprache selbst ist, in den Sprachen nur an Sprachliches und dessen <b>Wandlungen</b> gebunden, so ist sie in den Gebilden behaftet mit dem schweren und fremden Sinn.	E se, por um lado, essa última essencialidade que constitui a pura língua mesma está vinculada apenas ao material lingüístico e suas <b>transformações</b> , por outro, ela também vem carregada em suas construções com o sentido grave e estranho.

Tabela 12. Variantes tradutivas de Wandel/wandeln/Wandlung(en) na tradução de Susana Kampff Lages (2001).

DIE AUFGABE DES ÜBERSETZERS Walter Benjamin	A TAREFA DO TRADUTOR Tradução de João Barrento - 2008
Denn in seinem Fortleben, das so nicht heißen dürfte, wenn es nicht <b>Wandlung</b> und Erneuerung des Lebendigen wäre, ändert sich das Original.	Pois o original <b>transforma-se</b> ao longo da sua sobrevida, que não poderia ter este nome se não fosse uma <b>transmutação</b> e renovação do vivo.
Das Wesentliche solcher <b>Wandlungen</b> wie auch der ebenso ständigen des Sinnes in der Subjektivität der Nachgeborenen statt im eigensten Leben der Sprache und ihrer Werke zu suchen, hieße — zugestanden selbst den krudesten Psychologismus — Grund und Wesen einer Sache verwechseln, strenger gesagt aber, einen der gewaltigsten und fruchtbarsten historischen Prozesse aus Unkraft des Denkens leugnen.	Procurar o essencial de tais <b>transformações</b> , tal como das <b>mudanças</b> , também constantes, do sentido, na subjectividade dos que vêm depois e não na vida mais própria da língua e das suas obras, corresponderia — mesmo aceitando o mais cru psicologismo — a confundir os fundamentos e a essência da coisa; para ser mais rigoroso, equivaleria a negar, por debilidade do pensar, um dos mais poderosos e fecundos processos históricos.
Denn wie Ton und Bedeutung der großen Dichtungen mit den Jahrhunderten sich völlig <b>wandeln</b> , so <b>wandelt</b> sich auch die Muttersprache des Übersetzers.	Se o tom e a significação dos grandes textos se <b>alteram</b> totalmente no decorrer dos séculos, também a língua materna do tradutor <b>muda</b> .
Bei den einzelnen, den unergänzten Sprachen nämlich ist ihr Gemeintes niemals in relativer Selbständigkeit anzutreffen, wie bei den einzelnen Wörtern oder Sätzen, sondern vielmehr in stetem <b>Wandel</b> begriffen, bis es aus der Harmonie all jener Arten des Meinens als die reine Sprache herauszutreten vermag.	Nas línguas isoladas, sem complemento, o que nelas se quer dizer nunca se encontra numa autonomia relativa, como acontece com as palavras ou frases isoladas, mas sempre em permanente <b>mudança</b> , até conseguir emergir, sob a forma da língua pura, da harmonia de todos os modos do querer dizer.
Ist jene letzte Wesenheit, die da die reine Sprache selbst ist, in den Sprachen nur an Sprachliches und dessen <b>Wandlungen</b> gebunden, so ist sie in den Gebilden behaftet mit dem schweren und fremden Sinn.	Se aquela essência última, que é a própria língua pura, se liga, nas línguas, apenas ao material de linguagem e às suas <b>transmutações</b> , já nas criações da linguagem ela está presa a um sentido, pesado e estranho.

Tabela 13. Variantes tradutivas de Wandel/wandeln/Wandlung(en) na tradução de João Barrento (2008).

DIE AUFGABE DES ÜBERSETZERS Walter Benjamin	A TAREFA DO TRADUTOR Tradução de Susana Kampff Lages - 2010
Denn in seinem Fortleben, das so nicht heißen dürfte, wenn es nicht <b>Wandlung</b> und Erneuerung des Lebendigen wäre, ändert sich das Original.	Pois na sua pervivência [ <i>Fortleben</i> ] (que não mereceria tal nome, se não fosse <b>transformação</b> e renovação de tudo aquilo que vive), o original se <b>modifica</b> .
Das Wesentliche solcher <b>Wandlungen</b> wie auch der ebenso ständigen des Sinnes in der Subjektivität der Nachgeborenen statt im eigensten Leben der Sprache und ihrer Werke zu suchen, hieße — zugestanden selbst den krudesten Psychologismus — Grund und Wesen einer Sache verwechseln, strenger gesagt aber, einen der gewaltigsten und fruchtbarsten historischen Prozesse aus Unkraft des Denkens leugnen.	Procurar o essencial de tais <b>mudanças</b> (bem como das igualmente constantes <b>modificações</b> do sentido) na subjectividade dos pósteros, em vez de buscá-lo na vida mais íntima da linguagem e de suas obras, seria, mesmo se admitirmos o mais tosco psicologismo, confundir fundamento e essência de um objeto; expresso de modo mais rigoroso: seria negar um dos processos históricos mais poderosos e produtivos por

	impotência do pensamento.
Denn wie Ton und Bedeutung der großen Dichtungen mit den Jahrhunderten sich völlig <b>wandeln</b> , so <b>wandelt</b> sich auch die Muttersprache des Übersetzers.	Assim como tom e significação das grandes obras poéticas se <b>transformam</b> completamente ao longo dos séculos, assim também a língua materna do tradutor se <b>transforma</b> .
Bei den einzelnen, den unergänzten Sprachen nämlich ist ihr Gemeintes niemals in relativer Selbständigkeit anzutreffen, wie bei den einzelnen Wörtern oder Sätzen, sondern vielmehr in stetem <b>Wandel</b> begriffen, bis es aus der Harmonie all jener Arten des Meinens als die reine Sprache herauszutreten vermag.	Pois, nas línguas tomadas isoladamente, incompletas, aquilo que é visado nunca se encontra de maneira relativamente autônoma, como nas palavras e frases tomadas isoladamente; encontra-se em constante <b>transformação</b> , até que da harmonia de todos aqueles modos de visar ele consiga emergir como pura linguagem.
Ist jene letzte Wesenheit, die da die reine Sprache selbst ist, in den Sprachen nur an Sprachliches und dessen <b>Wandlungen</b> gebunden, so ist sie in den Gebilden behaftet mit dem schweren und fremden Sinn.	E se essa essencialidade última, que é a pura língua mesma, está vinculada nas línguas apenas ao elemento lingüístico e suas <b>transformações</b> , nas composições ela se apresenta carregada com o sentido pesado e alheio.

Tabela 14. Variantes tradutivas de Wandel/wandeln/Wandlung(en) na tradução de Susana Kampff Lages (2010).

DIE AUFGABE DES ÜBERSETZERS Walter Benjamin	A TAREFA DO TRADUTOR Tradução de Susana Kampff Lages - 2011
Denn in seinem Fortleben, das so nicht heißen dürfte, wenn es nicht <b>Wandlung</b> und Erneuerung des Lebendigen wäre, ändert sich das Original.	Pois na sua “pervivência” (que não mereceria tal nome, se não fosse <b>transformação</b> e renovação de tudo aquilo que vive), o original se <b>modifica</b> .
Das Wesentliche solcher <b>Wandlungen</b> wie auch der ebenso ständigen des Sinnes in der Subjektivität der Nachgeborenen statt im eigensten Leben der Sprache und ihrer Werke zu suchen, hieße — zugestanden selbst den krudesten Psychologismus — Grund und Wesen einer Sache verwechseln, strenger gesagt aber, einen der gewaltigsten und fruchtbarsten historischen Prozesse aus Unkraft des Denkens leugnen.	Procurar o essencial de tais <b>mudanças</b> (bem como das igualmente constantes <b>modificações</b> do sentido) na subjetividade dos pósteros, em vez de busca-lo na vida mais íntima da linguagem e de suas obras, seria mesmo se admitirmos o mais tosco psicologismo, confundir causa e essência de um objeto; expresso de modo mais rigoroso: seria negar um dos processos históricos mais poderosos e produtivos por impotência do pensamento.
Denn wie Ton und Bedeutung der großen Dichtungen mit den Jahrhunderten sich völlig <b>wandeln</b> , so <b>wandelt</b> sich auch die Muttersprache des Übersetzers.	Assim como tom e significação das grandes obras poéticas se <b>transformam</b> completamente ao longo dos séculos, assim também a língua materna do tradutor se <b>transforma</b> .
Bei den einzelnen, den unergänzten Sprachen nämlich ist ihr Gemeintes niemals in relativer Selbständigkeit anzutreffen, wie bei den einzelnen Wörtern oder Sätzen, sondern vielmehr in stetem <b>Wandel</b> begriffen, bis es aus der Harmonie all jener Arten des Meinens als die reine Sprache herauszutreten vermag.	Pois, nas línguas tomadas isoladamente, incompletas, aquilo que é visado nunca se encontra de maneira relativamente autônoma, como nas palavras e frases tomadas isoladamente; encontra-se em constante <b>transformação</b> , até que da harmonia de todos aqueles modos de visar ele consiga emergir como pura língua.
Ist jene letzte Wesenheit, die da die reine Sprache selbst ist, in den Sprachen nur an Sprachliches und dessen <b>Wandlungen</b> gebunden, so ist sie in den Gebilden behaftet mit dem schweren und fremden Sinn.	E se essa essencialidade última, que é a pura língua mesma, está vinculada nas línguas apenas ao lingüístico e suas <b>transformações</b> , nas composições ela é atravessada pelo sentido pesado e alheio.

Tabela 15. Variantes tradutivas de Wandel/wandeln/Wandlung(en) na tradução de Susana Kampff Lages (2011).

O verbo “transformar” que dá origem ao substantivo “transformação”, tem o sentido, como definido no dicionário Houaiss (2009), de “fazer tomar ou tomar nova feição ou caráter; alterar(-se), modificar(-se)” ou ainda “fazer passar ou passar de um estado ou condição a

outro; converter(-se), transfigurar(-se)” e, no dicionário Aurélio, dá como sinônimos “mudar, alterar, modificar, transfigurar, metamorfosear”. Já a palavra “mudança”, de acordo com o Houaiss: “modificação do estado de algo” e mudar “fazer ou sofrer modificação; modificar(-se), alterar(-se)”. Já “metamorfose” é definida no Houaiss como “mudança completa de forma, natureza ou estrutura; transformação, transmutação” e os sinônimos de “metamorfose” segundo o dicionário Aurélio são “mudança, transformação”. Transmudar (similar a “transmutar” que dá origem à palavra “transmutação”: “tornar(-se) diferente; fazer passar ou passar de um estado ou condição a outro; alterar(-se), transformar(-se). Modificar, segundo o Aurélio, é “Transformar a forma de; imprimir novo modo de ser a” e ainda “Alterar, mudar, transformar” e, segundo o Houaiss, é “fazer ou sofrer alteração (em)” e “operar ou sofrer mudança na maneira de ser (de)”.

Como vemos, as palavras citadas são sinônimas, muitas vezes a definição de uma remete à outra, ou a definição é construída exatamente com os próprios sinônimos, mas fica o questionamento da motivação para a escolha de palavras que, apesar de sinônimas, são diferentes, ao contrário do que ocorre no texto original em que todas as palavras têm o mesmo radical. Uma motivação possível pode ser a tentativa de evitar a repetição de palavras, pelo cuidado com uma “boa escrita”, uma “boa redação”. Mas isso tem consequências, porque se é traduzido de maneira diferente a cada vez que ocorre, não será facilmente identificado como um conceito uno podendo passar por um processo de desterminologização na tradução.

Em francês, os termos foram traduzidos por Gandillac como “*mutation*”, “*mutations*” e “*mutation*” novamente enquanto Lamy e Nouss optaram por “*mutation*”, “*transformation*”, “*mutations*” e “*mutation*” mais uma vez. Como vemos na tabela:

DIE AUFGABE DES ÜBERSETZERS Walter Benjamin	LA TÂCHE DU TRADUCTEUR Tradução de Maurice de Gandillac - 2000
Denn in seinem Fortleben, das so nicht heißen dürfte, wenn es nicht <b>Wandlung</b> und Erneuerung des Lebendigen wäre, ändert sich das Original.	Car dans sa survie, qui ne mériterait pas ce nom si elle n’était <b>mutation</b> et renouveau du vivant, l’original se <b>modifie</b> .
Das Wesentliche solcher <b>Wandlungen</b> wie auch der ebenso ständigen des Sinnes in der Subjektivität der Nachgeborenen statt im eigensten Leben der Sprache und ihrer Werke zu suchen, hieße — zugestanden selbst den krudesten Psychologismus — Grund und Wesen einer Sache verwechseln, strenger gesagt aber, einen der gewaltigsten und fruchtbarsten historischen Prozesse aus Unkraft des Denkens leugnen.	Chercher l’essentiel de telles <b>mutations</b> , comme aussi du changement constant du sens, dans la subjectivité des générations suivantes et non dans la vie la plus propre du langage et de ses œuvres, ce serait — en concédant même le psychologisme le plus cru — confondre la cause et l’essence d’une chose, mais, à parler plus rigoureusement, ce serait, par impuissance d’epensée, nier l’un des processus historiques les plus puissants et les plus féconds.
Denn wie Ton und Bedeutung der großen Dichtungen mit den Jahrhunderten sich völlig <b>wandeln</b> , so <b>wandelt</b> sich auch die Muttersprache des Übersetzers.	Car, de même que la tonalité et la signification des grandes œuvres littéraires se <b>modifient</b> totalement avec les siècles, la langue maternelle du traducteur se

	<b>modifie</b> elle aussi.
Bei den einzelnen, den unergänzten Sprachen nämlich ist ihr Gemeintes niemals in relativer Selbständigkeit anzutreffen, wie bei den einzelnen Wörtern oder Sätzen, sondern vielmehr in stetem <b>Wandel</b> begriffen, bis es aus der Harmonie all jener Arten des Meinens als die reine Sprache herauszutreten vermag.	Dans les langues prises une à une et donc incomplètes, ce qu'elles visent ne peut jamais être atteint de façon relativement autonome, comme dans les mots ou les phrases pris séparément, mais est soumis à une <b>mutation</b> constante, jusqu'à ce qu'il soit en état de ressortir, comme langage pur, de l'harmonie de tous ces modes de visée.
Ist jene letzte Wesenheit, die da die reine Sprache selbst ist, in den Sprachen nur an Sprachliches und dessen <b>Wandlungen</b> gebunden, so ist sie in den Gebilden behaftet mit dem schweren und fremden Sinn.	Si cette ultime essence, qui est bien le pur langage lui-même, dans les langues n'est liée qu'à du langagier et à ses <b>mutations</b> , dans les œuvres elle est affligée du sens lourd et étranger.

Tabela 16. Variantes tradutivas de Wandel/wandeln/Wandlung(en) na tradução de Maurice de Gandillac (2010).

DIE AUFGABE DES ÜBERSETZERS Walter Benjamin	L'ABANDON DU TRADUCTEUR Tradução de Laurent Lamy et Alexis Nouriss - 1997
Denn in seinem Fortleben, das so nicht heißen dürfte, wenn es nicht <b>Wandlung</b> und Erneuerung des Lebendigen wäre, ändert sich das Original.	Car, dans sa survivance, qui ne mériterait pas ce nom si elle n'était <b>mutation</b> et régénération du vivant, l'original encourt une <b>transformation</b> .
Das Wesentliche solcher <b>Wandlungen</b> wie auch der ebenso ständigen des Sinnes in der Subjektivität der Nachgeborenen statt im eigensten Leben der Sprache und ihrer Werke zu suchen, hieße — zugestanden selbst den krudesten Psychologismus — Grund und Wesen einer Sache verwechseln, strenger gesagt aber, einen der gewaltigsten und fruchtbarsten historischen Prozesse aus Unkraft des Denkens leugnen.	Aller quérir l'essentiel de ces <b>mutations</b> aussi bien que la constance affichée par le sens dans la subjectivité des générations à venir, et non dans la vie la plus propre de la langue et de ses œuvres, reviendrait — même en agréant le psychologisme le plus rudimentaire — à confondre le fondement d'une chose et son essence, si ce n'est, pour parler plus fermement, à nier par indigence de la pensée l'un des processus historiques les plus puissants et les plus féconds.
Denn wie Ton und Bedeutung der großen Dichtungen mit den Jahrhunderten sich völlig <b>wandeln</b> , so <b>wandelt</b> sich auch die Muttersprache des Übersetzers.	En effet, de même que le ton et la signification des grandes œuvres poétiques se <b>transforment</b> complètement au fil des siècles, la langue maternelle du traducteur se <b>transforme</b> aussi de la même manière.
Bei den einzelnen, den unergänzten Sprachen nämlich ist ihr Gemeintes niemals in relativer Selbständigkeit anzutreffen, wie bei den einzelnen Wörtern oder Sätzen, sondern vielmehr in stetem <b>Wandel</b> begriffen, bis es aus der Harmonie all jener Arten des Meinens als die reine Sprache herauszutreten vermag.	Dans les langues prises isolément, donc incomplètes, en effet, ce qu'elles visent ne peut jamais être atteint à travers une relative autonomie, comme dans les mots ou les phrases pris isolément, mais bien plutôt au cours d'une constante <b>mutation</b> , jusqu'à ce que de l'harmonie de tous ces modes de viser il puisse émerger comme pur langage.
Ist jene letzte Wesenheit, die da die reine Sprache selbst ist, in den Sprachen nur an Sprachliches und dessen <b>Wandlungen</b> gebunden, so ist sie in den Gebilden behaftet mit dem schweren und fremden Sinn.	Si cette ultime essence, qui est là le pur langage, n'est liée dans les langues qu'à la dimension langagière et à ses <b>mutations</b> , dans les constructions langagières elle est grevée par ce qui, dans le sens, est lourd et étranger.

Tabela 17. Variantes tradutivas de Wandel/wandeln/Wandlung(en) na tradução de Laurent Lamy e Alexis Nouriss (1997).

“*Transformer*” em francês, que dá origem à palavra “*transformation*” é definida no dicionário Le Robert (2005) como “Fazer passar de uma forma a uma outra, dar um outro

aspecto, outros caracteres formais a... → Mudar, modificar, renovar.”<sup>57</sup>, *Mutation*: “Mudança → Transformação”<sup>58</sup> e ainda “Mudança radical (e frequentemente rápida)...”<sup>59</sup>. “*Modifier*” é definida como “Mudar (uma coisa) sem alterar sua natureza, essência. → Mudar, transformar.”<sup>60</sup>. Apesar de acrescentar um sema à acepção da palavra, continua remetendo aos mesmos sinônimos.

Nas traduções francesas vemos uma certa regularidade, uma vez que sempre que aparecem os termos “*Wandlung*”, “*Wandlungen*” ou “*Wandel*”, nas duas traduções, vemos traduzidos por “*mutation*”, ou pelo plural “*mutations*”. Apenas os verbos mudam de uma tradução para outra: Gandillac traduz o verbo “*wandeln*” pelo verbo “*modifier*” enquanto Lamy e Nouss traduzem pelo verbo “*transformer*”. Se “*transformer*” dá origem a “*transformation*” (como em português, aliás) e mantém o radical “*form*”, fica o questionamento da razão de traduzir o substantivo, que no original tinha o mesmo radical do verbo, por “*mutation*”. “*Form*” é o objeto de nossa próxima análise.

#### 11.4. *Form*

A palavra *Form* foi traduzida em todas as versões para a língua portuguesa como “forma” e para o francês como “*forme*”. Trata-se de uma palavra sem grandes ambiguidades, como confirma o dicionário Houaiss: “configuração física característica dos seres e das coisas, como decorrência da estruturação das suas partes; formato, feitiço”.

Este termo foi escolhido não por sua variedade de traduções em português (ou francês), mas pela influência exercida nos herdeiros teóricos benjaminianos. Quando Walter Benjamin diz que a tradução é uma forma cujas leis devem ser buscadas no original, as leituras despertadas são diversas. Antoine Berman, à luz d’A tarefa do tradutor, vai levar essa forma ao conceito de “letra” (*lettre*), ou seja, a tradução da letra como forma do original. Meschonnic que vê não mais a língua como objeto da tradução, mas sim o discurso, enxerga a forma, sobre a qual fala Benjamin, como a organização do discurso pelo sujeito, ritmo. Assim, as leis a serem buscadas no original são o ritmo que/em que o texto original se apresenta. Já

<sup>57</sup> “Faire passer d’une forme à une autre, donner un autre aspect, d’autres caractères formels à... → Changer, modifier, renouveler.”

<sup>58</sup> “Changement. → Transformation.”

<sup>59</sup> “Changement profond, radical (et souvent rapide)...”

<sup>60</sup> “Changer (une chose) sans en altérer la nature, l’essence. → Changer, transformer”

Haroldo de Campos acredita ser a tradução livre, recriadora, aquela que poderá cumprir as leis do original, poética do próprio processo de criação.

Berman afirma, em seu “A tradução e a Letra ou O Albergue do Longínquo”:

Ora, assim como o Estrangeiro é um ser carnal, tangível na multiplicidade de seus signos concretos de estrangeiridade, também a obra é uma realidade carnal, tangível, viva no nível da língua. É até sua corporeidade (por exemplo, sua iconicidade) que a torna viva e capaz de sobreviver durante séculos. Refiro-me aqui às reflexões decisivas de Benjamin em A tarefa do tradutor. O objetivo ético do traduzir, por se propor acolher o Estrangeiro na sua corporeidade carnal, só pode estar ligado à letra da obra. Se a forma do objetivo é a fidelidade, é necessário dizer que só há fidelidade — em todas as áreas — à letra. Ser “fiel” a um contrato significa respeitar suas cláusulas, não o “espírito” do contrato. Ser fiel ao “espírito” de um texto é uma contradição em si. (BERMAN, 2013, p. 98)

Berman fala da corporeidade carnal, a forma, e reformula o que Benjamin chama de “Form”, na letra (*lettre*). E diz ainda: “É enquanto trabalho sobre a letra que a tradução tem um papel ético, poético, cultural e até religioso na história” (BERMAN, 2009, p. 349) não se comunica ou se restitui o sentido, se trabalha com/sobre a letra (*idem*, p. 349). Assim, Berman segue na esteira do que afirma Benjamin ao falar da não comunicação da obra literária e da recusa da “fidelidade” ao sentido.

Por sua vez, Haroldo de Campos, na sua recriação/transcrição do original na tradução diz,

(...) trata-se de propor uma recriação do texto original “por meio dos equivalentes, na nossa língua, de toda elaboração formal (sonora, conceitual, imagética)”, a fim de percorrer as etapas da criação original. Isso, concretamente, volta a privilegiar a forma (aliterações, paronomásias, assonâncias) muito mais ou ainda mais que o conceito (...) (OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 78)<sup>61</sup>

Sua leitura sobre a forma é outra. A forma se dá para Campos, na poeticidade expressa em recursos estéticos e a partir do que apresenta o original, pode-se pensar na recriação do original, reconstruindo a elaboração formal, escrevendo uma transcrição/tradução.

### 11.5. *Wörtlichkeit*

A palavra *Wörtlich* apresenta apenas uma acepção com uma pequena definição no dicionário “exatamente conforme o texto original”, ou seja, “literal” e a palavra *Wörtlichkeit* (como aparece no texto de Benjamin) é o substantivo formado por *Wörlich* e a partícula “-

<sup>61</sup> (...) il s’agit de proposer une récréation du texte original « à travers les équivalents, dans notre langue, de toute l’élaboration formelle (sonore, conceptuelle, imagée) », afin de parcourir les étapes de la création originale. Cela, concrètement, revient à privilégier la forme (alliterations, paronomases, assonances) autant sinon davantage que le concept (...).

*keit*” formadora de substantivo. Este termo foi traduzido para o português em todas as versões por “literalidade” e em francês por “*littéralité*”.

A importância da literalidade para Berman é no sentido desta estar em relação com a letra (a forma) do original: “Fidelidade e exatidão se reportam à literalidade carnal do texto. O fim da tradução, enquanto objetivo ético, é acolher na língua materna esta literalidade.” (BERMAN, 2013, p. 99). Para Meschonnic, essa literalidade se dá quando o tradutor como criador, traduz o ritmo, uma concordância própria entre tradução e original (OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 69). Já Haroldo de Campos não privilegia a literalidade nem na sua leitura de Benjamin, nem na sua prática, como afirma Oseki-Dépré (2007, p. 77).

Assim como o conceito de “Form”, o conceito de “Wörtlichkeit” não foi selecionado pela quantidade de variantes tradutivas, mas pela importância teórica verificada.

## 12. Tendências conclusivas da análise

Sobre a dificuldade de traduzir Walter Benjamin e a decisão de manter, no texto traduzido, algumas palavras em alemão e incluir notas de rodapé explicativas sobre conceitos fundamentais para o autor, Jeanne Marie Gagnebin detalha na apresentação de “Escritos sobre Mito e Linguagem”:

Diante da complexidade da tarefa de vertê-los ao português, a tradução optou, frequentemente, para não incorrer em interpretações descabidas, pela tradução literal, mantendo presente, na língua de chegada, a estranheza que também caracteriza o texto original. Optou-se ainda, quando se trata de termos-chave para o pensamento de Benjamin, por incluir, em notas de rodapé, esclarecimentos quanto às acepções do termo em alemão, procurando indicar a amplitude semântica visada pelo autor. (LAGES, 2011, p. 10)

Ao realizar as análises dos termos (e seus complexos conceitos) que têm mais de uma acepção, causando a pluralidade de traduções, é possível perceber as consequências das decisões que os tradutores do texto de Benjamin provocam. Uma palavra com duas ou mais acepções na língua do texto original traduzida por uma palavra que privilegie uma (ou outra acepção) encerra, fecha, reduz (ou seja, define) o entendimento do conceito daquele leitor da língua da tradução.

*Aufgabe* é uma tarefa a ser cumprida pelo tradutor? É a renúncia que o tradutor deve fazer? É uma tarefa que, em sua realização, prevê uma renúncia? A depender da tradução que o leitor das traduções de Benjamin teve acesso, a compreensão do conceito de Benjamin estará direcionada. Privilegiar uma ou outra acepção ou contemplar ambas as acepções é uma

decisão do tradutor de Benjamin que acarretará na abertura ou fechamento do entendimento do texto benjaminiano.

Nas traduções duplas, as notas de tradução (e também as que explicam outras questões do texto), além da presença (no corpo do texto ou em nota) dos termos como no original em alemão, têm o poder de estreitar ou alargar a compreensão dos conceitos e do texto como um todo. A presença dos termos originais permite também introduzir, por empréstimo, o termo em alemão na língua de chegada, como aconteceu com alguns termos de conceitos da psicologia que se canonizaram em português, como o estrangeirismo alemão *Gestalt* ou *id*.

Pode-se perceber que quanto mais polissêmica é a palavra-termo na língua do original, mais variantes tradutivas encontramos. Já as palavras-termo que tendem à monossêmia não apresentaram variantes nas traduções. Vimos ainda que um mesmo conceito pode ter várias denominações na própria língua de partida e ser traduzido por uma única denominação na língua de chegada como é o caso do conceito comumente chamado de “transformação”.

Pudemos notar o que a tradução faz ou pode fazer com o texto original, quando este é polissêmico. A possibilidade de interpretações diversas de um mesmo termo de Benjamin é o que justifica as leituras teóricas e reflexivas diversas e por vezes divergentes de seus conceitos pelos teóricos Antoine Berman, Henri Meschonnic e Haroldo de Campos como explicitado no primeiro capítulo deste trabalho.

Assim, acreditamos que todos os termos precisam constar em nossa proposta de glossário (de leituras do texto fundamental de Benjamin), em alemão, e as traduções para o português e francês. Com todas as variantes tradutivas, o leitor de qualquer uma das traduções poderá encontrar a definição do conceito em questão e ser remetido às outras traduções e ao termo original em alemão. Dessa forma, estaremos possibilitando um diálogo entre as traduções, quase numa complementaridade das línguas, pois, como quis Benjamin, é no conjunto delas que se vislumbra um saber.

## CAPÍTULO 4

### PROJETO TERMINOGRÁFICO DO GLOSSÁRIO

*Qu'on ne me dise pas que je n'ai rien dit de nouveau, la  
disposition des matières est nouvelle.*

Pascal

Nosso objetivo é a elaboração de uma microestrutura e um processo de remissivas que dê conta do caráter crítico, histórico-comparativo, que nos propomos a apresentar. Assim, a abordagem crítica estará manifestada na macroestrutura (escolha de termos e variantes tradutivas), na microestrutura (tipo de definição que seja capaz de demonstrar o caráter proposto) e no sistema de remissivas (que liga os conceitos a partir dos objetivos do glossário).

Teremos, no glossário, entradas em alemão para os termos originais de Benjamin, termos em francês, aqueles propostos por Antoine Berman e Henri Meschonnic, além das traduções dos termos de Benjamin para o francês e, por fim, termos em português que consistem nas traduções dos termos de Benjamin para o português, traduções dos termos de Berman e Meschonnic e os termos de Haroldo de Campos que são originalmente em português.

Cabe aqui uma distinção entre os objetos específicos e propósitos das ciências do léxico. Tomamos como base a distinção feita por Maria Aparecida Barbosa em que a Lexicologia (ramo da Linguística) é o estudo do léxico, da palavra, também objeto de estudo da Lexicografia. Ambas têm o léxico como objeto, mas a Lexicologia o estuda cientificamente enquanto a Lexicografia seria uma abordagem prática, de elaboração de obras lexicográficas, de dicionários.

Já a Terminologia e a Terminografia, se dedicam, ambas, à linguagem de especialidade e às suas unidades nucleares, o termo (a unidade terminológica). Suas pesquisas fundamentais diferem, pois, enquanto a Terminografia é uma face aplicada da Terminologia, em que se elaboram modelos que permitem a produção de obras terminológicas/terminográficas (a respeito da macroestrutura e microestrutura e ao sistema de remissivas). A Terminologia:

“tem um objeto que contempla as questões precedentes mas ultrapassa os seus limites, de vez que lhe cabem estudos como os das relações de significações - entre expressão e conteúdo - do signo terminológico, os que concernem a complexa dinâmica da criação desse mesmo signo (neonímia), da renovação e ampliação dos universos de discurso terminológicos, dentre outros. Nesse sentido, as tarefas de uma e de outra são, na verdade, complementares.” (BARBOSA, 1992, p. 156)

Assim, Terminologia e Terminografia, apesar de terem suas pesquisas fundamentais distintas, têm práticas complementares, tarefas comuns, apresentando uma interseção importante. Nosso trabalho se situa na interseção destas áreas, já que propomos o entendimento dos conceitos teóricos, seus termos, a que faz parte a elaboração de um modelo terminológico.

As obras terminológicas/terminográficas, por sua vez, são distintas por suas características particulares. Como lembra Barbosa (2001, p. 27), a variedade de nomes para essas obras é grande: glossário, vocabulário, dicionário terminológico, dicionário especial, dicionário técnico, vocabulário técnico-científico, dicionário de língua de especialidade, dicionário de língua específica ou técnica, entre outros.

Barbosa (2001, p. 36), no entanto, especifica as obras terminológico-terminográficas distinguindo-as entre vocabulários e glossários. Os vocabulários são representativos de um universo de discurso, são obras que têm como objeto uma linguagem de especialidade (e compreendem discursos manifestados), configurando uma norma lexical discursiva. Já o glossário, é visto por Barbosa, e por nós, como aquele que:

“pretende ser representativo da situação lexical de um único texto manifestado (no limite, de um macro texto) em sua especificidade léxico-semântica e semântico-sintática, numa situação de enunciação e enunciado, numa situação de discurso exclusivas e bem determinadas.” (BARBOSA, 2001, p. 36)

O glossário é então, elaborado a partir e em função de um texto, seus termos (e suas respectivas definições) pertencem a um domínio específico e são atualizados em um discurso. E o objetivo principal do presente trabalho é a elaboração de um glossário da primeira parte do livro “*De Walter Benjamin à nos jours... (Essais de traductologie)*” de Inês Oseki-Dépré intitulado “*Entre herméneutique et poétique*” (p. 13 a 80).

### **13. Elaboração do glossário**

Como já dito, o objetivo crítico (histórico-comparativo) repercute na escolha dos termos (macroestrutura), no(s) tipo(s) de definição escolhido(s) (microestrutura) e no sistema de remissivas onde as filiações históricas e as relações entre os “herdeiros teóricos” serão manifestados.

Cabré, no seu livro “*La terminología - Teoría, metodología, aplicaciones*” (1993), delimita algumas questões fundamentais para a elaboração de um trabalho terminológico/terminográfico que devem ser estabelecidas previamente, que são: o tema do trabalho, os destinatários (público alvo), a função que pretende desempenhar e as dimensões da obra, nas palavras de Cabré (1993, p. 293).

O tema de nosso trabalho é a teoria da tradução, a história da teoria da tradução, os Estudos da Tradução e/ou Tradutologia, mais especificamente, termos de Walter Benjamin, Antoine Berman, Henri Meschonnic e Haroldo de Campos. Delimitamos o público alvo do glossário como o mesmo público do livro de Oseki-Dépré, especialistas da área ou jovens pesquisadores e estudantes em formação e em via de especialização, além de especialistas de áreas correlatas interessados em aprofundar o entendimento sobre o tema da teoria da tradução.

A função do glossário é descritiva, com uma abordagem crítica, já que são apresentadas as filiações conceituais de maneira comparativa. Não se pretende uma função prescritiva, já que assim, numa tentativa de normalização dos termos, poderíamos acabar “por empobrecer a própria investigação científica reduzindo o mundo das possibilidades a um conjunto de normas – o que gera um descompasso entre os modelos de uma ciência e a evolução de seu objeto” (FERREIRA, 2000, p. 27), já que na evolução do campo de estudo, há uma “busca de novos conceitos que deem conta de novas e/ou diferentes realidades” (FERREIRA, 2000, p. 39).

O glossário tem uma dimensão de 43 termos e tem como tema alguns conceitos fundamentais de Walter Benjamin, a tradução destes para o português e o francês e os termos propostos pelos teóricos influenciados por Benjamin. Para o direcionamento das relações teóricas entre os autores que acabamos de citar, nos baseamos na primeira parte “*Entre herméneutique et poétique*” do livro “*De Walter Benjamin à nos jours... Essais de traductologie*” (2007) de Inês Oseki-Dépré.

O conteúdo de uma obra terminológica é sistematizado em três dimensões: a primeira é a macroestrutura que corresponde à lista dos termos, ou seja, das entradas dos verbetes; a segunda é a microestrutura onde constam as informações linguísticas, conceituais e/ou outras que compõem a definição (o artigo lexicográfico e/ou terminológico) e, finalmente, o sistema de remissiva que reconstrói relações conceituais ou outras relações fragmentadas pela ordem alfabética.

### 13.1. Macroestrutura

A macroestrutura pode ser de dois tipos, simples, ou seja, uma entrada para cada termo, ou dupla, em que o verbete tem subentradas que são subconjuntos da entrada principal. No nosso caso, utilizaremos uma microestrutura simples e, para completar a relação entre os termos, será incluída uma remissiva para outro(s) verbete(s). Assim, a microestrutura simples nos possibilitará prevenir o excesso de informações para que não haja uma exaustividade também de texto no paradigma definicional.

A fim de compor a macroestrutura do glossário, foram levantados os conceitos propostos por Benjamin em seu texto “*Die Aufgabe des Übersetzers*” apresentados por Oseki-Dépré em sua obra. Em seguida, foram incluídos termos dos filiados teóricos de Benjamin formulados a partir de suas interpretações do texto de Benjamin. E por último, os termos que constituem traduções dos termos de Benjamin em português e francês.

Assim, foram levantados os termos-conceito do texto a “Tarefa do Tradutor” presentes na obra de Oseki-Dépré e discutidos por ela. Aqueles presentes no texto de Benjamin que não foram abordados pela autora, não foram incluídos. Também foram levantados os termos, citados por ela, que têm origem nas obras de Berman, Meschonnic e Haroldo de Campos.

O critério para o levantamento terminológico deste trabalho é epistemológico e genealógico (não é estatístico), já que o interesse é a elaboração do glossário de termos (e seus conceitos) da Tradutologia numa perspectiva histórico-crítica a partir do texto de Benjamin, com base na obra de Inês Oseki-Dépré “*De Walter Benjamin à nos jours... (Essais de traductologie)*”.

Primeiramente foram levantados os conceitos de Walter Benjamin que seriam o ponto de partida para a elaboração do glossário. São eles: *Aufgabe (des Übersetzers)*, *Form, reine Sprache*, *Wandel/wandeln/Wandlung(en)* e *Wörtlichkeit*. Em seguida verificamos, a partir do que propõe Oseki-Dépré em seu livro, conceitos nucleares formulados por Antoine Berman, Henri Meschonnic e Haroldo de Campos que figurassem desdobramentos de suas interpretações do texto benjaminiano. Assim, os termos dos chamados “filiados teóricos” de Benjamin, são: *altérité*, *décentrement*, *entre-les-langues*, *éthique*, isomorfismo, *littéralité* e transcrição. Além desses dois tipos de termos, temos ainda as traduções dos termos (recém citados) de Benjamin para o português e o francês, as chamadas “variantes tradutivas” sobre as quais discorreremos no capítulo 3.

A seguir temos o conjunto dos termos levantados que fazem parte da nossa macroestrutura:

- |  |   |                                       |
|--|---|---------------------------------------|
| 1. <i>abandon (du traducteur)</i>          | 14. Língua perfeita e pura                      | 31. <i>reine Sprache</i>              |
| 2. alterar                                 | 15. língua pura                                 | 32. ritmo/ <i>rythme</i>              |
| 3. alteridade/ <i>altérité</i>             | 16. Língua pura                                 | 33. <i>tâche (du traducteur)</i>      |
| 4. <i>Aufgabe (des Übersetzers)</i>        | 17. literalidade                                | 34. tarefa (do tradutor)              |
| 5. descentramento/ <i>décentrement</i>     | 18. literalidade/ <i>littéralité</i>            | 35. tarefa-renúncia (do tradutor)     |
| 6. entre-línguas/ <i>entre-les-langues</i> | 19. <i>littéralité</i>                          | 36. transcrição/ <i>transcréation</i> |
| 7. ética/ <i>éthique</i>                   | 20. metamorfose(s)                              | 37. transformação(ões)                |
| 8. <i>Form</i>                             | 21. modificações                                | 38. transformar                       |
| 9. forma                                   | 22. modificar                                   | 39. <i>transformer</i>                |
| 10. <i>forme</i>                           | 23. <i>modifier</i>                             | 40. <i>Wandel</i>                     |
| 11. isomorfismo/ <i>isomorphisme</i>       | 24. mudança(s)                                  | 41. <i>wandeln</i>                    |
| 12. <i>langage pur</i>                     | 25. mudar                                       | 42. <i>Wandlung(en)</i>               |
| 13. letra/ <i>lettre</i>                   | 26. <i>mutation(s)</i>                          | 43. <i>Wörtlichkeit</i>               |
|  | 27. <i>pur langage</i>                          |                                       |
|  | 28. pura língua                                 |                                       |
|  | 29. Pura língua ou linguagem [ <i>Sprache</i> ] |                                       |
|  | 30. pura linguagem                              |                                       |

As entradas que compõem o glossário podem ser reagrupadas da seguinte maneira:

Termos de Walter Benjamin	Variantes tradutivas		Termos de Antoine Berman, Henri Meschonnic e Haroldo de Campos
	português	francês	
<i>Aufgabe (des Übersetzers)</i>	alterar	<i>abandon (du traducteur)</i>	alteridade/ <i>altérité</i>
<i>Form</i>	forma	<i>forme</i>	descentramento/ <i>décentrement</i>
<i>reine Sprache</i>	Língua perfeita e pura	<i>langage pur</i>	entre-línguas/ <i>entre-les-langues</i>
<i>Wandel</i>			

<i>wandeln</i>	língua pura	<i>littéralité</i>	ética/ <i>éthique</i>
<i>Wandlung(en)</i>	Língua pura	<i>modifier</i>	isomorfismo/ <i>isomorphisme</i>
<i>Wörtlichkeit</i>	literalidade	<i>mutation(s)</i>	letra/ <i>lettre</i>
	metamorfose(s)	<i>pur langage</i>	literalidade/ <i>littéralité</i>
	modificações	<i>tâche (du</i>	ritmo/ <i>rythme</i>
	modificar	<i>traducteur)</i>	transcrição/ <i>transcréation</i>
	mudança(s)	<i>transformer</i>	
	mudar		
	pura língua		
	Pura língua ou		
	linguagem [ <i>Sprache</i> ]		
	pura linguagem		
	tarefa (do tradutor)		
	tarefa-renúncia (do		
	tradutor)		
	transformação(ões)		
	transformar		

Tabela 18. Os grupos de termos que compõem a macroestrutura do glossário.

## 13.2. Microestrutura

Se a macroestrutura corresponde às partes do todo organizadas no glossário por ordem alfabética, a microestrutura dá espessura a cada uma. É onde aparecem as informações e/ou definições/descrições do conceito. Neste sentido, ela pode ser considerada uma tradução conceitual do termo.

### 13.2.1. Considerações sobre definição e tradução

A definição tem múltiplas funções<sup>62</sup> a desempenhar e, a depender das características do sistema nocional do domínio em questão, assume diferentes propriedades. Destaco dentro

<sup>62</sup> Detalharemos as funções da definição mais a frente.

do grupo de funções técnicas, a função de equivalência que terá a importante função de estabelecer equivalências da denominação do termo em uma língua com a denominação em outra língua.

Isso acontece porque, muitas vezes, quando se traduz, é preciso partir da denominação em uma língua, em direção ao seu referente (extralinguístico) para se encontrar a denominação desse em outra língua, mas, a depender da natureza dos termos de uma dada área do conhecimento, esse caminho se faz partindo-se da denominação na língua 1, em direção ao seu conceito (expresso linguisticamente em forma de definição terminológica) que será compartilhado por especialistas de línguas diferentes, já que são pertencentes a uma mesma área de especialidade, para então se chegar à denominação em língua 2.

É possível perceber a relação de mão dupla que se estabelece entre a tradução e a Terminologia, de forma complementar. A Terminologia auxilia claramente a atividade tradutória enquanto que a tradução impacta sensivelmente a terminologia de um campo do saber. A tradução de textos científicos tem função relevante para as áreas de conhecimento em questão, já que leva a outras áreas linguísticas aquele conteúdo de domínio específico.

Mas, além desta relação pragmática de mão dupla, outro tipo de relação no plano teórico se faz presente entre a Terminologia e a tradução. Para entendê-la, apresento a proposta tipológica de Jakobson (2008, p.64) segundo a qual existem três tipos de tradução. São elas:

- 1) A tradução intralingual ou *reformulação* (rewording) consiste na interpretação de signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.
- 2) A tradução interlingual ou tradução *propriamente dita* consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.
- 3) A tradução intersemiótica ou *transmutação* consiste na interpretação de signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais. (JAKOBSON, 2008, p. 64)

Assim, numa obra terminográfica monolíngue, no artigo terminográfico em si, temos uma tradução intralingual, a definição é a tradução da denominação do termo que consta como entrada do verbete e está redigida na mesma língua dessa, é uma formulação do conceito elaborada na mesma língua em que a entrada (denominação do termo) está redigida.

Assim, podemos dizer que a função metalinguística das definições se apresenta como tradução conceitual do termo estabelecendo, assim, uma relação de denominação. Já numa obra terminológica bilíngue, haverá uma outra tradução, interlingual, pois, no artigo lexicográfico, constam, além da denominação em uma língua, a definição com seu conteúdo

em outra língua e/ou a denominação em outra língua (língua 2), diferente da língua da entrada (denominação em língua 1) do artigo terminográfico.

Neste sentido, Manuel Célio Conceição diz que:

“Os traços conceituais que caracterizam um conceito são “traduzíveis” em elementos definicionais que constituem, por sua vez, o esquema definicional. Esse esquema, que mostra as relações entre os traços constitutivos desse conceito é “o elemento central entre o termo e o conceito” (Thoiron, 2000 : 329). A partir desse esquema definicional são redigidas as definições terminológicas, ou mesmo enciclopédicas, e a forma linguística que designará o conceito pode então ser criada.”<sup>63</sup> (CONCEIÇÃO, 2005, p. 56)

Ou seja, as características do conceito atribuído a uma denominação são traduzidas, ao se elaborar uma definição, em características definitórias. Essa tradução de um em outro é o laço entre a denominação e o conceito. Assim, o conceito que é abstrato, toma uma forma linguística, a definição.

A definição estabelece o laço intrínseco entre a denominação e o conceito de um termo. Suas funções são inúmeras e sua importância para o trabalho terminográfico indiscutível, já que é na elaboração da definição que o terminólogo concretiza sua atividade. A definição pode ser percebida como uma tradução do conceito abstrato em forma linguística e mais, a tradução da denominação em conceito formalizado. Além deste tipo de tradução intralingual, em obras terminográficas bilíngues, têm-se a tradução interlingual, já que a denominação em uma língua é acompanhada de uma denominação e da própria definição em outra língua (a depender do formato da obra). Dessa forma, além das relações práticas já muito exploradas entre a tradução e a terminologia, vê-se a presença da tradução dentro mesmo do artigo terminográfico em si.

### **13.2.2. Fichamento e levantamento das informações e acepções**

O primeiro passo consiste no levantamento das informações pertinentes para compor o verbete. Assim foi elaborada a ficha (para a sistematização das informações levantadas) com

---

<sup>63</sup> Trecho original: “Les traits conceptuels qui caractérisent un concept sont « traduisibles » en éléments définitionnels qui constituent, à leur tour, le schéma définitionnel. Ce schéma, qui montre les relations entre les traits constitutifs de ce concept est « l’élément médian entre le terme et le concept » (Thoiron, 2000 : 329). À partir de ce schéma définitionnel sont rédigées les définitions terminologiques, ou même encyclopédiques, et la forme linguistique qui désignera le concept peut alors être créée. »

as informações que entrarão no verbete e de acordo com o caráter dos termos (usado apenas por Benjamin ou ressignificados pelos teóricos filiados a ele).

As fichas terminológicas são ferramentas de organização do trabalho de coleta de dados do terminólogo. Para sistematização dos dados são estabelecidos campos de informações pertinentes ao trabalho do terminólogo (num projeto específico) e, assim, todos os dados necessários estarão recolhidos num mesmo “arquivo”. Sobre as fichas terminológicas, Cabré afirma serem “materiais estruturados que devem conter toda a informação relevante sobre cada termo.” (CABRÉ, 1993, p. 281)<sup>64</sup>. Assim, com o intuito de sistematizar as informações que mais tarde seriam úteis para a elaboração da microestrutura, usamos fichas terminológicas como as apresentadas a seguir.

<i>De Walter Benjamin à nos jours... (Essais de traductologie) de Inês Oseki-Dépré</i>	
Termo	<b><i>die reine Sprache</i></b>
Teórico	<b>Walter Benjamin</b>
Contexto 1	... <i>les langues visent la même chose</i> , mais qu’aucune ne peut atteindre isolément, c’est-à-dire, la <b>pure langue</b> . Les langues se complètent dans leur intention même (...), de converger vers le <b>pur langage</b> (“ <b>die reine Sprache</b> ”), virtuel s’il en fut, habitant toutes les langues ... p. 21
Contexto 2	Si l’imperfection des langues consiste en leur variété, le corollaire on est que la vérité se trouverait dans leur reunion et en ce sens la luche du traducteur consiste, en d’autres termes, a faire mûrir la semence d’un <b>pur langage</b> . p. 23
Contexto 3	Benjamin <i>apud</i> Oseki-Dépré: « Racheter dans sa propre langue cette <b>pure langue</b> quand elle est exilée dans la langue étrangère, la delivrer <i>par la recreation</i> quand elle est captive dans l’oeuvre, telle est la tâche du traducteur.” p. 24
Contexto 4	Benjamin <i>apud</i> Oseki-Dépré: « <i>car la vraie traduction est transparente</i> , elle ne cache pas l’original, n ’offusque pas sa lumière, mais c’est la <b>pure langue</b> , comme renforcée par son propre médium, qu’elle fait tomber d ’autant plus pleinement sur l’original. » p. 25
Contexto 5	...il y a toujours des choses au-delà du communicable dans une oeuvre d’art (...), la traduction se doit d’adopter la même facon de « viser le visé » que l’original, pour effleurer, la complétant dans un tout - avec d’autres et dans un mouvement infini - qui serait la <b>pure langue</b> , la <b>pure langue</b> qui est le but du devenir (infini) des langues. p. 26

Tabela 19. Ficha terminológica reine Sprache.

<sup>64</sup> Trecho original: Las fichas terminológicas son materiales estructurados que deben contener toda la información relevante sobre cada término.

Este primeiro exemplo é de uma ficha elaborada para a sistematização da extração de um termo-conceito de Benjamin que foi citado pela autora várias vezes, sempre em relação à sua conceptualização feita pelo mesmo autor. Foram extraídos os vários contextos em que se trata do termo-conceito “*pure langue*” (como Oseki-Dépré se refere ao termo em francês), em alemão “*reine Sprache*”, com indicação de página.

<i>De Walter Benjamin à nos jours... (Essais de traductologie)</i> de Inês Oseki-Dépré	
Termo	<b>Littéralité</b>
Teórico	<b>Walter Benjamin</b>
Contexto	Or, cette façon de traduire, et c'est en cela qu'il s'agit véritablement d'un texte programmatique, privilégie en quelque sorte la <b>littéralité</b> (la transparence, l'effacement du traducteur) mais aussi <i>le principe de transformation....</i> p. 26
Teórico	<b>Berman</b>
Contexto	À la différence du premier [Berman], toutefois, qui privilégie le décentrement et <b>le respect de la lettre dans le traduire [...]</b>
Teórico	<b>Meschonnic</b>
Contexto	Considéré longtemps comme un défenseur du <b>littéralisme</b> , qui aurait été inspiré par Walter Benjamin. p. 65
Contexto	Chez Henri Meschonnic, une position <b>littéraliste</b> se dégage : son ambition est de saisir non le mot mais le « mouvement du mot dans l'écriture ». p. 166, 167
Contexto	A l'inverse, si pour Henri Meschonnic, la traduction doit construire une équivalence, elle ne sera pas formelle mais « dynamique » dans la mesure où même le littéralisme correspond, selon lui, à l'attention portée au signifiant, ce qui suppose toujours la séparation de la forme et du sens. Sur ce point, la question est de savoir ce qu'on entend par « lettre ».
Teórico	<b>Haroldo de Campos</b>
Contexto	En effet, Haroldo de Campos réussit à reformuler la thèse benjaminienne de la traduction dans le sens, non pas <b>littéraliste</b> , comme ce qu'on a pu voir en France, mais plutôt dynamique, allant vers une pratique « transcréatrice ». p. 77

Tabela 20. Ficha terminológica littéralité.

Neste segundo exemplo, a ficha apresenta o termo-conceito de Benjamin “*Wörtlichkeit*” que é apontado pela autora como um conceito que inspira o “literalismo” de Meschonnic, daí o contexto que explicita a filiação entre os teóricos, e em seguida, o contexto que versa sobre Haroldo de Campos, a respeito da reformulação que este faz da tese benjaminiana, permanecendo não “literalista”, ou seja, negando sua relação com o termo, mas visando uma prática “transcriadora”. Vemos aí um exemplo de reconceitualização do conceito benjaminiano que mostramos sistematizado nessa ficha. Uma observação importante é que a ficha permite estabelecer um dos tipos de remissiva, por filiação e derivação teórica.

### 13.2.3. Concepções e tipos de definição

Maria Teresa Cabré em seu livro “*La terminología. Teoría, metodología, aplicaciones*” (1993), obra fundamental para a Terminologia, afirma que a definição é “uma fórmula linguística que (...) se propõe a descrever o conceito que uma denominação representa.”<sup>65</sup>. Em seguida, a autora cita dois conceitos de definição fixados pela ISO, e destaca como sendo a mais adequada para o trabalho terminográfico o da ISO 1087 (1990) que traz o seguinte: “definição: enunciado que descreve uma noção e que, dentro de um sistema nocional, permite diferenciá-la de outras noções”<sup>66</sup> (CABRÉ, 1993, p. 208).

Cabré distingue, no plano teórico, três tipos de definição, o linguístico, o ontológico e o terminológico, chamadas por outros autores de definições lexicográfica (tipo linguístico), enciclopédica (tipo ontológico) e terminológica. As três dizem respeito a uma mesma realidade, mas percebida de pontos de vista diferentes. Assim, a definição de tipo linguístico tem como objeto o signo linguístico e pretende incluir as características de uma noção que sejam necessárias para que se faça a distinção desta em relação a outras noções dentro do sistema da língua em questão.

A definição de tipo ontológico versa sobre o objeto da realidade em si e inclui todos os aspectos respectivos a esta noção, sendo eles relevantes ou não para defini-la como classe. Já a definição terminológica, tem como objeto o conceito do sistema nocional de um campo de especialidade e “é mais descritiva que opositiva, descreve a noção em referência exclusiva a

---

<sup>65</sup> Trecho original: “una formula linguística que (...) se propone describir el concepto que representa una denominación”.

<sup>66</sup> Trecho original: “definición: enunciado que describe una noción y que, dentro de un sistema nocional, permite diferenciarla de otras nociones”.

um domínio de especialidade, e não em relação ao sistema linguístico.”<sup>67</sup> (CABRÉ, 1993, p. 209).

A autora frisa que, apesar de ser possível distinguir teoricamente esses três tipos de definição, na prática, essas modalidades se misturam gerando definições de características mescladas em diversas obras lexicográficas, terminológicas ou enciclopédicas.

M. T. Cabré (1993, p. 210) faz uma segunda distinção entre duas classes de definição, as definições por compreensão que reúnem as características que descrevem os conceitos e as definições por extensão que enumeram os objetos particulares que os conceitos representam enquanto genéricos.

Em trabalhos terminológicos, é absolutamente importante que as definições sejam elaboradas a fim de serem aceitas pela comunidade especializada do domínio em questão, devendo cumprir as condições apontadas por Cabré (1993, p. 210), desde as condições mais gerais (ou éticas), da sua adequação dentro do campo de especialidade, até aquelas do ponto de vista redacional (ou de sua expressão).

Juan Carlos Sager (1993, p. 67) afirma que a definição, enquanto ação, é o processo de explicar o significado de símbolos expressos linguisticamente, e o produto (a definição já redigida) é “uma descrição linguística de um conceito, baseada na listagem de um número de características que transmitem o significado do conceito” (SAGER, 1993, p. 68).

O autor detalha ainda que as definições terminológicas descrevem um conceito dentro de um campo temático especializado e oferecem uma identificação única desse conceito somente em referência ao seu sistema conceitual. Continuando sobre a definição terminológica, Sager (1993, p. 71) afirma que a teoria terminológica reconheceria apenas um tipo de definição, a analítica, que é a aristotélica clássica em que se fala do gênero próximo e das diferenças específicas.

Alain Rey afirma que a palavra “definição” é por vezes ambígua, já que designa ao mesmo tempo a operação lógica e a produção de uma sequência em língua natural (REY, 1992, p. 40), ou seja, designa ao mesmo tempo a operação e os resultados. O autor precisa que “define-se, não palavras, mas *termos* organizados em sistemas estruturados e que refletem uma *organização conceitual*, formal (consistente), seja ela considerada ou não como reflexo das estruturas próprias do ser”<sup>68</sup> (REY, 1992, p. 41).

<sup>67</sup> Trecho original: “es más descriptiva que opositiva, describe la noción en referencia exclusiva a un dominio de especialidad, y no en relación al sistema linguístico.”

<sup>68</sup> Trecho original : “on définit, non pas des mots, mais des *termes* organisés en systèmes structurés et reflétant une *organisation conceptuelle*, formelle (consistante), qu’elle soit considérée ou non comme reflétant les structures mêmes de l’être.”

Ainda de acordo com Rey, existem três tipos de necessidades terminológicas. A primeira é a da descrição sistemática dos conjuntos de termos (terminologias), necessária para a formação de um discurso do campo de conhecimento; em seguida a necessidade de transmissão e de difusão dos conhecimentos de uma área por meio de sua terminologia em uma ou várias línguas; e, por fim, a necessidade de normas que constituam a formação teórica desse campo, para sua prática e para a transmissão do seu saber, a transferência de informação especializada.

Rey fala ainda dos diferentes tipos de definição: a ontológica de origem metafísica (que não interessa tanto ao linguista e ao terminólogo), a definição funcional e formal que provem da lógica, e a definição lexicográfica que diz respeito apenas aos signos de uma língua. Mais adiante ele diz que a definição terminológica é

destinada a melhorar o uso dos nomes para lhes permitir funcionar como termos, destinados também a evocar (não a reproduzir ou representar) o modo de constituição das classes de seres e o funcionamento dos esquemas conceituais.<sup>69</sup>  
(REY, 1992, p. 43)

Alain Rey prossegue sobre a definição terminológica dizendo que é a natureza dos sistemas visados, ou seja, dos domínios de conhecimento em questão em cada trabalho terminográfico, que vai determinar a natureza das definições.

No caso deste trabalho, temos a área da Teoria da Tradução Contemporânea de abordagem filosófica com seu discurso particular e relações teóricas, lembrando que o trabalho é baseado numa obra ensaística que versa sobre o tema e tece relações sobre as quais nos dedicamos. Assim, temos que pensar num tipo de definição que dê conta desses objetivos do trabalho, o que nos leva a pensar numa definição diferente, uma definição que apresente o conceito como explicado pela autora do livro que baliza nosso trabalho, e também uma definição que se quer “relacional”, estabelecendo os elos de filiação teórica ou tradutiva (quando se tratar das variantes).

Alain Rey (1992, p. 40) afirma que “as palavras *definição* e *termo* estão ligadas por traço comum: elas designam originalmente a atribuição de um limite, de um fim (*de-finir*) e seu resultado (*termo*).”<sup>70</sup> o que vai ao encontro das várias noções de definição que afirmam

<sup>69</sup> Trecho original : « un compromis entre définition lexicographique et description encyclopédique, destiné à améliorer l’usage des noms pour leur permettre de fonctionner comme termes, destiné aussi à évoquer (non pas à reproduire ou à représenter) le mode de constitution des classes d’êtres et le fonctionnement des schèmes conceptuels. »

<sup>70</sup> Trecho original: « Les mots *définition* et *terme* sont liés par un trait commun : ils désignent à l’origine l’assignation d’une limite, d’une fin (*dé-finir*) et son résultat (*terme*). »

que o conteúdo da definição faz referência e só é pertencente ao universo de discurso da área de especialidade em questão. Os termos e conseqüentemente suas definições estão circunscritos naquele domínio de conhecimento e a definição arremata a relação da denominação com seu conceito.

Rahmstorf (*apud* SEPPÄLÄ, 2007, p. 15) afirma que as definições podem ser caracterizadas por suas funções, que seriam: as funções orientadas ao objeto (com ênfase no sentido a ser definido), as funções técnicas (comunicação e organização do conhecimento) e as funções metacientíficas (ligadas ao estudo teórico das definições).

As funções orientadas ao objeto seriam as de: a) descrever ou explicar um sentido, b) delimitar um sentido, c) distinguir de outros, além de d) fixar o sentido, e e) criar um sentido. Já as funções técnicas: a) facilitam a comunicação, b) transmitem o conhecimento (esta com sub funções didática e normatizadora), c) atestam ou d) verificam a significação e, sob um ponto de vista linguístico, ainda e) estabelecem a sinonímia e a f) equivalência. Por fim, na função metacientífica, a definição tem a função de a) ligação ou pivô entre a(s) unidade(s) linguística(s), conceito e referente; já no sistema semântico ou conceitual, a definição assume a dupla função de b) estruturação ou de c) espelho do sistema, assim, ela d) situa o que está sendo definido no interior do sistema.

Ainda no texto de Seppälä (2007, p. 17), há além dos diferentes “tipos” de definição, os diferentes “papéis” desempenhados por ela, que seriam, brevemente, o papel descritivo, visando registrar o conjunto dos usos ou sentidos de uma palavra, ou descrever os conceitos existentes num domínio ou por uma comunidade; o papel prescritivo, com o objetivo de impor um sentido através de seu conteúdo; e, por fim, o papel misto (muitas vezes o que está presente nas obras).

No caso do nosso trabalho, em que o glossário tem papel descritivo-epistemológico, temos como objetivo descritivo registrar os usos e apresentar os conceitos dos termos da Tradutologia apresentados por Oseki-Dépré e suas ressignificações, assim optando por definições de natureza crítica. Nas definições devemos deixar evidente as relações entre os conceitos quando se tratar de filiações teóricas entre os autores, portanto uma definição relacional, que dê conta de apresentar ao leitor-consulente do glossário seu caráter crítico, histórico e epistemológico.

### 13.2.4. Modelo de microestrutura para nosso glossário

A microestrutura tem suas informações organizadas em três paradigmas:

*paradigma informacional* (número de entrada; entrada; categoria gramatical, etc), o *paradigma definicional* (atributos semânticos na acepção do discurso-texto objeto) e o *paradigma pragmático* (notas enciclopédicas, históricas, linguísticas, culturais, sociais, econômicas, etc...; e remissivas). (FERREIRA, 2000, p. 124)

No caso do nosso trabalho, temos três tipos de definição, para os três tipos de termo (ver os três grupos apresentados na “Macroestrutura”). Para os termos originais de Benjamin, temos uma primeira parte do verbete com acepções retiradas de um dicionário de língua alemã, que, apesar de configurarem definições no dicionário de língua, aqui fazem parte do paradigma informacional. As definições dos termos de Benjamin vêm em seguida a essas informações e foram elaboradas a partir do que lemos sobre cada um dos conceitos em seu texto, mas também orientadas pela apresentação desse no livro de Oseki-Dépré.

As definições dos termos de Berman, Meschonnic e Campos são também elaboradas a partir do discurso de cada um deles e orientadas pelo texto de Oseki-Dépré, várias vezes podendo ser complementadas por notas explicativas, que, apesar de não fazerem parte do paradigma definicional, têm um papel importante para a compreensão das ideias desses teóricos.

Por fim, temos as definições das variantes tradutivas que são compostas pelas informações relativas à tradução em que foram encontradas (tradutor, ano da tradução) e aspectos gramaticais (retirados de dicionários de língua e gramáticas de cada língua) que influenciam na leitura que temos dos termos de Benjamin traduzidos.

Assim, em função desses três tipos de termos, temos três tipos de microestrutura em que varia o conteúdo dos diferentes paradigmas. Assim:

- os termos de Walter Benjamin:
  - PI (paradigma informacional): {indicação da língua: *al.*; acepções semânticas encontradas no dicionário alemão (*Lan.*)}
  - PD (paradigma definicional): {definição/acepção discursiva de WB}
  - PP (paradigma pragmático): {notas; remissivas}

Exemplo:

***reine Sprache*** *al.*

*reine* – *al.* adj (lema: *rein*). 1 – puro, límpido (*Lan*). 2 – usado para reforçar uma afirmação, mesmo (*Lan*).

*Sprache* – *al.* sf. 1 – língua (*Lan*). 2 – linguagem (*Lan*).

WB – Completude obtida pela relação íntima entre as línguas, que as habita e paira sobre elas como algo virtual que se concretiza no encontro das línguas promovido pela tradução.

Nota: No alemão, o adjetivo sempre é posicionado antes do substantivo conforme a gramática normativa da língua alemã, como em “*reine Sprache*”.

Figura 3. Verbete “*reine Sprache*”

- as variantes tradutivas:

- PI: { indicação da língua: *pt.* ou *fr.*; indicação de variante tradutiva (VT); no caso de verbos, indicação v. }
- PD: { termo original em alemão; tradutores/autores da variante com indicação de ano de edição; acepção semântica do dicionário alemão e da língua da tradução }
- PP: { remissiva ao termo original }

Exemplo:

**forma** *pt.* (VT)

Tradução do termo “*Form*” feita por Fernando Camacho (1979), Karlheinz e outros (1994), Susana Kampff Lages (2001, 2010 e 2011) e João Barrento (2008). Configuração física como decorrência da estruturação das suas partes; formato, feito; estado plástico em que algo se encontra (*Hou, Lan*).

→ *Form*.

Figura 4. Verbete “*forma*”

- os termos dos herdeiros teóricos:

- PI: {indicação das línguas *pt./fr.*}

- PD: {indicação do teórico (AB, HM, HC) seguida da sua acepção discursiva}

- PP: {notas; remissivas}

Exemplo:

**entre-línguas** *pt.* / *entre-les-langues* *fr.*

HM – Espaço de encontro das línguas onde se manifesta a *reine Sprache*\* na atividade tradutória.

Nota: Para HM, o entre-línguas é um espaço de transparência, onde a língua do original aparece na tradução.

→ *reine Sprache*

Figura 5. Verbetes "entre-línguas / *entre-les-langues*"

### 13.3. Sistema de remissivas

A necessidade de organização e de facilidade para consulta de uma obra lexicográfica e/ou terminográfica, faz com que os artigos terminológicos sejam dispostos em ordem alfabética. Esse tipo de organização não é condizente com as relações conceituais que existem entre os verbetes, de onde vem o papel fundamental do sistema de remissivas, que reconstrói a teia conceitual dispersa pela ordem alfabética.

Greimas e Courtès, no prefácio do “Dicionário de Semiótica” (1979), comentam o problema das remissivas: “O maior inconveniente está na dispersão alfabética do corpo dos conceitos, coisa que torna difícil controlar a coerência taxionômica que se supõe subjacente a eles.” (GREIMAS, COURTÈS, 1979, s/p). Um aspecto importante a respeito do glossário concerne à leitura que se faz deste tipo de obra é sua leitura não linear, que corresponde a uma

consulta, já que durante a leitura de um artigo lexicográfico e/ou terminográfico o leitor pode ser remetido a outro verbete diferente localizado em outra parte do glossário.

Durante essa leitura característica que se faz de um dicionário, podem ser construídas, pelo leitor, trajetórias de leitura diagonais, como o diz Pais (*apud* FERREIRA, 2000, p. 128): “o dicionário ou vocabulário oferece ao usuário, ao sujeito enunciatário, *trajetórias de leituras* e determina, ao mesmo tempo, *percursos intertextuais e interdiscursivos*, pelos quais pode transitar a comunicação e a cooperação entre especialistas de áreas do saber e suas aplicações”.

São possíveis várias trajetórias de leituras. Um exemplo de remissão é quando na definição de uma palavra são usados termos que também estão presentes como entradas no dicionário, em que o leitor pode optar por ler também essas outras entradas. Esse processo caracteriza as remissivas implícitas.

As mais facilmente reconhecíveis são as remissivas explícitas, que são aquelas marcadas por um sinal gráfico ao final do texto acompanhada pela entrada do verbete ao qual quer remeter, ou a palavra “ver” e a entrada remetida em seguida (ex: “→ *reine Sprache*” ou em outro caso, “Ver: *reine Sprache*”). Ao ler um verbete, o leitor (ou consulente) do glossário pode ser remetido à leitura de outro verbete.

No nosso caso, o leitor-consulente, durante a leitura de um verbete que consista em uma variante tradutiva, será remetido (pela remissiva explícita) ao termo original em alemão. Ele pode ainda, ao ler o verbete de algum termo de Benjamin, ser remetido a um verbete de um termo complementar. Isso acontece também com os verbetes de termos formulados pelos filiados teóricos Berman, Meschonnic e Campos, em que o leitor-consulente pode ser remetido a outros termos complementares do próprio teórico em questão. O último tipo de remissiva presente no glossário se estabelece a partir de termos dos herdeiros teóricos de Benjamin, remetendo aos termos benjaminianos que deram origem a eles, religando, dessa forma, as filiações teóricas e redes conceituais entre os termos-entrada.

Esquemáticamente temos então três tipos de remissivas:

- relação de tradução: da VT (variante tradutiva) ao termo original em alemão.

Exemplo: forma → *Form*

- relação de complementaridade conceitual: do termo de Benjamin a outro termo complementar benjaminiano e dos termos dos teóricos a outro termo complementar dos teóricos.

Exemplo: *Aufgabe (des Übersetzers)* → *reine Sprache*

descentramento/*décentrement* → alteridade/*altérité*

- relação histórica: termos dos filiados para termo benjaminiano.

Exemplo: descentramento/*décentrement* → *Aufgabe (des Übersetzers)*

Após a análise das relações existentes entre os teóricos da tradução que nos propomos a analisar no âmbito deste trabalho (expresso em seus termos-conceitos), a análise das variantes tradutivas dos termos benjaminianos escolhidos aqui (e que também fazem parte do glossário) e da elaboração de um projeto terminográfico como exposto no presente capítulo, percorremos um caminho que possibilita a concretização do glossário. Em seguida, apresentamos o “Glossário de leituras de *“Die Aufgabe des Übersetzers”* de Walter Benjamin: uma contribuição para a História Contemporânea da Tradução”.

## CAPÍTULO 5

### O GLOSSÁRIO

*On cherche des mots, on trouve le discours.*

*On cherche le discours, on trouve des mots.*

Meschonnic

**GLOSSÁRIO DE LEITURAS DE “DIE AUFGABE DES ÜBERSETZERS”  
DE WALTER BENJAMIN: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A  
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DA TRADUÇÃO**

**Apresentação**

O presente glossário pretende registrar leituras do texto fundamental de Walter Benjamin, intitulado originalmente como “*Die Aufgabe des Übersetzers*”. Sua elaboração foi feita a partir do exposto no livro “*De Walter Benjamin à nos jours... (Essais de traductologie)*” (2007) de Inês Oseki-Dépré. As informações contidas devem permitir retratar as relações conceituais entre os termos de Walter Benjamin e de seus herdeiros teóricos (eixo histórico) – e privilegiados neste trabalho Antoine Berman, Henri Meschonnic e Haroldo de Campos – e entre os herdeiros (eixo comparativo). Além disso, a presença das variantes tradutivas dos termos benjaminianos deve permitir levantar as preferências tradutórias nas escolhas das acepções quando o termo benjaminiano apresenta polissemia.

Pretendemos, com esta proposta de glossário apresentada aqui, contribuir para a História da Tradução por meio de uma Terminologia Histórica retratando o caminho desde Benjamin até alguns de seus herdeiros teóricos, bem como, a partir das traduções dos termos benjaminianos e termos propostos por Antoine Berman, Henri Meschonnic e Haroldo de Campos, retornar à fonte benjaminiana.

Assim, com esse objetivo, a abordagem crítica do glossário está manifestada na macroestrutura com a escolha de cinco termos benjaminianos apresentados por Oseki-Dépré em sua obra, dos termos dos três filiados teóricos privilegiados neste trabalho e das variantes tradutivas dos termos de Benjamin; bem como na microestrutura (tipo de definição que seja capaz de demonstrar o caráter proposto) e no sistema de remissivas (que liga os conceitos a partir dos objetivos do glossário).

Constam, no glossário, entradas em três línguas: alemão, português e francês. Como indicou Walter Benjamin ao falar de sua *reine Sprache*, fazemos aqui uma tentativa de alcançar por meio das informações, perspectivas teóricas e críticas (históricas) apresentadas, experimentar a completude das línguas na descrição do pensamento crítico sobre a tarefa do tradutor, um “*rein saber*” inacabado por natureza. Em alemão, estão os termos originais de Benjamin e os termos em francês são as traduções dos termos de Benjamin. Já os termos em português são as traduções dos termos de Benjamin, os termos propostos por Antoine Berman e Henri Meschonnic traduzidos para o português (em que ao lado consta o termo original em

francês) além dos termos de Haroldo de Campos que foram escritos originalmente em português (seguidos da tradução para o francês).

As entradas em português e francês estão em letra minúscula (salvo casos de variantes tradutivas que optaram propositalmente pela letra maiúscula). Já as entradas em alemão estão grafadas com as letras iniciais maiúsculas, pois são substantivos e, seguindo a regra da língua alemã, os substantivos são sempre grafados com as letras iniciais maiúsculas independentemente da posição da palavra na frase. Todas as entradas vêm acompanhadas da indicação do idioma. As variantes tradutivas têm a marcação “(VT)” para que sejam facilmente identificadas. A maioria dos termos são substantivos (simples e compostos) e temos também alguns verbos. Esses constam nas entradas dos verbetes em sua forma lematizada, no infinitivo, acompanhados pela marcação “v.”. Dentro do verbete estão as formas conjugadas dos verbos como aparecem nos textos.

Temos três tipos de verbete: dos termos de Walter Benjamin, com suas acepções de acordo com a língua alemã e sua definição de acordo com o discurso de Benjamin; dos termos dos filiados teóricos de Benjamin (Antoine Berman, Henri Meschonnic e Haroldo de Campos) onde há a definição conceitual; e das variantes tradutivas dos termos de Benjamin em que há as informações sobre os tradutores e ano, além de aspectos linguísticos.

O processo de remissivas tem papel importante neste glossário que se quer crítico (histórico-comparativo). Assim, temos três tipos de remissiva: a) termos dos herdeiros teóricos (Antoine Berman, Henri Meschonnic e Haroldo de Campos) que remetem aos termos de Walter Benjamin que os originaram/inspiraram; b) termos complementares dos herdeiros teóricos que remetem a outros termos de herdeiros e termos benjaminianos remetendo a outros termos de Benjamin que também são complementares; c) traduções de termos, chamadas aqui de “variantes tradutivas” que remetem aos termos originais (em alemão) de Benjamin.

Este glossário não engloba tudo o que a Teoria da Tradução contemporânea nos oferece, mas pretende ilustrar como podemos traçar relações teóricas (e históricas) usando como objeto de estudo os termos propostos pelos teóricos da Tradução. A Terminografia aqui serviu para sistematizar o conhecimento e apresentar um produto final que se quer mais uma proposta de como elaborar um glossário crítico do que uma obra encerrada, definitiva. Na microestrutura e no processo de remissivas que poderão ser apreciados a seguir, pretendemos refletir o percurso de pesquisa percorrido para a realização de um Glossário Crítico.

Esperamos que este possa servir de incentivo para próximos trabalhos que também queiram estar numa posição de diálogo da História da Tradução, Terminologia e Epistemologia.

Os verbetes que constam no glossário estão os apresentados (e numerados) a seguir:

- |  |   |
|--|---|
| 1. <i>abandon (du traducteur)</i>          | 29. Pura língua ou linguagem [ <i>Sprache</i> ] |
| 2. alterar                                 | 30. pura linguagem                              |
| 3. alteridade/ <i>altérité</i>             | 31. <i>reine Sprache</i>                        |
| 4. <i>Aufgabe (des Übersetzers)</i>        | 32. ritmo/ <i>rythme</i>                        |
| 5. descentramento/ <i>décentrement</i>     | 33. <i>tâche (du traducteur)</i>                |
| 6. entre-línguas/ <i>entre-les-langues</i> | 34. tarefa (do tradutor)                        |
| 7. ética/ <i>éthique</i>                   | 35. tarefa-renúncia (do tradutor)               |
| 8. <i>Form</i>                             | 36. transcrição/ <i>transcréation</i>           |
| 9. forma                                   | 37. transformação(ões)                          |
| 10. <i>forme</i>                           | 38. transformar                                 |
| 11. isomorfismo/ <i>isomorphisme</i>       | 39. <i>transformer</i>                          |
| 12. <i>langage pur</i>                     | 40. <i>Wandel</i>                               |
| 13. letra/ <i>lettre</i>                   | 41. <i>wandeln</i>                              |
| 14. Língua perfeita e pura                 | 42. <i>Wandlung(en)</i>                         |
| 15. língua pura                            | 43. <i>Wörtlichkeit</i>                         |
| 16. Língua pura                            |   |
| 17. literalidade                           |   |
| 18. literalidade/ <i>littéralité</i>       |   |
| 19. <i>littéralité</i>                     |   |
| 20. metamorfose(s)                         |   |
| 21. modificações                           |   |
| 22. modificar                              |   |
| 23. <i>modifier</i>                        |   |
| 24. mudança(s)                             |   |
| 25. mudar                                  |   |
| 26. <i>mutation(s)</i>                     |   |
| 27. <i>pur langage</i>                     |   |
| 28. pura língua                            |   |

**Guia de leitura**

entrada                      idioma                      acepções dicionário de língua

**Aufgabe** (des Übersetzers) al.

1 - Algo que se deve fazer por um motivo definido, tarefa (*Lan*). 2 - Término antecipado de uma atividade, renúncia, desistência, abandono (*Lan*).

WB - Dever inatingível do tradutor durante sua atividade de revelar a relação mais íntima entre as línguas: a *reine Sprache*, que só se manifesta no encontro das línguas na prática tradutória por meio da recriação. Uma tarefa e/ou uma renúncia vivida pelo tradutor enquanto sujeito de sua prática.

→ *reine Sprache*

remissiva

definição de acordo com o teórico

entrada                      idioma                      indicação de variante tradutiva                      informações sobre a variante tradutiva: tradutores e informações linguísticas

**Pura língua ou linguagem** [*Sprache*] pt. (VT)

Tradução do termo “*reine Sprache*” feita por Susana Kampff Lages (2010) na qual são contempladas as duas acepções da palavra “*Sprache*” em alemão “língua” e “linguagem” (*Lan*) acompanhadas da própria palavra original, e em que a anteposição do adjetivo tem valor descritivo: “a língua ou linguagem mesma”, “a própria língua ou linguagem”.

Nota: A presença do termo alemão “*Sprache*” enfatiza a dificuldade da tradução desse termo polissêmico e pode introduzir uma neologia tradutiva por empréstimo na língua de tradução.

→ *reine Sprache*

remissiva

nota com informações complementares que podem ser de caráter histórico e comentários

**Abreviações e símbolo:**

AB – Antoine Berman

*al.* – língua alemã

*fr.* – língua francesa

HC – Haroldo de Campos

HM – Henri Meschonnic

*Hou* – dicionário Houaiss de língua portuguesa (2009)

*Lan* – dicionário *Langenscheidt* de língua alemã (2003)

O-D – Inês Oseki-Dépré

*pt.* – língua portuguesa

*Rob* – dicionário *Le Robert* de língua francesa (2005)

(VT) – variante tradutiva

v. – verbo

WB – Walter Benjamin

→ remissiva

**abandon** (*du traducteur*) fr. (VT)

Tradução do termo “*Aufgabe (des Übersetzers)*” feita por Laurent Lamy e Alexis Nouss (1997) em que é privilegiada a segunda acepção do termo “*Aufgabe*” em alemão; renúncia, abdicação (*Lan, Rob*).

→ *Aufgabe (des Übersetzers)*

---

**alterar** pt. v. (VT)

Aparece no texto conjugado na terceira pessoa do plural: “alteram”.

Tradução do termo “*wandeln*” também na terceira pessoa do plural feita por João Barrento (2008).

→ *wandeln, Wandel*

---

**alteridade** pt. / *altérité* fr.

AB – diferença produzida por um descentramento para revelar o Outro, acolher o Outro como Outro, não como o mesmo.

HM – conceito constitutivo da identidade que tem função mediadora na tradução.

Nota: HM critica a visão platônica de dualidade em que os termos se opõem. Para ele os termos se complementam. Assim, a inseparabilidade no pensamento de HM é manifestada nos conceitos de alteridade e identidade em que um é definido pelo outro e vice versa: “L’Alterité est constitutive du même (de la *mêméité*).” (O-D., 2007, p. 32).

→ *Aufgabe (des Übersetzers)*; descentramento / *décentrement*

---

**Aufgabe** (*des Übersetzers*) *al.*

1 - Algo que se deve fazer por um motivo definido, tarefa (*Lan*). 2 - Término antecipado de uma atividade, renúncia, desistência, abandono (*Lan*).

WB - Dever inatingível do tradutor durante sua atividade de revelar a relação mais íntima entre as línguas: a *reine Sprache*, que só se manifesta no encontro das línguas na prática tradutória por meio da recriação. Uma tarefa e/ou uma renúncia vivida pelo tradutor enquanto sujeito de sua prática.

→ *reine Sprache*

---

**descentramento** *pt.* / *décentrement fr.*

Mudança de lugar de um sujeito (o tradutor) que pode ser experimentado pelo abandono das referências próprias para uma relação com a alteridade.

AB – Condição necessária na tradução ética para a acolhida do estrangeiro.

HM – Relação entre textos de línguas-culturas diferentes que mobiliza as estruturas linguísticas de cada uma delas já que o valor produzido se realiza diferentemente em cada língua-cultura recusando a “anexação” do estrangeiro.

→ *Aufgabe (des Übersetzers)*; alteridade / *altérité*

---

**entre-línguas** *pt.* / *entre-les-langues fr.*

HM – Espaço de encontro das línguas onde se manifesta a *reine Sprache* na atividade tradutória.

Nota: Para HM, o entre-línguas é um espaço de transparência, onde a língua do original aparece na tradução.

→ *reine Sprache*

---

**ética** *pt.* / *éthique fr.*

AB – Visada da operação tradutória que busca acolher o estrangeiro e consiste no não apagamento da alteridade (respeito pelo outro), na abertura, no diálogo, na mestiçagem, descentramento.

→ *Aufgabe (des Übersetzters)*

---

**Form** *al.*

Modo pelo qual algo é organizado; estado plástico em que algo se encontra (*Lan*).

WB – Materialidade/corporeidade do texto; manifestação formal do texto.

Nota: “la traduction est une *forme* dont les lois sont à chercher dans l’original.” (WB *apud* O-D, 2007, p. 19)

→ *Wörtlichkeit*

---

**forma** *pt.* (VT)

Tradução do termo “*Form*” feita por Fernando Camacho (1979), Karlheinz e outros (1994), Susana Kampff Lages (2001, 2010 e 2011) e João Barrento (2008). Configuração física como

decorrência da estruturação das suas partes; formato, feitio; estado plástico em que algo se encontra (*Hou, Lan*).

→ *Form*

---

***forme*** fr. (VT)

Tradução do termo “*Form*” feita por Maurice de Gandillac (2000) e Laurent Lamy e Alexis Nouss (1997). Aparência, aspecto sensível; estado plástico em que algo se encontra (*Rob, Lan*).

→ *Form*

---

**isomorfismo** pt. / *isomorphisme* fr.

HC – Paralelismo formal entre original e tradução já que são consideradas como obras de igual valor, não “iguais” esteticamente, mas sim de igual valor literário.

Nota: HC considera a tradução como recriação paralela ao original, mas autônoma em relação a ele.

→ *Wandel*; transcrição / *transcréation*

---

***langage pur*** fr. (VT)

Tradução do termo “*reine Sprache*” feita por Maurice de Gandillac (2000) na qual é privilegiada a segunda acepção da palavra “*Sprache*” em alemão “linguagem”, em que a posição do adjetivo tem valor restritivo “a linguagem que é pura, não impura, não maculada”.

→ *reine Sprache*

---

**letra** *pt.* / *lettre fr.*

AB – Materialidade, corporeidade, realidade carnal do texto, objeto de atenção do tradutor em função da visada ética da tradução.

Nota: AB separa a forma e o conteúdo do texto. A letra se relaciona com o significante (em oposição ao significado).

→ *Form*; literalidade / *littéralité*

---

**Língua perfeita e pura** *pt.* (VT)

Tradução do termo “*reine Sprache*” feita por Fernando Camacho (1979) na qual é privilegiada a primeira acepção da palavra “*Sprache*” em alemão “língua” em que a posposição dos adjetivos tem valor restritivo: “a língua que é perfeita, indefectível, a língua que é pura, não impura, não maculada”.

→ *reine Sprache*

---

**língua pura** *pt.* (VT)

Tradução do termo “*reine Sprache*” feita por Fernando Camacho (1979), Karlheinz Barck e outros (1994) na qual é privilegiada a primeira acepção da palavra “*Sprache*” em alemão “língua” em que a posposição do adjetivo tem valor restritivo: “a língua que é pura, não impura, não maculada”.

→ *reine Sprache*

---

**Língua pura** *pt.* (VT)

Tradução do termo “*reine Sprache*” feita por João Barrento (2008) na qual é privilegiada a primeira acepção da palavra “*Sprache*” em alemão “língua” em que a posposição do adjetivo tem valor restritivo: “a língua que é pura, não impura, não maculada”.

Nota: O substantivo “Língua” está grafado com letra maiúscula como na língua alemã, em que obrigatoriamente o substantivo é grafado com letra inicial maiúscula independentemente de sua posição na frase (*Sprache*).

→ *reine Sprache*

---

**literalidade** *pt.* (VT)

Tradução do termo “*Wörtlichkeit*” feita por Fernando Camacho (1979), Karlheinz e outros (1994), Susana Kampff Lages (2001, 2010 e 2011) e João Barrento (2008); que reproduz exatamente determinado texto, exatamente conforme o texto original (*Hou, Lan*).

→ *Wörtlichkeit*

---

**literalidade** *pt.* / *littéralité* *fr.*

AB - Modo de proceder na tradução privilegiando o respeito à letra (*lettre*) no traduzir.

HM - Modo de proceder na tradução apreendendo o movimento da palavra na escrita (ritmo, significância).

→ *Form*, letra / *lettre*, ritmo / *rythme*

---

***littéralité*** *fr.* (VT)

Tradução do termo “*Wörtlichkeit*” feita por Maurice de Gandillac (2000) e Laurent Lamy e Alexis Nouss (1997); estrita conformidade à letra, ao texto, exatamente conforme o texto original (*Rob, Lan*).

→ *Wörtlichkeit*

---

**metamorfose(s) pt. (VT)**

Tradução dos termos “*Wandlung*” (metamorfose) e “*Wandlungen*” (metamorfozes) feita por Fernando Camacho (1979) e apenas do termo “*Wandlung*” (metamorfose) por Karlheinz e outros (1994).

Nota: Karlheinz e outros traduz a forma singular “*Wandlung*” por metamorfose, e a forma plural “*Wandlungen*” por “mudanças”.

→ *Wandlung(en), Wandel*

---

**modificações pt. (VT)**

Tradução do termo “*Wandlungen*” feita por Susana Kampff Lages (2001, 2010, 2011).

→ *Wandlung(en), Wandel*

---

**modificar pt. v. (VT)**

Aparece no texto conjugado na terceira pessoa do singular “modifica”.

Tradução dos termos “*wandeln*” (“modifica”) e “*wandelt*” (“modifica”) feita por Fernando Camacho (1979).

→ *wandeln, Wandel*

---

**modifier** *fr.* v. (VT)

Aparece no texto conjugado na terceira pessoa do plural “*modifient*” e na terceira pessoa do singular “*modifie*”.

Tradução dos termos “*wandeln*” (“*modifient*”) e “*wandelt*” (“*modifie*”) feita por Maurice de Gandillac (2000).

→ *wandeln, Wandel*

---

**mudança(s)** *pt.* (VT)

Tradução dos termos “*Wandlungen*” (mudanças) e “*Wandel*” (mudança) feita por Karlheinz Barck e outros (1994), do termo “*Wandlungen*” (mudanças) por Susana Kampff Lages (2001, 2010, 2011) e dos termos “*Wandlungen*” (mudanças) e “*Wandel*” (mudança) por João Barrento (2008).

→ *Wandlung(en), Wandel*

---

**mudar** *pt.* v. (VT)

Aparece no texto conjugado na terceira pessoa do plural: “*mudam*” e na terceira pessoa do singular “*muda*”.

Tradução dos termos “*wandeln*” (“*mudam*”) e “*wandelt*” (“*muda*”) feita por Karlheinz Barck e outros (1994), e tradução apenas do termo “*wandelt*” (“*muda*”) por João Barrento (2008).

→ *wandeln, Wandel*

---

***mutation(s) fr. (VT)***

Tradução dos termos “*Wandlung*” (*mutation*) e “*Wandlungen*” (*mutations*) feita por Maurice de Gandillac (2000) e Laurent Lamy e Alexis Nouss (1997).

→ *Wandlung(en), Wandel*

---

***pur langage fr. (VT)***

Tradução do termo “*reine Sprache*” feita por Maurice de Gandillac (2000) e Laurent Lamy e Alexis Nouss (1997) em que é privilegiada a segunda acepção da palavra “*Sprache*” em alemão “linguagem” (*Lan*), em que a anteposição do adjetivo tem valor descritivo: “a linguagem mesma”, “a própria linguagem”.

→ *reine Sprache*

---

***pura língua pt. (VT)***

Tradução do termo “*reine Sprache*” feita por Susana Kampff Lages (2001, 2010 e 2011) em que é privilegiada a primeira acepção da palavra “*Sprache*” em alemão “língua” (*Lan*), em que a anteposição do adjetivo tem valor descritivo: “a língua mesma”, “a própria língua”.

→ *reine Sprache*

---

**Pura língua ou linguagem [*Sprache*] pt. (VT)**

Tradução do termo “*reine Sprache*” feita por Susana Kampff Lages (2010) na qual são contempladas as duas acepções da palavra “*Sprache*” em alemão “língua” e “linguagem” (*Lan*) acompanhadas da própria palavra original, e em que a anteposição do adjetivo tem valor descritivo: “a língua ou linguagem mesma”, “a própria língua ou linguagem”.

Nota: A presença do termo alemão “*Sprache*” enfatiza a dificuldade da tradução desse termo polissêmico e pode introduzir uma neologia tradutiva por empréstimo na língua de tradução.

→ *reine Sprache*

---

#### **pura linguagem** *pt.* (VT)

Tradução do termo “*reine Sprache*” feita por Karlheinz Barck e outros (1994) e Susana Kampff Lages (2010) em que é privilegiada a segunda acepção da palavra “*Sprache*” em alemão “linguagem” (*Lan*), em que o adjetivo anteposto tem valor descritivo: “a linguagem mesma”, “a própria linguagem”.

→ *reine Sprache*

---

#### ***reine Sprache*** *al.*

*reine* – *al.* adj (lema: *rein*). 1 – puro, límpido (*Lan*). 2 – usado para reforçar uma afirmação, mesmo (*Lan*).

*Sprache* – *al.* sf. 1 – língua (*Lan*). 2 – linguagem (*Lan*).

WB – Completude obtida pela relação íntima entre as línguas, que as habita e paira sobre elas como algo virtual que se concretiza no encontro das línguas promovido pela tradução.

Nota: No alemão o adjetivo sempre é posicionado antes do substantivo conforme a gramática normativa da língua alemã, como em “*reine Sprache*”.

---

**ritmo** *pt.* / *rythme fr.*

HM – Manifestação da subjetivação da linguagem; modo de organização do discurso pelo sujeito, manifestação da significância.

Nota: Para Meschonnic forma/significante e conteúdo/significado são inseparáveis. Os aspectos para a construção deste discurso historicizado é manifestado em na oralidade, na prosódia.

→ *Form*, literalidade / *littéralité*

---

**tâche** (*du traducteur*) *fr.* (VT)

Tradução do termo “*Aufgabe (des Übersetzers)*” feita por Maurice de Gandillac (2000) em que é privilegiada a primeira acepção do termo “*Aufgabe*” em alemão “trabalho determinado a ser feito, tarefa” (*Rob, Lan*).

→ *Aufgabe (des Übersetzers)*

---

**tarefa** (do tradutor) *pt.* (VT)

Tradução do termo “*Aufgabe (des Übersetzers)*” feita por Fernando Camacho (1979), Karlheinz e outros (1994), João Barrento (2008), Susana Kampff Lages (2010 e 2011) em que é privilegiada a primeira acepção de “*Aufgabe*” no alemão “qualquer trabalho a ser feito, tarefa” (*Hou, Lan*).

→ *Aufgabe (des Übersetzers)*

---

**tarefa-renúncia** (do tradutor) *pt.* (VT)

Tradução neológica do termo “*Aufgabe (des Übersetzers)*” feita por Susana Kampf Lages (2001) em que são contempladas as duas acepções da palavra “*Aufgabe*” em alemão a primeira “qualquer trabalho a ser feito, tarefa” e a segunda acepção “abdicação, desistir de algo, renúncia” (*Hou, Lan*).

→ *Aufgabe (des Übersetzers)*

---

**transcrição** *pt.* / *transcréation fr.*

HC – Processo de tradução como criação paralela ao original, mas autônoma em relação a ele; criação, de aspectos formais (sonora, conceitual, imagética - aliterações, paronomásias, assonâncias) que sejam isomorfos esteticamente daqueles do original que podem ser obtidos percorrendo as etapas da criação do original e o resultado é um outro texto de igual valor literário.

Nota: Inspirado em *Umdichtung* de WB, Haroldo de Campos usa o termo “recriação” em suas primeiras obras e mais tarde cria o termo “transcrição” para dar conta também da transformação envolvida no processo.

→ *Form*; isomorfismo / *isomorphisme*

---

**transformação(ões)** *pt.* (VT)

Tradução do termo “*Wandlungen*” (transformações) feita por Karlheinz Barck e outros (1994), dos termos “*Wandlung*” (transformação), “*Wandel*” (transformação) e “*Wandlungen*” (transformações) por Susana Kampf Lages (2001, 2010, 2011) e apenas do termo “*Wandlungen*” (transformações) por João Barrento (2008).

→ *Wandlung(en)*, *Wandel*

---

**transformar** *pt. v. (VT)*

Aparece no texto conjugado na terceira pessoa do plural “transformam” e na terceira pessoa do singular “transforma”.

Tradução dos termos “*wandeln*” (transformam) e “*wandelt*” (transforma) feita por Susana Kampff Lages (2001, 2010, 2011).

→ *wandeln, Wandel*

---

**transformer** *fr. v. (VT)*

Aparece no texto conjugado na terceira pessoa do plural: “*transforment*” e na terceira pessoa do singular “*transforme*”.

Tradução dos termos “*wandeln*” (*transforment*) e “*wandelt*” (*transforme*) feita por Laurent Lamy e Alexis Nouss (1997).

→ *wandeln, Wandel*

---

**Wandel** *al.*

WB – Processo de transformações pelo qual o original passa ao ser traduzido culminando num texto traduzido; deve fazer com que a tradução seja polissêmica, enigmática, essencial, não fazer com que a tradução seja um calque do original; a transformação de um estado para outro (*Lan*).

Nota: Não sendo cópia do original, a tradução passa por transformações para dar sobrevida/sobrevivência ao original.

---

**wandeln** *al. v.*

Aparece no texto conjugado na terceira pessoa do plural “*wandeln*” e conjugado na terceira pessoa do singular “*wandelt*”; “transformar, mudar, alterar” (*Lan*).

→ *Wandel*

---

**Wandlung(en)** *al.*

Alteração, mudança, transformação (*Lan*); pl. “*Wandlungen*”.

Nota: Em alemão a partícula “-en” ao final da palavra é indicativo de plural.

→ *Wandel*

---

**Wörtlichkeit** *al.*

WB – Modo de proceder na tradução que privilegia a transparência, o apagamento do tradutor ao traduzir visando a menor interferência no texto original para que este transpareça no texto traduzido; conformidade com o texto original, literalidade (*Lan*).

## Referências Bibliográficas do Glossário

OSEKI-DÉPRÉ, Inês. **De Walter Benjamin à nos jours...** (Essais de traductologie). Paris: Honoré Champion Editeur, 2007.

### Benjamin e suas traduções (português e francês):

BENJAMIN, Walter. La tâche du traducteur (traduzido por Maurice de Gandillac) in **Œuvres I – Walter Benjamin**. Paris: Gallimard, 2000.

BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. Tradução de Susana Kampff Lages. In: **Escritos sobre Mito e Linguagem**, Rio de Janeiro: Editora 34, 2011, p. 101 - 119.

HEIDERMANN, Werner. Antologia Bilíngue - **Clássicos da Teoria da Tradução – alemão-português**. vol. 1. 2ª ed. Florianópolis: Núcleo de Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

BRANCO, Lucia Castello (org.). **A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin**: quatro traduções para o português. Belo Horizonte: Viva Voz, 2008.

LAMY, Laurent; NOUSS, Alexis. L'abandon du traducteur: prolégomènes à la traduction des "Tableaux parisiens" de Charles Baudelaire. **TTR : traduction, terminologie, rédaction**, vol. 10, n° 2, 1997, p. 13-69.

### Livros de apoio dos “herdeiros” teóricos:

BERMAN, Antoine. **A prova do estrangeiro**: Cultura e tradução na Alemanha romântica. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tradução de Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. Revisão de tradução: Luana Ferreira de Freitas, Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Orlando Luiz de Araújo. 2ª ed. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

BERMAN, Antoine. A tradução e seus discursos. In: **ALEA**, v. 11, n. 2, p. 341-353. julho-dezembro, 2009.

CAMPOS, Haroldo de. “Da tradução como criação e como crítica”. In: **Metalinguagem e outras metas**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CAMPOS, Haroldo de. A palavra vermelha de Hölderlin. In: **A arte no horizonte do provável**. São Paulo: Perspectiva, 1969.

CAMPOS, Haroldo de. “Da tradução como criação e como crítica”. In: **Metalinguagem e outras metas**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CAMPOS, Haroldo de. “Transluciferação Mefistofáustica”. In: **Deus e o Diabo no Fausto de Goethe**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

MESCHONNIC, Henri. **Éthique et politique du traduire**. Paris: Verdier, 2007.

MESCHONNIC, Henri. **Poética do traduzir**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

MESCHONNIC, Henri. **Poétique du traduire**. Paris: Verdier, 1999.

Obras lexicográficas:

HOUAISS, Antônio (Ed.). **Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa**. Coordenação geral de Francisco Manoel de Mello Neto. São Paulo: Objetiva Ltda., 2009. CD-ROM.

LANGENSCHIEDT (Ed.). **Growörterbuch Deutsch als Fremdsprache**. Coordenação de Dieter Götz, Günther Haensch e Hans Wellmann. Berlin und München: Langenscheidt KG, 2003.

ROBERT, Jean (Ed.). **Le Grand Robert de la langue française** – Version électronique. Coordenação de Alain Rey. Paris : Le Robert/SEJER, 2005. CD-ROM.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*La traduction métisse les cultures comme  
elle métisse les périodes historiques.*

Alexis Nouss e François Laplantine

A realização de um trabalho como este permite que confirmemos a complexidade não apenas da prática tradutória, mas também de sua teoria. O volume e qualidade da produção teórica sobre tradução merece que nos dediquemos à sua pesquisa, não só para a melhor compreensão do que postulam os diferentes teóricos da tradução, mas também, para afirmar a constituição da nossa área de conhecimento.

Nossa escolha de obra balizadora de nosso percurso de pesquisa foi proveitosa na medida em que Inês Oseki-Dépré, professora, tradutora e pesquisadora vê o campo da tradução a partir de um olhar crítico, e assim, como pensadora da história contemporânea da tradução, não só revisa os conceitos de Walter Benjamin e identifica os herdeiros teóricos das ideias benjaminianas, mas tem o grande papel de, com a sua obra, inserir os latino-americanos, principalmente a figura de Haroldo de Campos, na história da teoria da tradução numa perspectiva mundial.

Vemos assim a importância de Walter Benjamin para a História da Tradução inaugurando de uma ruptura no pensamento sobre a Tradução. Ele o faz ao elevar as traduções de Hölderlin a novos paradigmas para a Teoria e História da tradução constituindo assim uma mudança epistemológica e conseqüentemente terminológica no pensar o traduzir.

A partir do que propõe Benjamin, numa recusa à antiga dualidade fidelidade vs. liberdade, um novo pensamento sobre a tradução inicia, como nas palavras de Haroldo de Campos, “A radical e subversiva teoria da tradução benjaminiana (...)” (2013, p. 52) que se tornou um dos textos mais importantes do século XX, senão o mais importante deles, como no entendimento de Berman:

“Consideramos este texto como o texto central do século XX sobre a tradução. Talvez cada século não produza mais do que um só texto deste gênero: um texto insuperável, da qual toda outra meditação sobre a tradução deve partir, nem que seja para se colocar contra ele.” (BERMAN, 2008, p. 17)<sup>71</sup>.

O texto de Benjamin se tornou assim imprescindível e um marco, como destaca Meschonnic ao criticar aqueles que vêem o mundo em separações binárias: “A modernidade sem dúvida começa com a crítica deste mundo. É o motivo pelo qual “A Tarefa do Tradutor”,

---

<sup>71</sup> Trecho original : “Nous considérons ce texte comme *le* texte central du XXe siècle sur la traduction. Peut-être chaque siècle ne produit-il qu’un texte de ce genre : un texte indépassable, duquel toute autre méditation sur la traduction doit partir, fût-ce pour se dresser contre lui. ”

de Walter Benjamin, em 1923, é um marco significativo disto. (MESCHONNIC, 1999, p. 248)<sup>72</sup>.

Antoine Berman, apontado como o grande herdeiro de Walter Benjamin na França, tem a grande importância de reivindicar uma área da “Tradutologia”. Não entrando do mérito da denominação, essa reivindicação por uma área própria, interdisciplinar e ao mesmo tempo autônoma faz parte da História da Tradução como um movimento de afirmação. Henri Meschonnic por sua vez traz a poética para dentro de um pensamento sobre a atividade tradutória. O discurso como objeto da tradução.

A importância histórica da proposta de Haroldo de Campos para a teoria da tradução brasileira é inquestionável e é também um motivo para a inclusão do tema na obra de Inês Oseki-Dépré, que apresenta o autor brasileiro para um público francês (e francófono) da tradutologia em seu livro “*De Walter Benjamin à nos jours... (Essais de traductologie)*” (2007). Apesar da defesa de Oseki-Dépré a respeito da teoria de Campos, vemos também que a proposta de Haroldo de Campos pode ser questionada ou pelo menos relativizada, já que é interpretada por outros teóricos como uma metodologia autoritária a respeito da tradução poética. De qualquer forma, sua importância histórica e a inclusão de Campos numa História da Teoria da Tradução mundial manifesta um movimento crítico-político de Oseki-Dépré em relação à Tradutologia de herança benjaminiana-francesa.

Depois de analisados os discursos destes teóricos vemos ainda mais revelada a complexidade do texto de Benjamin por motivo das metáforas por vezes obscuras, mas também do caráter “bipolar” e “aporético” como diz Oseki-Dépré, que causa inclusive interpretações contraditórias. As leituras diversas de Benjamin são verificadas nas formulações teóricas que já exploramos e citamos há pouco, mas também nas traduções tantas vezes divergentes de seus termos.

As diferentes leituras que causaram diferentes traduções de certos termos de Benjamin, chamamos aqui de variantes tradutivas, lembrando que estas não são sinônimos como outras variantes trabalhadas na Linguística. As variantes tradutivas revelam interpretações diferentes por parte dos tradutores, que vão gerar leituras diferentes da história e teoria da tradução. Como propõe Benjamin ao falar que é no encontro das línguas na tradução que podemos vislumbrar a “pura língua(gem)”, e visando alcançar uma completude, foi proveitoso analisar as diferentes traduções dos termos benjaminianos e acabamos por

---

<sup>72</sup> Trecho original : La modernité sans doute commence avec la critique de ce monde. C’est pourquoi « La Tâche du traducteur », de Walter Benjamin, en 1923, en est un jalon significatif.

verificar que é no conjunto de todas as traduções dos termos que encontramos todos os sentidos pretendidos, ou melhor, englobados em seus conceitos em alemão.

A partir da *reine Sprache* de Benjamin, das análises da tradução deste e de outros termos benjaminianos e da leitura do conjunto de textos contendo diferentes interpretações teóricas de Benjamin que podemos tentar nos alçar a um “puro saber”, um “puro conhecimento”.

Foi possível ver também o papel do tradutor na constituição da terminologia de uma área, neste caso os Estudos da Tradução/Tradutologia. Quando um tradutor traduz um termo por várias palavras diferentes, é como se ele não reconhecesse aquilo como um termo e, portanto, faz uma “determinologização” daquele termo na língua da tradução: o que era um termo no texto original, por exemplo “*Wandel / wandeln / Wandlung(en)*”, o comumente chamado do conceito de transformação, é mencionado em alemão com diferentes palavras da que têm o mesmo radical, o que constitui uma unidade, ao ser traduzido para o português vemos uma não manutenção desta unidade. Um leitor pode não identificar também como termo.

Outro fenômeno tradutológico-terminológico provocado pela tradução de termos fundamentais é favorecer uma variante tradutiva que acaba se fixando na história daquela área do conhecimento em uma determinada língua, como o exemplo de “língua pura” que é muitíssimo usado e muitas vezes sem o questionamento sobre a tradução do termo, nem sobre seu original e todas as acepções que se encontram nele.

Com o estudo dos termos sobre os quais já falamos, pudemos percorrer a História da Terminologia da Tradução Contemporânea. Para uma melhor compreensão de uma área, criam-se conceitos, pois há a necessidade de criação de ferramentas mentais que dêem conta da percepção cognitiva do objeto (mesmo que metaforicamente) para a organização do conhecimento de uma área, ou seja, são criados os termos (conceito + denominação). A partir deles pudemos ver a evolução (temporal, não qualitativa) da área. A história dos termos de Benjamin, Berman, Meschonnic e Campos contribuiu para uma obra terminográfica crítica e para uma história do pensamento teórico e reflexivo da Tradução. Com a afirmação da existência de uma terminologia da área dá-se o status ontológico a uma área.

O glossário com o objetivo de propor uma microestrutura que desse conta do percurso crítico pretendido foi o grande desafio e objetivo maior do trabalho. Isso só foi possível por meio do estudo histórico de linhas teóricas a partir de Benjamin que acabou sendo um caminho epistemológico quando, assim, identificou a origem de teorias fundamentais para os

Estudos da Tradução/Tradutologia contemporânea. Contribuiu para isso também, a análise comparativa no sentido de entender como se diferem e em que se aproximam essas linhas que têm a mesma fonte benjaminiana. Comparativa também na medida em que coteja as traduções de um mesmo termo de Benjamin e verifica suas consequências.

A estruturação deste glossário crítico se deu não nos moldes de uma área técnica já estabelecida, com conceitos engessados, mas de pensar num glossário de conceitos que inclusive ainda são debatidos hoje. Neste sentido as definições não têm a finalidade de fechar o conceito do termo, mas apontar concepções teóricas. Além disso, no fazer, na atividade terminográfica o objeto (de Benjamin aos seus herdeiros teóricos) e a abordagem crítica orientam o fazer, para isso não existe um modelo prévio que possamos utilizar, mas este “modelo” deve ser construído em função destes fatores (objeto e abordagem).

Assim, a microestrutura que apresentamos neste trabalho contempla informações linguísticas, discursivas, teóricas, históricas etc., e as remissivas criam relações conceituais (complementaridade entre conceitos, herança teórica e variantes tradutivas e seus originais benjaminianos) entre os termos dando assim o caráter crítico ao glossário. Além disso a escolha das três línguas na macroestrutura permitiu respeitar os modos pensar de cada teórico em sua língua materna constituindo porque não um “puro pensamento” nos moldes benjaminianos.

A complexidade de articular a História (da Teoria) da Tradução, as questões epistemológicas e a Terminologia foi uma tarefa desafiadora e ao mesmo tempo instigante pelo seu caráter inovador, mas cujo sentido sempre foi claro, o de que podemos numa convergência de áreas do conhecimento, com os instrumentos e cada uma delas poder chegar a uma completude.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*Afirmo que a Biblioteca é interminável.*

Borges

AURÉLIO (Ed.). **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 4ª ed. Coordenação de Marina Baird Ferreira e Margarida dos Anjos. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

BARBOSA, Maria Aparecida. Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. In: **Ciência da Informação**, Brasília, DF, Brasil, v. 24, dez. 1995. Disponível em: <http://revista.ibict.br/cienciadainformacao/index.php/ciinf/article/view/493/447>. Acesso em: 31 Mai. 2014.

BARBOSA, Maria Aparecida. “Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: identidade científica, objeto, métodos e campos de atuação” in **II Simpósio Latino Americano de Terminologia, I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científica, Anais**. (Brasília, UniSo Latina, SCT/PR, CNPq, D3ICT, pág. 152-158). 1992

BARBOSA, Maria Aparecida. “Dicionário, vocabulário, glossário: concepções”. In: **Cadernos de Terminologia, nº 1**. São Paulo: FFLCH-CITRAT, 2001. p. 23-45.

BARROS, Lidia Almeida. **Curso básico de Terminologia**. São Paulo: EdUSP, 2004.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães et al. Revisão Técnica da Tradução: Eduardo Guimarães. 2ª edição. Campinas: Pontes, 2006.

BENJAMIN, Walter. La tâche du traducteur (traduzido por Maurice de Gandillac) in **Œuvres I – Walter Benjamin**. Paris: Gallimard, 2000.

BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. Tradução de Susana Kampff Lages. In: **Escritos sobre Mito e Linguagem**, Rio de Janeiro: Editora 34, 2011, p. 101 a 119.

BERMAN, Antoine. **A prova do estrangeiro: Cultura e tradução na Alemanha romântica**. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tradução de Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. Revisão de tradução: Luana Ferreira de Freitas, Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Orlando Luiz de Araújo. 2ª ed. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

BERMAN, Antoine. A tradução e seus discursos. In: **ALEA**, v. 11, n. 2, p. 341-353. julho-dezembro, 2009.

BERMAN, Antoine. **L'âge de la traduction**. Paris : Presses Universitaires de Vincennes (PUV), 2008.

BRANCO, Lucia Castello (org.). **A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português**. Belo Horizonte: Viva Voz, 2008.

CABRÉ, Maria Teresa. **La terminología. Teoría, metodología, aplicaciones**. Tradução de Carlos Tebé. Barcelona: Antártida/Empuries, 1993.

CABRÉ, M.T. Theories of terminology: their description, prescription and explanation. in **Terminology**, v. 9, n. 2, p. 163-199, 2003. Disponível em: <http://www.upf.edu/pdi/df/teresa.cabre/docums/ca03tgy.pdf>. Acesso em: 14 Jun. 2014.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução de Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMPOS, Haroldo de. A palavra vermelha de Hölderlin. In: **A arte no horizonte do provável**. São Paulo: Perspectiva, 1969.

CAMPOS, Haroldo de. “Da tradução como criação e como crítica”. In: **Metalinguagem e outras metas**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CAMPOS, Haroldo de. “Para além do princípio da saudade”. In: TAPIA, Marcelo; NÓBREGA, Thelma Médiçi (org). **Haroldo de Campos - Transcrição**. São Paulo: editora perspectiva, 2013.

CAMPOS, Haroldo de. “Transluciferação Mefistofáustica”. In: **Deus e o Diabo no Fausto de Goethe**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

CASANOVA, Pascale. **A república mundial das letras**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CHARAUDEAU, Patrick. **Grammaire du sens et de l’expression**. Paris: Hachette, 1992.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. 3ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

CONCEIÇÃO, Manuel Célio. **Concepts termes et reformulations**. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 2005.

COSTA, Patrícia Rodrigues. **Do ensino de tradução**. 2013. 305 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução - POSTRAD, Instituto de Letras, Universidade de Brasília – UnB. 2013.

CRUZ, Cleide Lemes da Silva. **(Re) Aplicação do Constructo de Faulstich**: Regras de formação das Unidades Terminológicas Complexas na área da Engenharia Civil. 2013. 178 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Pós-graduação em Linguística – PPGL, Instituto de Letras, Universidade de Brasília – UnB. 2013.

DELISLE, Jean. **La traduction au Canada/Translation in Canada (1534-1984)**. Ottawa : Les Presses de l’Université d’Ottawa, 1987.

DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel**. Tradução de Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

FAULSTICH, Enilde. Aspectos da terminologia geral e terminologia variacionista. In: **TradTerm**, São Paulo, v.7, n.1, p.11-40, 2001.

FAULSTICH, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. In: **Ciência da Informação**, Vol 24, número 3, 1995.

FERREIRA, Alice Maria de Araújo. **Para um Vocabulário Fundamental da Obra de Milton Santos**. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística da FFLCH. São Paulo: USP, 2000.

GAGNEBIN, Jeanne Marie (org.). **Escritos sobre Mito e Linguagem**, Rio de Janeiro: Editora 34, 2011, p. 101 a 119.

GREIMAS & COURTÈS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1979.

HARRIS, Brian. **Translation and Interpreting Schools**. Philadelphia: John Benjamins, 1997.

HEIDERMAN, Werner. Antologia Bilíngue - **Clássicos da Teoria da Tradução – alemão-português**. vol. 1. 2ª ed. Florianópolis: Núcleo de Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

HOUAISS, Antônio (Ed.). **Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa**. Coordenação geral de Francisco Manoel de Mello Neto. São Paulo: Objetiva Ltda., 2009. CD-ROM.

JAKOBSON, Roman. Aspectos linguísticos da tradução. In: **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein, José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, p. 63-72, 2008.

KRIEGER, Maria da Graça, FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à terminologia: teoria e prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

LAGES, Susana Kampff. **Babel revisitada: reler e re-traduzir “A tarefa do tradutor”**. Congresso Internacional da ABRALIC. São Paulo: USP, 2008.

LAGES, Susana Kampff. **Walter Benjamin: Tradução e Melancolia**. 2ª edição. São Paulo: EDUSP, 2007

LAMY, Laurent; NOUSS, Alexis. L’abandon du traducteur: prolégomènes à la traduction des "Tableaux parisiens" de Charles Baudelaire. **TTR : traduction, terminologie, rédaction**, vol. 10, n° 2, 1997, p. 13-69.

LANGENSCHIEDT (Ed.). **Growörterbuch Deutsch als Fremdsprache**. Coordenação de Dieter Götz, Günther Haensch e Hans Wellmann. Berlin und München: Langenscheidt KG, 2003.

MESCHONNIC, Henri. **Éthique et politique du traduire**. Paris: Verdier, 2007.

MESCHONNIC, Henri. **Poética do traduzir**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

MESCHONNIC, Henri. **Poétique du traduire**. Paris: Verdier, 1999.

NOUSS, Alexis. Présentation. In : **TTR : traduction, terminologie, rédaction**, vol. 10, n° 2, 1997, p. 9-12.

OSEKI-DÉPRÉ, Inês. **De Walter Benjamin à nos jours... (Essais de traductologie)**. Paris: Honoré Champion Editeur, 2007.

OSEKI-DÉPRÉ, Inês. **Théories et pratiques de la traduction littéraire**. Paris: Armand Colin, 1999.

PAVEL, S. A fraseologia na língua de especialidade. Metodologia de registro nos vocabulários terminológicos. In: FAULSTICH, E. e ABREU, S.P. (Org). **Linguística Aplicada à Terminologia e à Lexicografia**. Porto Alegre: URGs, 2003.

PYM, Anthony. **Translator Training I: University Programmes**. An International Comparison. 1997.

REY, Alain. **La Terminologie: Noms et notions**. Paris: PUF, 1992.

ROBERT, Jean (Ed.). **Le Grand Robert de la langue française** – Version életronique. Coordenação de Alain Rey. Paris : Le Robert/SEJER, 2005. CD-ROM.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. Os Estudos de Tradução nos programas brasileiros de pós-graduação. In: **Os estudos da tradução no Brasil nos séculos XX e XXI**. Andréia Guerini, Marie-Hélène Catherine Torres, Walter Carlos Costa (org.). Tubarão: Ed. Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

ROSSI, Ana, SOUSA, Germana. Entrevista com profa. Dra. INÊS OSEKI-DÉPRÉ. **Traduzires**, Brasília, Vol. 1, N. 2, dez. 2012. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/traduzires/article/view/8061/6129>>. Acesso em: 07 Ago. 2013.

SAGER, Juan Carlos. **Curso práctico sobre el procesamiento de la terminología**. Tradução de Laura C. Moya. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez/Pirámide, 1993.

SEPPÄLÄ, Selja. La définition en terminologie: typologies et critères définitoires. In: **Terminologie & Ontologies : Théories et applications**. Annecy, 2007.

STEINER, George. **Depois de Babel: questões de linguagem e tradução**. Tradução de Carlos Alberto Faraco. Curitiba: Editora da UFPR, 2005.

## ANEXO

Verbetes retirados do dicionário de língua alemã Langenscheidt “*Growörterbuch Deutsch als Fremdsprache*” (2003):

*zum mit Benzin a., ein Regal mit Waren a.*  
**Auf-ga-be**<sup>1</sup> *die*; **1** etw., das man aus bestimmten Gründen tun muss ≈ Verpflichtung <e-e interessante, unangenehme A.; etw. als seine A. ansehen; e-e A. bekommen, erfüllen, ausführen; j-m e-e A. geben, übertragen> || -K: **Aufgaben-, -bereich, -gebiet** **2** der Zweck od. die Funktion, die von j-m /etw. erfüllt werden sollen: *Ampeln haben die A., den Verkehr zu regeln* **3** ein *mst* mathematisches Problem <e-e A. lösen; j-m e-e A. stellen> || -K: **Rechen-** **4** *nur Sg*; das Aufgeben<sup>1</sup> (1) <die A. e-s Pakets, e-s Inserats, e-r Bestellung> || -K: **Ge-päck-** **5** *mst Pl, Kurzw* ↑ **Hausaufgabe, Schulaufgabe** <seine Aufgaben machen>  
**Auf-ga-be**<sup>2</sup> *die; nur Sg*; die (vorzeitige) Beendigung e-r Sache od. e-s Vorhabens (in e-r oft schwierigen Situation) <die A. des Berufs; j-n zur A. zwingen>: *die A. des Boxers in der achten Runde*  
**auf-ga-beln**; *gabelte auf, hat aufgegabelt*; **VII** *gespr.* **1**

*j-n a. oft pej*; j-n zufällig treffen u. kennen lernen: *Wo hast du denn diesen Typ aufgegabelt?* **2** *etw. a.* etw. zufällig finden u. mitnehmen: *e-e schöne Uhr auf dem Flohmarkt a.*  
**Auf-gang** *der*; **1** e-e Treppe, die nach oben führt: *Der A. zum Turm ist sehr eng* || -K: **Bühnen-, Trep-pen-** **2** das Aufgehen ↔ Untergang <*mst* der A. der Sonne, des Mondes> || -K: **Mond-, Sonnen-**  
**auf-ge-ben**<sup>1</sup> (*hat*) **VII** **1** *etw. a.* j-m /e-r Institution etw. zur Bearbeitung od. Weiterleitung geben <e-n Brief, ein Paket, ein Telegramm a.; e-e Bestellung beim Ober a.; e-e Annonce, e-e Anzeige in der Zeitung a.> **2** (*j-m*) *etw. a.* (als Lehrer) seinen Schülern Arbeiten geben, die sie zu Hause erledigen müssen <Hausaufgaben, e-e Übersetzung a.>: *Der Lehrer gibt zu viel auf* **3** *etw. gibt j-m Rätsel auf* etw. ist für j-n nicht zu verstehen: *Ihr Verschwinden gab uns viele Rätsel auf* || ► **Aufgabe**<sup>1</sup>  
**auf-ge-ben**<sup>2</sup> (*hat*) **VII** **1** *etw. a.* definitiv aufhören, etw. zu tun ↔ anfangen <das Rauchen, Trinken a.> **2** *etw. a.* (oft in e-r schwierigen Situation) auf etw. verzichten (müssen), etw. nicht mehr verwirklichen können <die Wohnung, den Betrieb, das Geschäft a.; die Hoffnung, den Widerstand, e-n Plan a.>: *Wegen ihrer Krankheit musste sie ihren Beruf a.* **3** *j-n a.* die Hoffnung verlieren, dass j-d (vor dem Tod od. aus e-r ernsten Situation) noch gerettet werden kann: *Die Ärzte hatten den Patienten bereits aufgegeben*; **VII** **4** (wegen e-r Verletzung od. der aussichtslosen Situation) e-n (Wett)Kampf, e-e Arbeit o.Ä. nicht zu Ende führen: *Der Läufer war so erschöpft, dass er kurz vor dem Ziel a. musste* || ► **Aufgabe**<sup>2</sup>

Figura 6. Verbetes dicionário alemão Langenscheidt.

**Sprache** *die*; -, -n; 1 ein System von Lauten, von Wörtern u. von Regeln für die Bildung von Sätzen, das man benutzt, um sich mit anderen zu verständigen <e-e afrikanische, germanische, romanische, slawische S.; die deutsche, englische, französische usw S.; die geschriebene, gesprochene S.; e-e S. (er)lernen, beherrschen, (fließend) sprechen, verstehen; e-r S. (*Gen*) mächtig sein; etw. aus einer S. in e-e andere übersetzen>: „Wie viele Sprachen sprichst du?“ - „Zwei: Deutsch u. Spanisch“ || K: **Sprach-**, **-beherrschung**, **-didaktik**, **-forscher**, **-genie**, **-geographie**, **-geschichte**, **-grenze**, **-kenntnisse**, **-kurs(us)**, **-lehrer**, **-norm**, **-studium**, **-system**, **-unterricht**; **sprach-**, **-begabt**; **Sprachen-**, **-institut**, **-schule**, **-studium** || -K: **Fremd-**, **Landes-**, **Mutter-**, **Zweit-**, **Hilfs-**, **Kunst-**, **Stan-**

**dard-**, **Umgangs-**, **Verkehrs-**, **Vulgär-**, **Welt-** 2 nur Sg; die Fähigkeit zu sprechen <die menschliche S.>: durch e-n Schock die S. verlieren; herausfinden. ob Affen zur S. fähig sind || K: **Sprach-**, **-fähigkeit**, **-handlung**, **-probleme**, **-störung** 3 die Variante e-r S. (1), die e-e Gruppe von Menschen spricht ≈ Jargon: die S. der Diebe, der Jugendlichen, der Juristen || -K: **Ganoven-**, **Gauner-**, **Jäger-**, **Kaufmanns-**, **Rechts-**, **Soldaten-**; **Sonder-** || NB: ↑ **Dialekt**, **Mundart** 4 die spezielle Art, sich auszudrücken ≈ Ausdrucksweise, Stil <e-e gekünstelte, geschraubte, gestelzte, gewählte, gezielte, lebendige, klare, natürliche, schlichte S.> || K: **Sprach-**, **-ebene**, **-kunst**, **-register**, **-schicht**, **-stift** **sprach-**, **-gewandt** || -K: **Bibel-**, **Dichter-**, 5 ein System von Symbolen, Bewegungen o.Ä., mit dem bestimmte Bedeutungen od. Gefühle ausgedrückt werden <die S. der Kunst, der Musik, der Malerei>: In der S. der Blumen bedeuten rote Rosen „ich liebe dich“ || -K: **Computer-**, **Gebärden-**, **Körper-**, **Programmier-**, **Taubstumm-**, **Tier-**, **Zeichen-** 6 e-e **lebende** / **tote S.** e-e S. (1), die heute noch / nicht mehr gesprochen wird: Latein ist e-e tote S. || ID e-e **andere S. sprechen** e-e andere Einstellung als j-d haben u. sich deshalb schlecht mit ihm verstehen; **die gleiche** / **j-s S. sprechen** die gleiche Einstellung wie j-d haben u. sich deshalb gut mit ihm verstehen; **etw. spricht e-e andere S.** etw. drückt etw. völlig anders aus als j-d anderer / etw. anderes: Die Regierung sagt zwar, der Bevölkerung gehe es gut, aber die Statistik spricht e-e andere S.; **etw. spricht e-e eigene S.** etw. lässt ganz bestimmte Schlüsse. Interpretationen zu; **etw. spricht e-e deutliche S.** etw. lässt etw. Negatives deutlich erkennen: Die neuen Arbeitslosenzahlen sprechen e-e deutliche S.: **j-m verschlägt es die S.** j-d ist so überrascht, dass er nicht mehr weiß, was er sagen soll; **etw. kommt zur S.** etw. wird besprochen; **die S. auf etw. (Akk) bringen**; **etw. zur S. bringen** auf ein bestimmtes Thema kommen; **mit der S. nicht herausrücken** / **herauswollen** *gespr*; über etw. nicht sprechen wollen; **mst Raus mit der S.!** *gespr*; verwendet, um j-n ungeduldig aufzufordern, e-e unangenehme Frage zu beantworten || ► **sprechen**

Figura 7. Verbetes dicionário alemão Langenscheidt.

**rein**<sup>1</sup> Adj; **1** nicht mit anderen Stoffen gemischt ≈ pur <Gold, Silber, Alkohol, Baumwolle; chemisch r.>: *Das Kleid ist aus reiner Seide* **2** nicht mit anderen Tönen od. Farben gemischt <ein Blau, ein Ton; r. weiß> **3** sehr klar <ein Klang, e-e Stimme>: *etw. klingt r.; j-d singt r.* **4** ohne Akzent ≈ akzentfrei <e-e Aussprache>: *ein reines Französisch sprechen* **5** ganz sauber <ein Hemd, Wäsche; Luft, Wasser> **6** ohne schlechte Gedanken (*bes* sexueller Art) ≈ unschuldig ↔ verdorben <Gedanken, e-e Liebe; ein reines Herz haben> **7** *nur attr od adv, gespr*; nichts anderes als ≈ pur: *Es war der reine Zufall, dass wir uns heute getroffen haben; Dieser Antrag ist e-e reine Formalität* **8** *mst etw. ist der | die | das reinste* + Subst, *gespr, oft iron od hum*; verwendet, um e-e Aussage zu verstärken: *Im Vergleich zu Joggen ist Arbeiten die reinste Erholung; Das ist der reinste Wahnsinn!* || ID *etw. ins Reine bringen* etw. in Ordnung bringen; *mit j-m | etw. ins Reine kommen* Probleme, die man mit j-m / etw. hat, lösen; *mit sich (selbst) ins Reine kommen* sich darüber klar werden, was man will; *etw. ins Reine schreiben* etw. noch einmal schreiben, damit es schön u. sauber ist <e-n Aufsatz, e-n Brief ins Reine schreiben> || NB: ↑ **Gewissen** || zu **1-6 Rein·heit** *die; nur Sg*

**rein**<sup>2</sup> Adv; *gespr*; ↑ **hinein, herein**

**rein**<sup>3</sup> Partikel; *betont u. unbetont*; **1** verwendet, um auszudrücken, dass etw. ausschließlich im genannten Sinne erfolgt (ist): *r. gefühlsmäßig handeln; Das ist ein r. privates Gespräch* **2** verwendet, um e-e Aussage zu verstärken: *Sie glaubt mir r. gar nichts; Es ist r. zum Verzweifeln mit ihm!*

Figura 8. Verbetes dicionário alemão Langenscheidt.

**Wan·del** *der; -s; nur Sg*; der Übergang von e-m Zustand in e-n anderen ≈ Veränderung <ein allmählicher, plötzlicher, rascher, tief greifender, sozialer W.; ein W. tritt ein; e-n W. herbeiführen; etw. unterliegt dem W., ist dem W. unterworfen> || ID *im W. der Zeit(en)* im Verlauf der Geschichte mit ihren vielen Veränderungen

**wan·deln**<sup>1</sup>; *wandelte, hat gewandelt*; [VI] **1 etw. w. geschr** ≈ ändern; [VI] **2 etw. wandelt sich** etw. ändert sich <der Geschmack, die Mode> || *hierzu wan·del·bar* Adj

**wan·deln**<sup>2</sup>; *wandelte, ist gewandelt; geschr*; [VI] *langsam, mst ohne bestimmtes Ziel herumgehen*

Figura 9. Verbetes dicionário alemão Langenscheidt.

**Wand·lung** *die; -, -en*; **1** *geschr* ≈ Veränderung, Wandel <e-e W. zum Guten, zum Bösen> **2** *Rel*; (nach katholischem Glauben) die Verwandlung von Brot u. Wein während des Abendmahls in Leib u. Blut von Jesus Christus

Figura 10. Verbetes dicionário alemão Langenscheidt.

**wört·lich** Adj; dem Originaltext exakt entsprechend ↔ sinngemäß <etw. w. übersetzen, zitieren> || ID *etw. (alzu) w. nehmen* etw. zu genau nehmen

Figura 11. Verbetes dicionário alemão Langenscheidt.